

O RISCO DO BORDADO

ROMANCE

AUTRAN
DOURADO



DIFEL

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

O RISCO DO BORDADO

ROMANCE

AUTRAN
DOURADO

Criação ePub: Reliquia



Título: O RISCO DO BORDADO

Autor: AUTRAN DOURADO

Ortografia Atualizada e Revista Pelo Autor

Digitalizado e revisto por Virgínia Vendramini

Criação do ePub por Reliquia

Impresso pela Monsanto Editora

DIFEL Difusão Editorial SA

SÃO PAULO - Rio DE JANEIRO

© Copyright by Autran Dourado

1981 Direitos reservados para a língua portuguesa: DIFEL

Sede:

Av. Vieira de Carvalho, 40 - 5º andar - CEP 01210

São Paulo - SP - Tels.: 223-4619 e 223-£923

Filiais:

Rua Marquês de Itu, 79 - CEP 01223 - Sflo Paulo - SP

Tel.: 221-7725

Rua da Proclamação, 226 - Bonsucesso - CEP 21040

Rio de Janeiro - RJ - Tel.: 270-8088

ÍNDICE

- I – Viagem à Casa da Ponte
- II – Nas Vascas da Morte
- III – Valente Valentina
- IV – As Voltas do Filho Pródigo
- V – Assunto de Família
- VI – O Salto do Touro
- VII – As Roupas do Homem
- Sobre o Autor

«Quando eu era mais jovem, podia lembrar-me de qualquer coisa, tivesse ou não acontecido; mas agora as minhas faculdades estão decaindo e em breve só serei capaz de me lembrar das coisas que nunca aconteceram.»

- Mark Twain, AUTOBIOGRAFIA

I – VIAGEM À CASA DA PONTE

Foi Zito quem contou como era por dentro a Casa da Ponte. Não podia acreditar, não acreditava se não fosse Zito. Um menino daquela idade entrar na Casa da Ponte!

Se fosse Tuim por exemplo, João tinha dado uma boa gargalhada. Tuim' era fino e ligeiro na mentira. com Zito era diferente, tinha de acreditar.

A Casa da Ponte, o mundo fechado, o reino proibido. O casarão prenhe, as muitas janelas de dia sempre cerradas, o casarão prenhe de segredos, suspenso em sortilégio, as janelas acesas durante quase toda a noite - luzes vermelhas e azuladas - o casarão prenhe de segredos jamais revelados povoava feito uma girândola de muitas cores a insônia do menino. Não podia dormir, o coração miúdo se enchia de sobressaltos e medos.

Os elementos com que fabricava os seus sonhos diurnos eram poucos e esgarçados, não davam para ele ter uma visão total. Eram pedaços de conversa pescados por acaso, vultos vistos furtivamente correndo quando ele passava perto do casarão. Nunca parava nas proximidades da Casa da Ponte, com medo que o vissem. O que é que você está fazendo aí, podiam perguntar e ele estaria perdido, descoberto.

Mesmo as famosas habitantes da Casa da Ponte, segregadas e famosas, tão diferentes das outras mulheres de Duas Pontes (desde longe podia reconhecê-las, quando saíam na rua para as compras, esparecendo a modorra, gatas na tarde) perdiam à luz do dia muito da lenda dourada. Mesmo assim João as seguia de uma certa distância, acompanhava os passos bamboleantes, os quadris cheios remexendo provocadores, via os olhares que os homens lançavam para elas, os ditos quando elas se aproximavam, as chacotas, os risos.

Se cruzavam com elas, as mulheres casadas desciam da calçada, viravam ostensivamente a cara. Elas eram a chaga, o pecado, a perdição de Duas Pontes. Muitas das casadas, se pudessem, a dignidade permitindo, teriam contas a ajustar com elas. E cobrariam então velhas dívidas: o que tinha sido feito do amor de seus maridos, por que havia agora veneno no carinho dos seus filhos?

Na Casa da Ponte é que elas realmente viviam, viviam uma vida mítica. Eram como ninfas: de noite à luz de candeias volantes, saíam a cantar pelos bosques.

Quando acontecia encontrá-las, João dizia baixinho os nomes embalsamados: Zilá, Violeta, Felícia, Ciganinha, Lina, Teresinha Virado. Ai, meu Deus, Teresinha Virado!

Teresinha Virado, talvez porque a mais nova, talvez por causa dos cabelos sedosos, talvez pelas sugestões escondidas no nome, tinha o condão de movimentar a máquina dos sonhos. Urutau, mandalua purgando à luz da lâmpada azulada. Ele teria medo de se aproximar de Teresinha Virado, ela por acaso o chamando alguma vez, lhe dirigindo a palavra na rua, ela que nunca sequer tinha reparado nele.

Mas de noite, choralua, quando o mundo se apagava, a carne fremia quente, era o nome que ele repetia. Teresinha Virado, Teresinha Virado, ai Teresinha Virado! E as mãos trêmulas, o peito arfando, os olhos compridos e macerados, via a Casa da Ponte iluminada - lâmpadas azuis e avermelhadas, pasto de memcráveis fantasias.

Só acreditou porque tinha sido Zito quem falou. Outro qualquer, Tuim por exemplo, muito mentiroso, faria o gesto tá que eu acredito! Não era nenhum bobo para ficar ouvindo campo queimado de Tuim. com Zito era diferente, Zito tinha autoridade sobre ele, de uma certa maneira avançara muito em sabença e sisudez.

Pouco mais velho do que ele, aos quinze anos Zito já tinha assumido encargo na vida. João se preparava na época para prestar exame de admissão em São Mateus, Zito não podia ir, teve mesmo de abandonar os estudos com dona Felícia e buscar a sua trilha na vida. com a morte do pai pouco depois, sem posses, a pobreza se agravou por demais na casa de Zito. Foi trabalhar na loja de seu Bernardino.

João, seu melhor amigo, o dia inteiro juntos, se viu privado de sua companhia nas férias. Não podiam mais esticar pela cidade, pelos matos, pelas grotas, a sua vadiagem de meninos.

Agora João tinha de praticar sozinho as suas reinações ou então ir procurar outros meninos. Tuim por exemplo, com Tuim não tinha graça nenhuma. João logo se entediava, com Zito é que era gostoso.

E muitas vezes ia para a loja de seu Bernardino, ficava assuntando os fregueses que por ali faziam ponto, até que Zito dizia vem cá, João, me dá uma mão nestas peças de fazenda. Ficavam em silêncio, seu Bernardino era muito zeloso do serviço dos empregados. Mesmo assim melhor do que com Tuim, se sentia compensado, solidário.

Não diga, disse João segurando uma peça de brim. Você fei mesmo? Me conta. Depois, lá fora, disse Zito baixinho olhando de viés para seu Bernardino.

João ia empilhando as peças de brim e divagava longe. Não é possível, como é que Zito foi na Casa da Ponte?

Zito era sério e compenetrado, bem taludo e espichado é verdade, mas pouco mais velho do que ele, as mulheres não deixariam ele entrar. De noite então, de jeito nenhum! Só se tivesse sido de dia. Mas como, por causa de quê? Todo mundo sabia que seu Bernardino tinha mulher na Casa da Ponte, não era novidade. Quem sabe Zito não foi levar algum recado para Lina, a amante de seu Bernardino? Não, de jeito nenhum, nem vê, seu Bernardino

era homem sisudo, se dava ao respeito, não ia mandar Zito levar recado nenhum. Só se fosse mentira de Zito. Mas Zito não era de mentir nem de contar vantagem. Tuim, sim. Um dia ainda vou lá passear a minha prosa, dizia Zito quando os dois contavam histórias que tinham ouvido, negociavam a moeda do sonho. Ele, João, nunca que teria coragem de dizer para os outros uma coisa dessas.

Dizia só para si, ruminava o pensamento manso. Zito tinha muita ousadia de sonhar, de dizer. Quem sabe foi mesmo? Não deixavam entrar, um menino. Quinze anos era muita coisa, mas para elas Zito ainda era um menino. Quem sabe ele, corajoso agora, sério por causa do emprego na loja, não tinha ido lá por conta própria perguntar qualquer coisa com ar de desentendido? Não, quem vê! E o medo de tudo vir bater nos ouvidos de seu Bernardino? Estive lá na Casa da Ponte, foi só o que disse Zito.

Não podia ter escutado mal, ouviu claramente. Zito tinha aberto a porteira do mundo.

João ruminava, destilava. Zito agora conhecia um mundo muito maior do que ele. Podia ser até um daqueles viajantes de guarda-pó branco que passavam de trem por Duas Pontes. Não bastasse o emprego na loja, que de uma certa maneira o tornava mais sério e mais velho, ainda por cima Zito agora podia dizer como eram de verdade as mulheres. Na sua morada, na intimidade quente. Querendo, ele podia até contar vantagem. Mas Zito não era disso, repetia João tentando se convencer.

Olhou bem nos olhos de Zito, procurava ver o que diziam os olhos, o escondido detrás dos olhos. A cara impenetrável, os olhos não diziam nada. Não estava mais ali quem falou. Ele agora atendia uma freguesa que queria três metros de morim. Depois, lá fora, disse. Como é que ele ia fazer, ainda faltava muito para a loja fechar, só à noitinha, na hora de sair. João não ia poder ficar ali o tempo todo, tinha de ir embora, já estava um tempão fora de

casa,, Quem sabe ele estava brincando, pra depois rir dele? Não era do feitio de Zito. Prezava muito a amizade para fazer uma coisa dessas. Zito era sisudo demais para brincadeiras. Só se lembrava de ter visto Zito mofar de alguém uma vez. Mesmo assim ele ficou vermelhinho. Olhou de novo a cara de Zito. Nada, nenhum sinal. Ele não parecia se preocupar com outra coisa a não ser com a fala da mulher pechinchando no preço do morim. com os olhos João pediu para Zito dizer alguma coisa. Ele nem notava a sua aflição.

João via com inveja o companheiro. Zito tomava distância, ia bem longe na frente dele. Era capaz de Zito nem mais querer andar com ele quando nas férias João voltasse de São Mateus. Quando voltasse do colégio no outro ano, era capaz de Zito só querer saber de rapazes muito mais velhos do que ele, vai ver ia ter vergonha de andar na sua companhia. João se imaginava sempre pequeno, nunca se via crescendo. O que agora ele conhecia mesmo era o mundo selvagem do colégio, as descobertas bruscas e violentas, tão diferente do conhecimento pausado, fundo e seguro, do companheiro.

Via-se triste no futuro, inteiramente abandonado, sem ninguém, nenhum amigo verdadeiro na vida. Teria de ir procurar Tuim. Não, nunca na vida ia procurar Tuim.

Zito agora vendia uma botina ringideira para um camarada que tinha deixado o cavalo amarrado na argola do passeio. João não se continha, precisava saber. Quando seu Bernardino foi cumprimentar o juiz de direito, João voltou-se ligeiro.

Quando é que vai ser? disse. O homem da botina olhou desconfiado, não gostando da interrupção. Daqui a pouco, disse Zito.

Ele ia esperar, agora tinha de esperar. Daqui a pouco Zito falava com ele. Se fosse mesmo verdade, tinha de contar tudo tintim por tintim. Como era a Casa da Ponte por dentro, as mulheres como é que viviam, as roupas que elas usavam em casa, como eram elas de verdade. Num instante Zito

virava homem feito, podia ter até quem sabe alguma intimidade com elas. João é que ficaria para sempre menino, sozinho, abandonado.

E Teresinha Virado? Será que ele viu Teresinha Virado? Vai ver ela não estava em casa quando Zito foi lá. Era demais se ele tivesse falado com Teresinha Virado. Não queria nem pensar. Teresinha Virado segurando as mãos de Zito, olhando manso nos olhos dele. Zito firme, não tremia nem um pouquinho, até apertava devagar a mão de Teresinha Virado, dizia sorrindo, homem taludo, compassou. Não, nunca mais João poderia, urutau, repetir para a noite Teresinha Virado, ai Teresinha Virado! A vida envenenada, o coração pesado, a noite untuosa. Puta! disse com ódio, e a palavra, antigamente um sinal de carinho, de indizíveis promessas (putinha, ele gostava de dizer), ganhou a rudeza do palavrão. Sentia pela primeira vez na boca o gosto duro de xingar mulher. Machucado, quase chorando, não queria nem pensar. Não, de jeito nenhum Zito falou com ela, nunca tocou num fio de cabelo de Teresinha Virado. Os homens podiam fazer tudo com ela, Zito é que não. Ela com certeza não estava em casa quando ele foi lá. Teresinha Virado brandamente branca, cabelos louros mansos, dorzinha funda no coração.

Nunca para ele uma espera durou tanto num átimo assim tão pequeno. O coração carregado, lampejos, vislumbres. Teresinha Virado faceirosa tinha uns modos de olhar de quem promete tudo, um riso rasgado e claro que brincava com a amargura do menino, deixava-o intrigado de ciúmes. João fugia de pensar, não deixava de pensar. Num lusco-fusco viu tudo. Teresinha Virado passou de leve os dedos nos cabelos de Zito. Era demais suportar tamanha sem-vergonhice. Teresinha cascalhava, e o riso de Teresinha Virado era lama na alma esfarrapada. Ele me paga se é mentira, ele me paga se é verdade! Fazia qualquer coisa de ruim com ele. Ela não estava lá, Zito nunca

viu de perto Teresinha Virado! Conhecía tanto Teresinha quanto ele, menos do que ele - Zito nunca teve o seu poder de sonhar.

Ainda custou muito, Zito não lhe dizia coisa alguma. Metade dele queria ir logo embora, a outra metade fincava pé; precisava saber já como foi, precisava saber notícia de Teresinha. Zito não ia mentir, viu um instante nos olhos dele um brilho alegre; Zito era seu amigo, não ia mentir para ele.

De repente Zito deu sinal de vida. Seu Bernardino, o caminhão chegou, disse ele. Posso entregar os tambores vazios? O que é que você está esperando, disse seu Bernardino perguntando. Vem comigo, Zito puxou João pelo braço.

Lá fora, ajudando os homens do caminhão com os tambores de gasolina, João começou o catecismo.

Quando foi? Na hora do almoço, às onze horas. Que é que você foi fazer lá? Fui levar umas caixas de sapato pras mulheres experimentarem. Seu Bernardino é que mandou?

Foi. Você acha que eu ia sozinho? Seu Bernardino disse que era pra Lina. Mais ou menos. Ele só disse você vai lá na Casa da Ponte, sabe onde é, não é? e leva aquelas caixas de sapato pras mulheres experimentarem. Ele não quer que elas venham aqui na loja, por causa das outras freguesas. Como foi que ele disse? Você vai lá e pergunta por dona Lina que ela explica, foi o que ele disse. Quer dizer então que ele disse o nome dela?

João parou um pouco para respirar, mesmo vazio o tambor de gasolina pesava muito. Ia rodando o tambor com cuidado, para o aro do fundo não lhe esmagar o pé. Um cheiro forte de gasolina e óleo sufocava o nariz do menino. Como é que ele ia fazer para falar naturalmente de Teresinha Virado sem que o outro conhecesse todo o seu segredo? O coração batendo na garganta, João pensava nas suas noites de urutau. Se debruçava para os lados da Casa da Ponte, as luzes coloridas, dizendo repetidas vezes o nome de

Teresinha Virado. Tinha medo de que os outros soubessem, estaria perdido, um bichinho humilhado.

Não precisou de falar, foi Zito que abriu caminho, de maneira que tudo parecia sair naturalmente. Elas estavam na mesa almoçando quando eu cheguei, disse ele. Você viu todas? Acho que sim. Mas todas mesmo? Acho que todas elas. Dona Mercedes também estava? Estava sentada na cabeceira da mesa. Mas que confessorário! Deixa eu perguntar. Tinha algum homem lá? Acho que não. Só se estava lá dentro, trancado nalgum quarto. Também era cedo pra isso, não acha? disse Zito. Acho que não, seu Arquimedes por exemplo, eu sei que só vai lá de manhã, disse João. £, disse Zito, mas nem todo mundo é seu Arquimedes. (Agora ele ia dar um jeito de falar em Teresinha Virado, em dizer o nome dela na frente dos outros.) Das que a gente conhece, faltava alguma? Não, acho que não. Ah, disse João fingindo esquecimento, e Teresinha Virado? Ara, seu! eu falei todas elas, não falei? Teresinha Virado estava com um roupão de cetim com ramagens, disse Zito.

As águas paradas, escuras, que dormiam no fundo do peito do menino se agitaram ligeiras, espalhando-se em grandes círculos, quando o silêncio de ansiedade e espera se partiu, Zito dizendo Teresinha Virado estava com um roupão de cetim com ramagens. E as ondas que corriam eram agora lentas, quentes, irreais, desmaiadas: as pancadas lentas e desmaiadas e quentes dos sinos no sonho. Uma alegria medrosa incendiou a alma pequena 'no seu silêncio de êxtase. O cetim lustroso (o brilho louro estalando dos cabelos de Teresinha Virado) dançava batido pelo vento: vela enfunada, bandeira colorida. E a música em surdina, grave e cheia, solene e grave (as notas longas de um órgão na nave de uma igreja), espalhava a sua alegria impura e pecaminosa na alma desamparada do menino. E ele antevia Teresinha Virado caminhando: os passos macios de dança, o roupão brilhoso, as ramagens coloridas, os joelhos, o pedaço da coxa que aparecia enquanto ela

caminhava a sua dança por entre nuvens. E ele sentia a macieza morna do cetim no rosto, as penugens macias do peito das rolinhas. E o coração batia apressado, pulsava miúdo o coração de uma rolinha. E toda a sua alma medrosa se inundava da presença diáfana de Teresinha Virado.

Quê que foi, perguntou Zito. Vamos logo com esse tambor. Nada, disse João olhando a Serra de dona Mazília verde de cafezais. Todas estavam de roupão? Verde-ramagem, cetim cheiroso, o cheiro dos cafezais. Os frutos vermelhos nos galhos, doces, o rosado da carne, o cetim macio para os dedos. Umas sim, outras não, disse Zito.

Foi você que experimentou os sapatos nelas? Ahn, ahn, grunhiu Zito. Mas João queria mesmo era saber se ele tinha visto, se tinha segurado os pés cor-de-rosa de Teresinha Virado. Porém o coração sufocado não ousava tanto.

Depois, muito depois uma pequena fagulha açulou de esperança a alma do menino. E os sapatos serviram? Você não vai voltar lá mais, perguntou. Zito olhava-o bem nos olhos. Num instante pareceu perceber tudo. Não agradaram, disse ele. Fiquei de voltar lá amanhã, com mais umas pilhas. Você quer ir comigo? João não podia falar, fez que sim com a cabeça. Vai mesmo? João de novo fez que sim. Vai ser bom, você vai ver, disse Zito. Os dois juntos vai ser melhor, a gente pode conversar depois, disse João. Nem em Duas Pontes, nem no Colégio São Mateus, em lugar nenhum do mundo encontraria um amigo feito Zito.

Foi então que começou a longa viagem à Casa da Ponte.

João ficou zanzando pela cidade, embrulhando o tempo, fugia de encontrar algum conhecido. Não queria falar com ninguém. Chegava em casa quando a janta já na mesa.

Temia falar de frente com a mãe, ela podia ver: a alma pecaminosa, à flor da pele, boiava negra como manchas de óleo eu gasolina. com o pai era

mais fácil, se acostumara a manter com o pai um silêncio respeitoso. A mãe percebia tudo ligeiro, adivinhava logo quando ele estava doente, nem precisava botar a mão na testa para saber quando ele tinha febre. Assim João ficou fugindo pela cidade, sem rumo, boiando no azul, no cinza da tarde.

Na mesa, o pai comia em silêncio. A mãe contava um caso qualquer que tinha se passado em casa durante a ausência do marido. Os ouvidos longe, João não escutava o que ela dizia. O pai cuvia desinteressado, atento mais ao garfo que levava vagarosamente à boca. Depois mastigava demorado, contando o número de vezes, leu uma vez no jornal o número certinho de mastigadas que era bom pra saúde. Mas se o menino não ouvia, olhava minuciosamente, friamente, os mínimos gestos do pai, a boca da mãe que falava apressada e ria, de repente ria ela própria do caso que estava contando.

Entre o menino e as coisas, entre o mundo e a alma, um muro se erguia. Súbito descobriu que o pai sorria levemente, sorria não para o caso que a mãe estava contando, deliciado com alguma coisa que tinha se passado dentro dentro dele, que só ele sabia. O pai parou de mastigar, e a boca entreaberta, procurava no céu da boca um gosto qualquer, é capaz de que confirmando um gosto muito antigo, ou espantado com o de repente de alguma descoberta. O pai fechado no seu mundo.

Passado o instante em que o pai parou de mastigar e a mãe ficou esperando ele dizer alguma coisa, a cara do pai voltava ao seu natural, fechada. Mas quando menos esperava (a mãe desviava os olhos para a carne que ela partia atenta no prato), o pai parecia de novo sorrir. com espanto João desvendava a alma do pai, descobria no pai uma alegria quase feroz em comer. Via-se nos olhos escuros, os olhos que faiscavam concentrados na mastigação.

Apenas olhos, João procurava se fixar numa realidade inteiramente diversa de tudo o que estava se passando dentro dele. João se adestrava nas artes de esconder, de fugir. Esquecia por um momento o vulto de Teresinha Virado, o cetim lustroso, os pés apoiados nas mãos de Zito, as ramagens coloridas, farfalhantes. Na aventura da percepção, buscava esquecer a si próprio, o coração pesado, ganhava uma cara simples e cerrada como o pai às vezes, indevassável, intata. As mãos não se mexiam, a comida esfriando no prato. - João, o que é isso, meu filho, você não vai comer? disse a mãe só agora reparando, o caso interrompido. Será que você tem alguma coisa? Não é nada não, mãe, disse ele procurando ganhar tempo. Estava só prestando atenção no caso que a senhora contava. A mãe não acreditou, contava o caso maquinalmente. Sabia que nenhum dos dois se interessava por aquelas histórias caseiras. Depois, não estava contando nada de novo para ele ficar assim tão apalermado.

Você está sentindo alguma coisa? disse ela. Ara, mãe, não é nada não, já disse!

Voltou a comer, a mãe procurava agora observar melhor o filho. Ela buscou apoio no marido. O marido parecia indiferente à inquietação da mulher. Como o marido não atendesse ao seu apelo, você já reparou como este menino está hoje? com o pai a coisa era diferente, João sabia. Tratou de ir engolindo depressa a comida.

Será que você andou fazendo alguma na rua? disse o pai sem muita convicção, estava era com apetite. Por onde você andou? Lugar nenhum, disse João e abaixou a cabeça no prato. Por aí. Responda direito, disse o pai. Estava com o Zito na loja de seu Bernardino.

O pai se deu por satisfeito. A mãe continuava ainda desconfiada, alguma coisa se passa com este menino. João engolia a comida depressa para a mãe não vir outra vez com pergunta, comia sem nenhuma vontade. Ela começou a

contar outro caso, com o rabo do olho espiava o menino. O pai limpou a boca no guardanapo, depois do café palitava os dentes. Assim terminou o jantar.

Antes da mãe dizer qualquer coisa e o prender em casa, João ganhou correndo a porta da rua. De novo estava livre e sozinho. Podia trocar pernas pela cidade, zanzar por aí, sem ninguém lhe perguntar nada, sem ninguém para perturbar o devaneio vagaroso.

Não tinha agora nenhuma necessidade de falar. Queria ficar sozinho ao pensamento, muito além dos longes da serra. Vivia uma névoa doce e molemente melancólica. Nem mesmo Zito agora ele queria ver. O pensamento coleava os flancos da serra, serpeava longas distâncias. A alma buscava as planuras verdes, para além do azul. As ramagens verdes.

Procurava os lugares mais afastados da cidade. Foi até ao bosque dos eucaliptos da estrada de ferro, cheirou o ar fino e frio. Limpa os brônquios, dizia o pai meio farmacêutico. Em dia de tempestade, queimar folhas bentas no Domingo de Ramos é bem contra os raios, dizia a mãe. Santa Bárbara, São Jerome, quem não tem barba não é home. O ovo de Santa Clara em cima do muro. Santa Clara clareou, Santo Antônio iluminou, sai chuva, vem sol. Amanhã tem circo, se chover não vou. Ele menininho dizia. Pisava as folhas secas, de olhos cerrados ouvia no silêncio o zunido do vento, cheirava o ar embalsamado.

No pasto de seu Quincas, o cheiro bruto do capim gordura. Dava uma gastura grossa, arranhando o nariz por dentro. A calça cheia de carrapicho, engordurada. A mãe via logo quando ele tinha andado pelos matos. No curral, o cheiro quente das vacas apartadas. O mugido longo, chorado, de um bezerro. O cheiro fresco, grosso, ardido, das bostas. Não pisar nas grandes rodelas, por causa do mijacão. Uma cigarra rachou contínua o silêncio espriado do pasto.

E agora sentado nos degraus do cruzeiro, no Largo do Carmo, via a estrada seca e poeirenta, a terra vermelhona, os barrancos do cemitério, os muros brancos. A quietude estagnada, mosquitos zunindo. Um cheirinho seco de terra crestada que há muito não via chuva. Sem ele dar conta, o sol sumira detrás da serra, o céu escurecia.

João carregava duas pilhas de caixas de sapato amarradas por um cordão, Zito outras duas. João procurava andar depressa, não queria ser visto carregando aquelas caixas. A coisa podia chegar nos ouvidos do pai. E se encontrasse o pai pela rua, quê que havia de dizer? Não fosse a decisão de Zito, tinha vontade de desistir.

Tudo durante a tarde do outro dia, tudo que enchera de sonhos e magias a noite passada, parecia coisa antiga. No fundo agora tinha medo de ir à Casa da Ponte, ver de perto Teresinha Virado. O coração carregado de sobressaltos e sinos e arrepios. Zito não me perdoa nunca se eu fugir agora, ia pensando. Mas o grande medo era outro, tentava esconder de si mesmo. Inútil fugir, o medo vibrava surdo: e se o pai aparecesse por lá? Pior: e se encontrasse o pai por lá?

Zito olhava-o enviesado, desconfiando. Zito, escuta aqui uma coisa. Esses homens casados que a gente conhece vão todos na Casa da Ponte? Zito não respondeu logo, atrapalhado com as caixas. Nem todos, a maioria vai. E se perguntasse a Zito, não era tão seu amigo? Melhor que guardar aquele grande medo. Sufocava não falando. Zito, eu posso perguntar uma coisa, você jura que não conta pra ninguém? Você promete, por tudo quanto é mais sagrado, que esquece? Zito fingia se aborrecer com tamanha desconfiança: já contei pros outros o que você me contou em segredo? Não é isto, Zito. É uma coisa que está machucando muito comigo. Se não quer falar, não fala, disse Zito. Se quer falar, fala logo. É isto, disse João. Você já viu meu pai entrar alguma vez na Casa da Ponte?

Ah, era isto? Nunca, disse Zito. Quem vai muito lá é seu tio Alfredo. Isto não é novidade nenhuma, disse João, quem é que não conhece tio Alfredo? Ele mais tio Zózimo. Zito agora ia calado, a cabeça baixa, de vez em quando assobiava. Nem mesmo ouviu dizer que meu pai vai lá, perguntou João. Zito se limitou a dizer seu pai não é disso, a gente vê logo. Quem sabe Zito estava escondendo por delicadeza? Eu quero é saber, disse João, não vou ficar zangado se for verdade. Quero saber se pelo menos você já ouviu dizer.

Não, nunca. João suspirou aliviado. O pai não era disso. A mãe, coitada, ela podia ficar descansada. Às vezes os homens não fazem certas coisas com as mulheres deles porque respeitam elas, depois vão na Casa da Ponte desaguar, fazem tudo quanto é imundice. Seu pai não é disso, a gente vê logo, foi o que Zito disse. Vía o pai sentado presidindo a janta. Se além de tudo o pai ainda fizesse aquilo. Os silêncios do pai na cadeira de balanço, os olhos afundados no jornal. O pai tratava a mãe com muito respeito mas era muito medido. Nunca tinha visto o pai acarinhar a mãe, nem de manso escondido, só uma vez disfarçado. Uma vez ele pousou a mão de leve no ombro da mãe, ela se encolheu toda - um tatuzinho, abaixou os olhos, vermelhinha, que nem ela tivesse feito uma coisa muito indecente. Mas Zito não ia mentir, o pai não era disso.

Suspirava aliviado. Ainda assim arrependido de ter vindo. O pai podia vir a saber de tudo, a mãe (aqueles olhes que viam tudo, ela ficaria vermelhinha só de pensar ele lá) descobria. Na sua pureza, na sua brancura, na sua santidade - um tatuzinho, vermelhinha, ela não podia nunca entender. Ela sabendo que ele tinha segurado os pés de Teresinha Virado, ao menos tocado num fio de seus cabelos, nunca mais que João podia pôr a mão nela. A mãe agora se encolhendo vermelhinha quando ele lhe encostava a mão, um

tatuzinho. Se antevia sujo, a pessoa mais suja do mundo. Não queria nem pensar nisso, era nisso que não parava de pensar.

Não, ele nunca que seria forte e fechado feito o pai. Feito Zito agora, firme. Zito num grito seria homem, a gente via logo. Não sei como é que Zito ainda me dá a confiança de andar comigo. Se sentia humilhado. Via-se menino, mais menino do que nunca. Ai de mim. Um dia ainda era capaz de ter de procurar Tuim. Tuim, um merda.

Ele era pior de que Tuim.

O melhor remédio para sair daquela aflição era conversar, distraía o pensamento. O que é que você vai dizer pra elas? Zito descansou as caixas no chão. Você não quer ir? disse Zito agora com raiva. Se não quer, fala, eu vou sozinho. Ara, não é isso, disse João. Eu não quero é arranjar encrenca pra você. Você não vai dizer que eu estou trabalhando na loja, vai? Depois vai ser fácil pegar você na mentira, seu Bernardino fica sabendo. Zito disse a gente não precisa dizer muito, a gente nunca deve dizer nada explicadinho, ninguém quer saber nada por inteiro. As pessoas perguntam mais é por perguntar, pra enganar o tempo.

Zito proseava solene, dissertava. A segurança, a experiência, a sabedoria de Zito. João se sentia arrasado. Zito envelhecia a olhos vistos, por dentro já era um homem certamente. O que é que eu digo se me perguntarem? Não precisa dizer nada, deixa que eu digo, disse Zito. Mas o que é que você vai dizer? Zito estava soberano.

Será que ele não vacilava? Será que nunca tinha medo? Eu vou dizer quase nada, disse Zito. Só assim: este aqui é meu amigo João, veio para me ajudar. Além de mais Zito era engenhoso, de uma mansidão calma, nunca que se afobava. Nada como trabalhar na loja de seu Bernardino e saber as coisas, um homem na vida. Nunca ninguém vai poder dizer que eu estou mentindo, continuou Zito. Você não está me ajudando?

Na pente, João sentiu uma vontade apertada de mijar. Tinha de mijar logo, podia ficar pinga-pinga, as calças molhadas na frente das mulheres, um vexame. Diante de Teresinha Virado, uma vergonha. Quando tinha medo sentia vontade de mijar.

Se aliviou demorado, voltou. Zito assobiava distraído. Nem vê que Zito era que nem ele. Ou será que ele esconde o medo, feito tem gente que esconde cosca? Precisava se vencer, não podia dar má impressão. Mais por causa de Zito. Se estivesse sozinho, não tinha a menor importância.

Você deixa eu experimentar os sapatos em Teresinha Virado? disse de repente João. Assustou-se com a própria coragem.

Zito ficou sério, depois riu franco, aberto. Você também gosta dela? é boa mesmo, um mulherão. Tem cada coxa! Eu vi as coxas dela outro dia, até bem aqui em cima.

O chão parecia fugir debaixo dos pés. Mas ficou firme. Aquele gosta dela lhe dava uma certa cidadania, era um menino-quase-homem. Aquele você também o ligava mais a Zito, dava-lhe uma certa machidão. Bobagem a gente ficar pensando besteira, se rebaixando, se comparando com o merda do Tuim. Zito era seu amigo do peito, nunca que ele o abandonaria.

Pararam diante do sobradão velho. As janelas fechadas, tudo parecia morto ou dormindo. O coração batia picado, socavante. As sombras germinavam, o sobrado crescia branco. Uma boca gigante que de repente podia se abrir, o casarão caiado de branco. As janelas verdes fechadas, as pálpebras pesando de sono.

Zito avançou decidido. A mão firme bateu duas vezes na porta. Entre uma pancada e outra, um estirão enorme. João esperava, os olhos muito abertos. Podia não vir ninguém, as mulheres podiam estar dormindo, bem que podiam estar descansando. Zito fez menção de bater outra vez. Não, espera,, disse João, já vem gente.

A porta se entreabriu, e uns olhos esbugalhados e amarelos de preta rebrilharam lá dentro. Quem taí, perguntou a voz meio grossa. Só depois que Zito disse eu sou lá da loja de seu Bernardino, venho trazer estes sapatos, foi que a porta se abriu de todo. A preta disse vão entrando que eu vou chamar elas, e resmungando se afundou pelo corredor adentro. Os dois parados sem saber o que fazer. Pela primeira vez João viu relampear nos olhos de Zito uma indecisão, um medo. Quando a preta chegou no fundo do corredor, olhando para trás e vendo os dois parados, disse ocês não vêm? O bodum ardido da preta ficou zunindo no ar.

Agora os dois na grande sala de jantar dando para o quintal. O sol invadia a sala, uma luz ofuscante. Vindos do corredor escuro, os meninos custaram a se acostumar com a claridade.

A preta sumiu para dentro da casa, eles esperando. Das muitas portas que se abriam para a sala, podia surgir a qualquer momento a primeira delas. Bem que podia não ser Teresinha Virado, pensou João agoniado. Outra metade dele dizia bem que podia ser ela. Um engulho seco, o bodum da preta ainda grudado no nariz, uma ânsia de vômito. Que menino mais nervoso, era o que a mãe dizia.

Agora Zito arrumava as caixas, João se sentou no canapé de palhinha, recostou-se nas almofadas de veludo esgarçado. Os dedos brincando nos buracos da palhinha, no liso acetinado das almofadas. Os sentidos se aguçavam, viviam intensamente uma vida de aranhas sensíveis. Ruídos abafados vindos do fundo da casa, o zunir de uma mosca teimosa nos ouvidos. Os olhos procuravam se acostumar com as coisas da sala. O assoalho de grandes tábuas largas e secas, lavadas (o cheiro de poeira no nariz, pensando que as tábuas eram lavadas e secas), o teto de madeira pintada, o lustre de quatro braços, os abajures de papel crepom desbotado, sujos de mosca, que cobriam as lâmpadas. As ramagens da mangueira velha

na janela, balançadas pelo vento, os cachos floridos. Era tempo de mangueira dar flor, sentiu o cheiro meloso da resina. A doce penumbra da sala se misturando com o cheiro da mangueira, com o cheiro mesmo da casa, úmido, sombrio. Tudo ruminando numa baba pegajenta, um espanto todo feito de atenção angustiada. O nariz, os olhos, os ouvidos abertos, a pele porosa, todo ele se escancarava às sensações novas. Previa, pressentia, ouvia as mulheres antes delas estarem ao alcance dos seus olhos, do seu nariz, dos seus ouvidos.

Nunca imaginou que a casa pudesse ser assim. Uma sala comum, os mesmos móveis lá de casa, da casa de vovô Tomé, de todas as casas que ele conhecia. Uma única diferença: as muitas cadeiras espalhadas. A cristaleira, as xícaras dependuradas nas prateleiras, até mesmo a surpresa de uma Santa Ceia na parede. Deus está em todos os lares, disse repetindo alguém. Em todos os lugares, corrigiu. Mas nunca que podia pensar Jesus comendo no meio daquelas mulheres. É verdade que Jesus sempre viveu no meio de gente ordinária, cercado de mulheres da vida. Era o que dizia tio Zózimo no desrespeito.

Tudo tão diferente do que ele imaginava. Nunca imaginara direito como devia ser por dentro a casa das mulheres. A Casa da Ponte era o mistério, jamais podia supor que as coisas ali dentro fossem iguais, tivessem a mesma matéria, a mesma existência do mundo lá de fora. Só o cheiro diferente (mas o cheiro de cada lugar é diferente), um cheiro nunca antes sentido ou imaginado, um cheiro que assinalaria para sempre dentro dele aquele lugar, aquela hora, aquela espera.

A primeira que apareceu foi Lina. Vinha vestida de azul, o vestido muito curto, as mangas cavadas, os braços de fora, uns braços brancos de leite, o decote fundo, ele via um naco de seio. Junto do ombro um broche de pedras fantasia. Vinha muito chique para a ocasião. com certeza tinha ido se

aprontar, precisava dar boa impressão, os meninos estavam ali representando seu Bernardino.

Venham, gente, gritou ela para os fundos da casa, os sapatos chegaram. Depois cumprimentou os meninos, apertando muito atenciosa a mão que João humildemente medroso lhe estendia. Prazer, procurou ele dizer. Fiquem à vontade, disse ela muito dona-de-casa-atenciosa. João reparava na brancura leitosa dos braços gordos, no tostão da marca de vacina, no sovaco raspado, nas manchas de talco, no naco de seio. Ela recendia a Leite de Rosas, a perfume barato, enjoativo. Quando ela disse fiquem à vontade, viu uma falha de dente que ela forçava por esconder com um jeito de boca.

Quando Lina, toda afetada, disse, apontando para ele, mas este aqui é um menino! João estremeceu. E Lina riu um riso luminoso que brilhou muito tempo no ar. A ponta da língua tapando a falha de dente. João abaixou os olhos envergonhado, surpreendido na sua meninice. Está me ajudando, veio Zito em seu auxílio, mais velho. Difícil fingir idade quando a gente não sente por dentro.

As outras chegaram depois. Vinham à vontade, de roupão. Ciganinha apareceu na porta, de combinação, mas Lina lançou um olhar tão duro que ela voltou logo para se arrumar. E assim chegaram Zilá, Felícia, Violeta, e uma que devia ser nova ali, nenhum dos dois conhecia, mais tarde confirmaram. E como se tudo se passasse num teatro em que as entradas em cena eram preparadas só para ele, por fim veio Teresinha Virado.

Teresinha Virado de roupão vermelho, não de ramagens, mas de cetim brilhante, como ele esperava. Os olhos no chão, não podia ver Teresinha direito, mas reparava nos mínimos gestos, sentia a imensa presença. Uma hora viu: os cabelos soltos eram mesmo de um louro lustroso. Mas nunca podia imaginar aquela cor de ouro pálido, os cabelos tinham um brilho

fugidio onde a luz brincava. Ela envolvia-o num perfume manso, vagaroso, penetrante. Teresinha Virado foi emudecendo o coração do menino.

Depois, depois, como foi mesmo depois? Só depois, muito depois, já longe dali, noutra lugar, noutra tempo, outro coração, foi que João pôde juntar e separar dentro de si as variadas figuras do calidoscópio, a mistura confusa de cores, cheiros, gestos, risos e falas. A voz ciciante de Lina, a falha de dente, a pontinha da língua, o sovaco azul manchado de talco, a andadura de Teresinha Virado, o cetim brilhoso, os seios balançando soltos dentro do roupão, a presença que de repente iluminou toda a sala. As mulheres todas numa festa fantástica. Ninfas em concílio, liturgia, pura dança. Tonto, na hora parecia não ver, não ouvir, não sentir. As mulheres dançavam uma ciranda mágica sem fim, uma música em surdina, distante, só para ele.

Mais tarde João ia relembrando aos poucos as mínimas coisas, os menores gestos, os ruídos mais apagados. Bastava querer, apertava os olhos, voltava-se para o coração assombrado, peço de águas escuras, ressoantes, profundas, cavas.

E surgia uma nova Teresinha Virado, uma Teresinha Virado inteira, perfeita na sua substância de sonho. Não era mais aquela Teresinha da primeira imagem, feita também de farrapos de sonho, quando ainda não a conhecia, quando ainda não tinha segurado os seus pés, que essa primeira imagem, antevista no coração, a presença real de Teresinha Virado matara.

Teresinha Virado era muito real demais para o seu sonho. Lembrava as pernas raspadas (os cabelinhos espetados furando a pele), as coxas lisas, redondas, que de repente engrossavam bem em cima no escuro: quando ela cruzou as pernas estendendo o pé para ele calçar o sapato. No joelho gordinho uma cicatriz em formato de lua crescente.

O joelho arredondado, a macieza da meia cor de carne no rosto, quando tremendo esbarrou de propósito, fingindo sem querer. Em todo o corpo um só calafrio. Um tremor incontido nas mãos, segurou a coisa quente que eram os pés de Teresinha Virado. Tremor que ela percebia, certamente percebeu: sorriu de leve, sabida, percebia, mulher treinada, putinha, sem que ninguém pudesse notar lhe afagou a cabeça inclinada sobre os pés. Não podia ver direito a cara de Teresinha Virado, mas sabendo que ela sorria, sentindo na pele o sorriso manso que mexia com ele, que falava com ele. Mais que tudo, ele respirava o cheiro quente de carne, o cheiro das coxas entreabertas.

Teresinha Virado era de carne inteiramente diversa da carne que ele criara em sonho. Mas essa Teresinha de carne e osso, que matava a primeira Teresinha e apagava a imagem esfumada de neblina e emudecia os sinos da noite, tinha o condão de gerar uma nova Teresinha, um novo sonho, novos sinos na noite.

De agora em diante Teresinha Virado vinha de roupão vermelho, deixando aparecer quando andava as chinelinhas de pano, os pompons de lã cor-de-rosa.

Saindo da Casa da Ponte, os meninos vinham lerdos e calados. Não falavam, não ousavam conferir o que tinham visto, ouvido, sentido. Em frente à loja de seu Bernardino, se despediram.

Sozinho, João agora tinha pressa de chegar em casa e se trancar no quarto. Cheirou a camisa, cheirou o próprio corpo, cheirou as mãos. Um cheiro de água-de-colônia que fazia lembrar a alfazema da roupa de cama, só que mais grosso, mais oleoso, mais estridente. Um cheiro de Leite de Rosas, que Teresinha Virado passava nos sovacos raspados, nas pernas lisinhas. Um cheiro de carne quente e úmida. Um cheiro que ele nunca tinha visto em ninguém. Um cheiro estranho e penetrante, que não saía nunca, por mais que ele lavasse. Um cheiro que ficaria para sempre cheiro de mulher.

Entrou correndo em casa. João, gritou a mãe. Não respondeu, não podia responder. Se trancou no quarto, o coração pulando descompassado. Ai, a mãe podia ouvir, podia ver, podia sentir. Era agora um cheiro grosso, sumarento, berrante, que invadia todas as fibras do corpo, descia pelas raízes, encharcava o coração.

II – NAS VASCAS DA MORTE

Há vários dias que tio Maximino estava para morrer. O velho morre não morre - já morreu, é pra hoje, no Colégio São Mateus só se falava nisso. Não que os meninos se preocupassem com o velho por causa de João. Muitos deles nem sabiam do parentesco. Os que sabiam davam parte de ignorar para poder saltar mais à vontade o muro do velho. Depois, João nunca tinha ido lá na casa de seu Maximino Filgueiras, parente muito longe, de detrás das serras, diziam. Era mais pelo remorso das muitas que tinham feito com ele na guerra travada anos a fio, geração após geração, agora que o velho Maximino estava para morrer - aquela agonia lenta que chegava a dar nos nervos e que deixava os meninos, o colégio, a cidade, suspensos de angústia, de medo.

Cada dia vinha um com uma notícia fresquinha. Assim João ficava sabendo do estado de tio Maximino. Nessa hora de mudo respeito, chegavam à delicadeza rara de não perguntar nada, poupando a João o aborrecimento de ter de contar que tio Maximino era brigado com a sua família, quer dizer - com vovô Tomé.

De vez em quando chegava um menino e dizia seu Maximino é capaz de não passar desta noite. Eu, se fosse você, João, sendo meu parente, falava com o diretor, ia lá. João fazia que sim, quando chegasse mais na hora ele ia, quem sabe de noite, não queria servir de estorvo lá na casa, todo mundo tão ocupado; ele mentia, a meninada aceitava, era hora de muita unção. É hoje, é hoje o Circo Irmãos Santuzi! veio um cabelo de fogo cantando sem reparar que João estava na roda. Olha o respeito, disse seu Gomes. O cabelo de fogo bateu no ombro de João, me desculpe, a meninada toda delicada. Seu Gomes puxou João para um lado, disse você querendo, eu falo com o diretor, você

vai lá. Obrigado, seu Gomes, disse João com a fala já um tiquinho molhada, na hora que precisar eu digo.

A aflição era tanta que um chegou e disse hoje ele estoura! Quem te disse, perguntou um outro. Foi a empregada, ela me falou por cima do muro, respondeu o primeiro.

Como é que ela sabe? Ara, não chateia! Ela sabe, ouviu os médicos dizerem. Uai, tem mais de um médico? O caso então é pra hoje, voltou o primeiro. Fizeram uma junta pra saber porque é que o velho não morre, disse alguém bem informado. Um menino mais maldoso, esquecido da trégua que agora reinava (não se devia saltar o muro nem falar mal de seu Maximino Filgueiras, era o acordo tácito), eu sei porque ele não bate as botas. É por causa de muita ruindade que ele andou fazendo, dos tiros que ele deu, em tempo de acertar feio um. Vamos deixar de bobagem, veio alguém em defesa do velho. Ele estava no direito dele, a gente é que fazia o diabo com o velho. Teve um filho da mãe que chegou ao descaro de roubar cano de chumbo do encanamento dágua, só pra fazer soco-inglês! Tinha sido o próprio que falou.

No respeito, no sobrosso, no silêncio que agora reinava no colégio, as notícias vinham ora graves e otimistas (hoje ele morre, não tem vez), ora aflitas e desanimadoras (nunca que este velho encontra paradeiro). Havia gente que chegava a sonhar com ele, um que falava dormindo deu gritos horríveis uma noite. Seu Maximino, pelo amor de Deus, em mim não! Não me mata, seu Maximino, gritou acordando os outros. Foi preciso seu Gomes'sacudir muito o menino para ele voltar a si.

Um dia disse alguém é hoje, não tem perrepes, vi o padre que veio dar a extrema-unção. Que extrema-unção? disse outro. O padre veio foi visitar ele, extrema-unção foi coisa de dois dias atrás, vi o padre todo paramentado

trazer o viático, vinha até debaixo dum guarda-sol desbotado, seguido do coroinha.

Então se estabeleceu a discussão mais besta para saber se a extrema-unção tinha sido hoje ou anteontem. Venceu o partido do menino que falou por último, ele disse uma palavra muito bonita - viático, e também por causa de que costumava ajudar missa aos domingos, devia entender mais do riscado.

Aliás os meninos agora brigavam por tudo e por nada, nervosos que viviam. Por enquanto a guerra com tio Maximino estava suspensa, é capaz de que para sempre. Depois que o velho morresse não teria mais graça saltar o muro para roubar fruta na sua horta. Antes mesmo dele morrer os meninos podiam deixá-lo em paz, se a agonia durasse demais da conta. Os meninos careciam de esquecer, não há cristão que agüente uma espera agoniada dessas. Daí a pouco eles esqueceriam, por enquanto viviam a demorada morte do velho.

No seu silêncio, na vagarosa tristeza que lhe deu (não sabia por quê, nunca tinha visto de perto aquele seu parente), súbito João voltou a ficar devoto. Ele que vinha perdendo a fé, matando missa, nem rezando mais de noite com Deus me deito, com Deus me levanto, com a graça de Deus e do Divino Espírito Santo. Beijava escondido a medalhinha que a mãe lhe pendurou no pescoço quando veio para o internato, dizia três ave-marias pedindo a Nossa Senhora da Glória que tivesse pena de tio Maximino, Deus devia consentir enfim que ele ganhasse uma boa morte.

Respirava-se mal, o ar mesmo se tornou oleoso. E o óleo daquela morte escorria pelas paredes, pelos muros, pelo chão. Manchava os cadernos, os livros, as roupas mofadas nos armários. Na testa de João porejava um suor pegajento que lembrava a febre e a agonia oleosa de tio Maximino. E o menino rolava na cama pensando em tio Maximino que custava tanto a

morrer. Pensando em vovó Naninha, coitada, ela ia sofrer tanto quando soubesse que aquele irmão que ela não via há mais de vinte anos tinha morrido. Pensando em vovô Tomé, será que ele não ia sentir remorso quando soubesse daquela morte? Pensando no caso da mãe de São Pedro que de tão sovina foi pró inferno e só se salvou dos caldeirões vermelhos de cobre por causa de um talinho de couve que uma vez ela deu de caridade, é capaz de que por distração, mas mesmo assim no final ela deu um coice nos que também tentavam se salvar das brasas se agarrando nas pernas dela... Pensando por fim na mãe, que certamente sonhava com ele João, de repente sentia uma saudade danada de casa. Pensando ele mergulhava no sono, bruxuleava a vela no castiçal, morre não morre, não ali no colégio, de luz elétrica (azuleleca com dizia Dagoberto, o irmãozinho morto, este foi pró céu, tinha certeza), o castiçal pingado de cera de seu quarto de forro de esteira na Fazenda do Carapina faz muitos e muitos anos... E nos sonhos que tinha era a mesma atmosfera oleosa que não arejava o peito, antes sufocava. E o óleo escorria pelas paredes suadas, pelas ruas, pelos trilhes da Mogiana, pelas estradas, virava um rio grosso, ia bater em Duas Pontes, inundava as casas, a cidade inteira.

Vovô Tomé tentava salvar a família, os bichos de criação e todos os pertences, numa arca que ia aos poucos subindo na barriga daquele mar de óleo que engrossava sem parar.

O quintal de tio Maximino era tão grande que parecia mais uma chácara. Fazia divisa com o colégio. O muro alto de alvenaria, caiado antigamente de branco, com cacos de garrafa em cima, ia de uma ponta à outra do campo de futebol gramado dos maiores, acabava no muro de adobe que separava o campo de futebol da mata. Dali pra diante não pode, é proibido, disse uma vez seu Gomes, o chefe de disciplina, quando de seu primeiro dia no internato. Para João o quintal de tio Maximino era tão misterioso, tão cheio

de gênios alados e estranhos ruídos zunindo no ar, quanto a mata que ia acabar no riacho lá embaixo, onde os mais ousados iam nadar no Poço da Pedra Lisa. Tão misterioso ou mais: na mata onde agora ele ia, não mais o pequeno crila apavorado do primeiro dia; a mata onde se embrenhava Martinho, herói dos cílias, campeão de futebol. Quati atrás dele na caça sem fim: os machos e os maricas, os maricas que se brincassem viravam frescos. O quintal do tio lhe era vedado. Vedado não por seu Gomes ou por qualquer ordem expressa do diretor, mas por ele mesmo. Já que não tinha coragem de visitar tio Maximino, também não pularia o muro, não furtaria de suas frutas, era o seu código de honra que ninguém ousaria obrigá-lo a quebrar. João e seu código de honra. Tu cobarde meu filho não és. I-Juca-Pirama, o sono na sala de estudo, impossível saber o teorema de Pitágoras. Merda pra matemática do Thiré, guerreiros da tribo sagrada!

Quando os guerreiros planejavam novo assalto ao quintal de tio Maximino, João se afastava para não ser incomodado, para deixar os colegas mais à vontade. Os guerreiros respeitavam a sua recusa, ninguém era capaz de dizer que ele tinha medo de levar um tiro de sal na bunda. Porque eram muito perigosas aquelas incursões no território inimigo, só os mais corajosos é que arriscavam a pele em busca das mangas, das mexericas, das carambolas, dos caquis, das romãs e dos cajus de tio Maximino. Não era só o salto por cima do muro de cacos de garrafa. com os cacos de garrafa sempre se dava um jeito, quebrando as pontas mais agudas com uma pedra ou por um pequeno trecho aplainado de que só os iniciados tinham conhecimento. O pior era o escarcéu que o velho fazia, o ribombar de sua lazarina. Espingarda pica-pau não há dúvida, mas sempre perigosa.

Ninguém podia ter certeza se o velho atirava pró ar feito diziam os mais velhos, já meio enjoados da brincadeira - interessados mais agora em casos de putaria, se era carga de sal ou salva de chumbo. Tinha sempre alguém

com um caso de alguém que levou um tiro de sal na bunda exatinho na hora de saltar o muro na volta. João não conhecia nenhum menino que tivesse levado tiro, era sempre alguém que tinha acabado o ginásio o ano passado. De qualquer maneira, chumbo, sal ou tiro pró ar, o efeito era o mesmo: a meninada se espalhava espavorida, um bando de rolinhas assustadas. Eta guerreiros cagões, guerreiros de merda! Seu Maximino Filgueiras esbravejava furioso nas surdas batalhas contra um inimigo que todo ano se renovava, cada vez um novo guerreiro, ele sempre o mesmo, envelhecia demais da conta.

João às vezes subia na caixa d'água e lá de cima ficava vendo o mar verde do quintal de tio Maximino. As massas enormes das velhas mangueiras, as jaqueiras carregadas, as jabuticabeiras floridas cujo cheiro de longe ele sentia na memória, os cajueiros esparramados, aquela variedade de verdes do quintal de tio Maximino. Mais longe, por detrás da massa verde, aparecia o telhado do casarão, negro de chuva, verde de limo nas beiradas. Ouvia os últimos passarinhos no fim da tarde, o chiado metálico das cigarras disparadas, os pios e ruídos mais estranhos vindos na boca da noite que devorava o verde viçoso e o verde velho empoeirado, e tudo era negrume nos domínios de tio Maximino Filgueiras, derradeiro piaga.

Uma vez viu o tio aparecer no quintal, só podia ser ele. A cabeça branca, carneirinho-carneirão, magro e comprido.

Devia ser velhíssimo, muito mais velho do que vovó Naninha, que já era bem idosa. E desempenado, enorme. Maximino desde pequeno sempre foi um varapau, dizia vovó Naninha quando em dia de lembrar e contar casos da família.

João desceu da sua gávea, foi para junto do muro, queria ver o tio mais de perto. Empilhou uns tijolos e pedras e subiu. Agora podia ver bem o

velho. Era mesmo tio Maximino, só podia ser ele, igualzinho à descrição de vovó Naninha.

Tio Maximino foi para perto de um renque de bananeiras mijar. De pernas abertas, ficou um tempão esperando acabar de pingar, com certeza ele já tinha dado as três pancadinhas de lei, mas velho é assim mesmo, mais demorado, tem sempre urina solta, por causa da próstata, uma vez disse vovô Tomé. Vovô Tomé era muito entendido dessas coisas, gostava de ficar lendo na rede, vivia dizendo que velho e panela acabarn é pelo fundo.

Depois que acabou de desaguar, tio Maximino veio andando vagaroso para junto do muro, parava aqui e ali fiscalizando os estragos que seus pequenos inimigos tinham feito na véspera. Assim de pertinho, tio Maximino era alto e descomunal, parecia uma seriema. Era mesmo seriema aquela ave pnalta que o entretinha na aula de História Natural? Mesmo devagar, as suas passadas eram enormes; ele dobrava os joelhos feito fosse um homem de perna-de-pau com reclame de circo de cavalinho.

Agora tio Maximino estava juntinho dele, João podia vê-lo sem que o velho desse conta. Tinha uns ares de vovó Naninha, parecia muito com ela, apesar de que ela não era assim tão magra e comprida. A calça de riscado, o suspensório de liga, a camisa branca abotoada no pescoço mas sem o colarinho postiço, a limpeza e o asseio de tio Maximino acentuavam mais a sua magreza. Podia ouvir os passos do tio, os pés quebrando galhos e folhas secas. Tão pertinho que João, se quisesse, ouviria os seus muxoxos, discutindo com alguém num passado distante, quem sabe vovô Tomé? ou capaz de que lastimando os galhos de árvore quebrados, as roseiras desfolhadas de pura malvadeza dos meninos. Tinha vontade de defender o velho, não deixar que os meninos fizessem mais aquilo com ele, mas cadê coragem?

Depois os meninos não iam mesmo ouvi-lo, seria muito pior. O melhor era deixar pra lá, o velho que cuidasse da sua horta, das suas fruteiras, das suas rosas. Ele nem o conhecia, não tinha nada que meter a colher de pau naquele negócio, sua família sendo inimiga dele, quer dizer - principalmente vovô Tomé.

Era justa a fúria do velho, ele cuidava com muito carinho do seu pomar, das suas rosas nos canteiros cercados de cacos de telha que ele mesmo com certeza tinha feito. Tanto trabalho, tanta cansaça, para depois uns meninos desocupados virem estragar tudo. Pura malvadeza, o menino imaginava o tio dizer. Ele agora era do seu lado, ó guerreiros da taba sagrada, ouvi! Se pedissem fruta ele dava, tinha certeza que dava, quê que ia fazer com aquele desperdício de fruta, se ele não vendia na porta, se as frutas apodreciam nos pés, bicadas de passarinhos? João via tio Maximino com a tesoura podando uma roseira, fazendo um enxerto. Devia ser a sua única ocupação na vida, muito idoso para cuidar de outra coisa. Tio Maximino era o irmão mais velho de vovó Naninha, devia andar beirando a caduquice, se é que já não estava inteiramente de miolo mole feito o bisavô Zé Mariano, pai de vovô Tomé, conforme uma história que contavam. Quem sabe aquela espingardinha pica-pau não tinha mesmo munição nenhuma, só festim, a família deixava o velho se divertir, era o seu passatempo? Quem é que podia saber, quem é que ia se arriscar? Porque às vezes o velho ficava furioso da vida, nas raias da loucura.

Um dia tio Maximino chegou tão pertinho do muro que João teve vontade de chamar por ele. Era capaz de nem escutar, o velho parecia meio surdo. Pelo jeito que ele levava a mão em concha no ouvido para escutar alguma coisa, talvez um passarinho diferente nas grimpas de uma mangueira. Não gritou, esperava. Mesmo se ouvisse, tio Maximino era capaz de confundi-lo com algum de seus pequenos e tenazes inimigos, ele nunca o

tinha visto mais gordo. Depois a cara de brabo, João tinha medo dele por causa das histórias que vovô Tomé contava.

Quando o velho já ia longe do alcance de sua voz, foi que João se arrependeu. Não custava nada ter chamado tio Maximino. Ele dizendo logo de cara quem era, era capaz do velho até gostar de vê-lo. Sou neto de sua irmã Naninha, diria. O velho se abria num sorriso mostrando os dentes cariados, é capaz que o rosado das gengivas da dentadura postiça. Então você é neto de Naninha? Por que nunca veio me visitar? Sou bicho não, teu avô, aquela peste, é que com certeza andou pintando de mim uma má figura. João tentava negar, de jeito nenhum, vovô Tomé nunca tinha aberto o bico pra falar isto dele. Tio Maximino sorria satisfeito. Desce daí, dá a volta, vem encher os bolsos daquelas mangas U.bá, tão madurinhas e cheirosas.

Agora era tarde, tio Maximino ia longe. Mesmo assim João enfiou dois dedos na boca, deu um assobio bem alto. O velho escutou, voltou-se para onde o menino estava, João abaixou a cabeça para não ser visto. O velho tornou a botar a mão em concha no ouvido. João aproveitou para tirar de novo um longo assobio, o mais alto que era capaz. O velho cuidou que era um menino qualquer bulindo com ele, fez assim, deu uma banana de todo tamanho pró ar. João riu muito, os meninos tinham razão, tio Maximino era bem engraçado na sua raiva impotente. Mesmo assim ficou com um travo na alma: afinal o velho era seu tio.

Mais engraçado foi a vez que ele apareceu armado de espingarda. Era então aquela a famosa espingarda que os meninos tanto falavam! Não tinha nenhum menino no muro ou na horta, tio Maximino não estava defendendo os seus domínios. João ficou quieto para ver o que o velho ia fazer armado assim de espingarda. Tio Maximino apontava para as copas das árvores feito mirasse num passarinho lá no alto. João quase podia ouvir o velho imitando com a boca o estampido da lazarina. A arma com certeza descarregada, o

velho estava era bestando. Ultimamente, por causa das provas, os meninos tinham lhe dado sossego. O velho devia estar estranhando a trégua repentina, é capaz de que sentindo falta da zoada que os meninos faziam.

Aquele tio Maximino era um mistério. Tio Zózimo também era um mistério, mas tio Zózimo era muito pior, João o conhecia. Tio Maximino era um mistério que ia continuar sendo mistério a vida toda. Tio Maximino era mais uma sombra vindo do fundo da noite, da memória de vovó Naninha, de uma antigüidade bíblica. Tio Maximino era um fantasma andando macio com seus chinelos de liga num casarão vazio.

Do negrume da memória, do poço sem fundo do tempo (João às vezes não sabia se tio Maximino existia mesmo, se ele não estava no lugar de um outro tio Maximino que existira antes e cuja vida em história nas longas noites ele estava vivendo, enfim uma figura e uma força que tinham existido antes de todos os tempos), dos sigilos noturnos, das conversas nebulosas entre vovô Tomé e vovó Naninha, mamãe e tia Margarida, aos poucos ia brotando a figura esguia e fugidia, furiosa e terrível às vezes, mansa e doce, daquele tio Maximino. João tinha a impressão de que, nas histórias que vovó Naninha contava, alguém estava sempre no lugar de alguém, os passos se perdiam no sem fim dos tempos.

Desde sempre João ficou sabendo que tio Maximino era um dos muitos assuntos proibidos na presença de vovó Naninha e vovô Tomé. Mesmo vovó Naninha quando só no quarto do oratório, ajoelhada diante da imagem de Nossa Senhora da Conceição em cima da cômoda. João chegava de mansinho com pés de gato para não interromper a avó nas suas rezas. Uma aura de silêncio e de luz em torno de vovó Naninha. Ele ficava de longe espiando os lábios de vovó Naninha mexendo horas a fio, João não sabia se ela estava rezando ou falando com Nossa Senhora. Às vezes ela parecia que não estava nem rezando nem falando com Nossa Senhora, os olhos de veludo

boiavam longe no azul do tempo. Será que ela desencavava os fantasmas da sua memória? Onde é que andava o pensamento de vovó Naninha naquelas horas? E capaz de que acompanhando os passos longínquos de seu filho Zózimo, daquele que sumia nos caminhos do mundo. Mesmo vovó Naninha não gostava de falar em tio Maximino, quer dizer falar da razão por que tio Maximino e vovô Tomé tinham brigado para sempre. Este ponto ficaria obscuro na memória do menino.

As vezes, provocada por João, ela falava. E então ele via que vovó Naninha gostava de falar do irmão. Não do tio Maximino de agora (há mais de vinte anos a gente não se vê), ou de antes, quando vovô Tomé e tio Maximino brigaram, mas de tio Maximino quando ela e ele eram pequenos numa fazenda distante no espaço e no tempo que nem mais talvez existisse. E os dois, Naninha e Maximino, iam brincar com seixos rolados e brilhantes de tão lisinhos de um rio que passava na fazenda do pai deles dois.

Maximino era muito bom pra mim, sempre fomos muito chegados e amigos, apesar de que ele era bem mais velho do que eu. Ele é que subia nas grimpas das árvores, caçava ninhos de pássaros ainda com os ovinhos inteiros. Põe lá outra vez, eu dizia com remorso pensando como é que ia ser quando a mãe passarinha voltasse e não achasse mais a sua ninhada. Maximino ia pôr de novo o ninho no mesmo galho, mas pelos meus olhos ele via que eu estava gostando por demais daquele ninho, dizia fica com ele, boba, passarinho não é gente, não vai ligar nem um pouquinho, e então eu ficava com aquela boniteza de prenda que Maximino tinha me dado.

Eram assim meio bobas as histórias que vovó Naninha gostava de contar de seu irmão. Mas João achava uma graça, um prazer infinito naquelas histórias. Porque, embora distantes e perdidas num passado remoto, aquelas mesmas histórias podiam ter sido com ele e uma outra menina. E João, sem

perceber, ia descobrindo que as coisas e as pessoas se encadeavam numa ciranda sem fim.

Conta mais, vovó, conta mais como era tio Maximino. E vovó Naninha não se fazia de rogada, dizia como tio Maximino era um varapau de grande, sempre foi um menino muito magro e comprido, a gente achava que ele nunca mais acabava de crescer. João não conseguia visualizar direito aquela figura, mas mesmo assim foi se acostumando com ela, já íntimo, e era como se ele o tivesse conhecido há muitos e muitos anos e agora não se lembrava mais como era a sua cara.

Quando vovó Naninha ouvia os passos de vovô Tomé, cortava pelo meio o caso que ia contando, mudava para outro a fim de que ele não reparasse que estava falando de tio Maximino. Vovô Tomé não podia nem ouvir falar no nome dele. Devia ter sido uma briga feia, por motivo muito sério, senão não duraria tanto tempo, como se tivesse se passado ontem.

Mesmo assim, através de imprecisões e recuos, de meias-tintas e nebulosas, João ficou sabendo que antes dele nascer, há mais de vinte anos, tio Maximino e vovô Tomé tinham quase se matado por causa de uma questão de terra, da herança que tinha ficado com a morte do pai de vovó Naninha. Deste, até o nome o tempo tinha engolido.

Sei lá, não sou bom juiz nestas coisas, disse vovó Naninha um dia para depois se arrepende de ter falado, mas acho que no fundo no fundo Maximino é que estava.

Afinal de contas, o pai era dele, apesar de que Tomé brigava mais por causa de mim, ele dizia, da parte que devia me caber na partilha. Vovó Naninha nunca tinha ligado muito para essas coisas, achava que o que já possuía era bastante, mas vovô Tomé dizia que não era uma questão de mais ou de menos, coisa de caridade, direito era direito, ninguém ali estava pedindo nada de ninguém. E ela ficava dividida entre o seu dever de mulher

e o sentimento de irmã. Enfim, os dois brigaram, tio Maximino se foi de vez para São Mateus, nunca mais botou os pés em Duas Pontes, não queria ver vovô Tomé nem pintado. De mim mesmo ele guardou mágoa, disse vovó Naninha, por causa de que eu dei apoio a Tomé numa causa que não era lá muito justa.

Afinal de contas, disse vovó Naninha pega de surpresa, por que é que estou contando isso pra você? Não é da tua conta, menino enxerido e perguntão.

De toda essa conversa ficou a impressão desagradável de que vovô não era um homem assim tão direito como ele pensava, como dava a parecer. E como essa descoberta lhe apertasse o coração, João fez tudo por esquecer, nunca mais quis saber quem é que estava com a razão.

Vovó Naninha também não tocou mais no assunto, nunca mais voltou ao motivo da briga. Porque de tio Maximino quando os dois eram pequenos ela gostava muito de falar, quando vovô Tomé não andava rondando por perto. Meio que ele desconfiava que os dois estavam bulindo escondido no seu passado.

Na véspera de ir pela primeira vez para o internato em São Mateus, João foi se despedir dos avós. Vovó Naninha chorava, era muito agarrada com aquele neto, via de repente na saudade antecipada. De poucas falas, vovô Tomé se limitou a segurar-lhe firmemente os ombros e dizer boa viagem, meu filho, juízo. Então vovó Naninha puxou o menino para junto da janela e teve coragem de dizer o que há muito estava para lhe pedir. Você podendo, João, um dia vai e procura Maximino, ele é vizinho do colégio, eu sei, me disseram. Diga pra ele como eu estou, que penso sempre nele, que mando muitas lembranças. Ele é rancoroso mas no fundo é boa alma, gostava muito de mim. É capaz dele já ter até se esquecido, afinal faz tanto tempo desde que...

Não pode continuar porque vovô Tomé, de ouvido esticado, ouvia tudo. Que é que você está falando, Naninha? Ela não disse nada, abaixou os olhos respeitosa. E voltando-se para João, vovô Tomé disse, você não vai procurar aquele miserável de jeito nenhum! Aquilo é um unha-de-fome, vai pró inferno que nem a mãe de São Pedro! Se você for lá, vai bater com a cara na porta, ele é capaz de nem te receber, do jeito que ele é. É capaz de pensar que você vai querer tirar alguma coisa dele. E depois, tem mais - ele é meu inimigo, você está proibido de pisar lá!

Depois daquele rompante vovô Tomé botou o chapéu na cabeça, saiu de casa batendo a porta.

Vovó Naninha estava meio sem graça de João ter presenciado aquela cena. Já se arrependia de ter falado. Você não querendo, João, disse ela, para não ter de contrariar seu avô, não precisa de procurar Maximino, ele nem vai saber que você está por lá, na verdade ele nem sabe que você existe. É capaz também dele ter se esquecido de mim, afinal faz tanto tempo... Não, vovó, eu vou, podendo eu vou. Ela sungou disfarçado uma lágrima.

Quando nas férias de julho João voltou do colégio, não contou nada de tio Maximino. Vovó Naninha também não perguntou. Ela ficou sabendo que João não tinha ido procurar Maximino, nunca iria procurá-lo, esqueceu ou fez que esqueceu do assunto.

De noite, na sala de estudo, as horas custavam a passar. Nas carteiras, mergulhados nos livros, os meninos estudavam ou fingiam que estudavam. Seu Gomes, de sua mesa em cima do estrado, soberano, vigiava. O livro policial na frente, de vez em quando levantava os olhos da página, por cima dos óculos de leitura, para interromper uma conversa cruzada feita de gestos e cílios, que ele mal ouvira, ou o rabisco de um aviãozinho de papel que passara voando. Puxava um pigarro afetado para dar sinal de vida, o pigarro acordava alguém mais pra lá do que pra cá, dorme não dorme.

De repente João sentiu um susto no corpo, acordou da sonolência boa em que começava a se afundar cabeceando. Tentou firmar a atenção no livro, as letras baralhavam.

Inútil, desde o começo da noite era assim. Não conseguia ler, o pensamento voava para as bandas do quintal de tio Maximino.

Tio Maximino morrendo e ele ali. Podia ter aproveitado o pretexto e dito a seu Gomes que precisava visitar o tio à morte. Assim, seu Gomes deixava, ele é quem parecia mais agitado com a morte lenta do velho.

E o medo? Podia ter dito que ia lá e não ir, ficar bestando pela cidade. Bestando àquela hora, com as ruas escuras e desertas? O colégio ficava distante do centro.

Se dissesse que ia visitar o tio, tinha de ir.

A barriga roncou demorado. E essa agora! De noite não costumava ter fome, por isso, no almoço, trocara com Benício, por mais uma banana, o pão que deveria receber no café noturno. De manhã ele ficava arado, de noite não. Não contava com essa, vá a gente entender a barriga. Também, quê que eles botavam na comida? Não matava a fome. Os meninos diziam que o diretor mandava poupar na banha, ou pior - usavam banha de segunda, misturada com sebo. Por causa disso, de vez em quando a gente tinha caganeira. bom mesmo era o arroz solto de casa, feito com banha de toicinho fresco, depois usavam o torresmo no tutu. Quando é banha ainda é bom, disse Olavo. A pior desgraça era o nitro. João não entendeu direito, a primeira vez que ouvia aquilo. Nitro?

Seu besta, disse Olavo, eles botam nitro na comida pra tirar o fôlego da gente. Ah, sim, agora João entendia. A orquestra noturna da masturbação. Uma cama lá no fundo do dormitório rangendo, um ai gemido a seu lado, alguém balbuciava um nome qualquer. De vez em quando seu Gomes gostava de bancar o médico. Não deviam abusar, fazia um mal horrível para os

pulmões. Falou em Onam, será que tinha um menino mais viciado chamado assim? Não conhecia, seu Gomes às vezes inventava, era muito pedante. João tinha medo de tossir, por causa daquilo quê seu Gomes dizia. Pelo menos dois casos conhecidos de tuberculose na família, devia se cuidar. Esquecido do livro, já divagava. Tio Maximino morrendo, ele chegava no quarto. Abriam caminho para ele passar. É o neto de Naninha, sussurravam. Ajoelhava-se diante do leito do tio, beijava-lhe a mão caída. A morte do justo, a gravura que vovó guardava dentro do livro de reza. Do fundo da sua agonia, tio Maximino dava um último olhar para ele. Lembrança pra Naninha, minha querida irmã - o velho querendo dizer. João completaria o recado, bordaria a frase que o tio tinha tentado dizer. Agora sabia muitas palavras, era bamba em sinônimo. Vovó Naninha havia de gostar. De volta do quarto de tio Maximino, ouvia os comentários. A cabeça baixa, modesto, sério. Foi este rapazinho que falou com ele pela última vez. Ele levava o recado da morte.

Quando entrou na sala o preto Gaudêncio. Foi- direto à mesa de seu Gomes, falava qualquer coisa baixinho. Seu Gomes, sério, franziu a testa, deu um muxoxo, alguma coisa de errado tinha se passado. Os meninos suspenderam a ocupação ou a falta do que fazer, espichavam o ouvido para saber o que os dois estavam falando. Quem tinha culpa no cartório ia tratando de arranjar a cara mais santa do mundo. João começou a ficar aflito, de manhã acertara um calhau numa casa de marimbondos bem na janela da casa do diretor. Dera no pé, mas quem sabe um puxa-saco não tinha ido contar? O mundo está cheio de filhos da puta.

João Nogueira, faz favor, disse seu Gomes. Os joelhos tremendo, João aproximou-se. Quando seu Gomes pôs a mão de leve no seu ombro, suspirou aliviado. Não devia ser nada de grave com ele. Mas era coisa séria, nem sempre seu Gomes ficava assim tão solene. Meu filho, foi ele dizendo

pausado, seu tio não passa desta noite, mandaram avisar. Está nas vascas da morte. Seu Gomes e as palavras difíceis, era muito precioso. De vez em quando ia e tirava uma no dicionário, anotava num caderninho para depois. Tinha certeza, viu muitas vezes, não adiantava ele esconder. Cada palavra que parecia até nome feio, de tão esdrúxula. Daquela gostou. Vascas, vascas.

Santa Maria, Pinta e Nina, as caravelas partindo. Vasco da Gama, 12 de outubro, terra à vista. Santa Maria, Mãe de Deus, Nossa Senhora da Boa Morte. Coitado de tio Maximino, navegava nas águas do não, nas vascas da morte.

Como é que sabem que eu estou aqui, perguntou intrigado. Fui eu que mandei saber, disse seu

Gomes. Que me avisassem a hora, para você poder ir. Eu estava preocupado não só por sua causa, mas por ele também. Era um homem digno e honrado, meu filho. Antes que seu Gomes principiasse o discurso, perguntou se lá na casa do tio disseram alguma coisa quando souberam que ele estava no colégio. Não, nada, disse seu Gomes aborrecido pelo discurso gorado. Apenas disseram que mandavam avisar. Agora veio alguém com o recado.

João abaixou a cabeça, voltou para a carteira a fim de juntar as suas coisas. Fazia a cara mais triste do mundo, dava boa impressão nos meninos. Era sério e compenetrado.

Mesmo fingindo uma lágrima não tinha importância, o tio nas vascas da morte. Tio Maximino morrendo, será que cabia um fumo preto na manga? Não dava, parentesco muito longe.

Carece falar com o diretor, perguntou. Sentiu que tinha dito bobagem. Seu Gomes era autoridade. É desnecessário, disse seu Gomes, Será que com aquele desnecessário estava corrigindo a sua fala de menino caipira de Duas Pontes? Uma vez dissera carapina perto de seu Gomes, seu Gomes deu um

risinho de lado, você quer dizer carpinteiro, não é? Os meninos caíram na cola dele, por pouco não ganhava apelido. Ia ser chato ficar sendo João Carapina. Apelido às vezes dura a vida inteira.

Abotoe a túnica, disse seu Gomes na despedida. É preciso zelar pelo bom nome do colégio. Vai, meu filho.

Sujeitinho metido de uma figa! Vai ser empoado assim na baixa da égua, ruminou enquanto se afastava.

Agora não tinha mais medo de ser mal recebido na casa do tio. Você vai ver, vai levar com a porta na cara, foi o que disse vovô Tomé. Podia ser que tio Maximino soprasse fogo pelas ventas, a sua família porém era muito boazinha e educada. Tiveram a delicadeza de mandar me avisar que tio Maximino estava nas vascas da morte, diria depois a vovó Naninha. Convinha aumentar um ponto? Dizer por exemplo que tinha ido lá antes mas que não tinha se avistado com tio Maximino, ele estava muito mal, vários dias agonizante? Depois ia ver, dependendo da hora, da cara de vovó Naninha. De qualquer maneira ela ia ficar muito satisfeita com ele.

Ao contrário do que tinha imaginado, não precisou bater na porta nem se fazer anunciar. As portas abertas, a casa toda iluminada, gente aos magotes falando baixinho na sala de visitas, na sala de jantar, no corredor, vai ver até que no quarto do velho se deixassem. Pela quantidade de visitas, tio Maximino devia ser muito estimado em São Mateus, pessoa importante.

Num canto da sala de jantar, onde ele agora se embarafustara à cata de alguém da família, um grupo piedoso tirava o terço. Uma mulher muito magra e miudinha, de voz contrariamente grossa, comandava a ave-maria; as outras em volta, todas já de preto, faziam coro.

A porta da cozinha entreaberta, viu uma bandeja cheia de 'xícaras vazias, sentiu o cheiro do café novinho no coador, um bolo enorme no centro da mesa, pratos de sequilhos e brevidades, um cesto de broinhas de fubá - a

quitanda de que ele mais gostava. Quando vinha para o colégio, na hora da despedida, ainda chorosa, a mãe sempre enchia os seus bolsos de broinhas, além do embrulho que cismava de fazer para ele levar de matula. Ele era um homem, não gostava mais daqueles cuidados: carinho é coisa de mulher, no fundo agora ele já pensava.

Por toda a casa um ar de velório. Será que tio Maximino já tinha morrido? Vai ver que ainda não, faz dias que esperavam a morte, tinham tido tempo de preparar aquela comilança toda. A barriga de João roncou fundo. Ele tinha trocado o pão pela banana, agora estava no velório, azar do Benício. A vida tem dessas compensações, o Benício era muito sacana. Podia ser que amanhã viesse cobrar, não tinha direito. O trato tinha sido para aquela noite. Nesses casos sempre é bom um advogado, ou então encher a cara do patife, era o que dizia brincando tio Zózimo quando ele estava de bem com a vida. De que valia, era consolo pensar na sujeira que a morte fazia com o Benício, se ele mesmo é que sentia fome? Se não virasse logo membro da família, ia curtir uma fome danada, podiam demorar a servir. Benício pelo menos àquela hora estava comido. Precisava falar com alguém da casa, não sabia com quem. Já se arrependia de ter vindo. Se tivesse ficado por lá, a fome seria a mesma.

Por que tinha trocado o pão pela banana? Pura esganação. Uma besteira essas trocas, no fim acabava levando manta. Desta vez quem levou foi Benício. O estômago segregando suco gástrico, a fome. Era mesmo suco gástrico? Precisava estudar mais. Pão com banana. Quem sabe vovô Tomé é quem tinha razão, uns unhas-de-fome.

De repente todos se voltaram para a porta do quarto onde devia estar tio Maximino. Saiu um homem gordo e baixo, de bochechas coradas e óculos de aro de metal, suando muito. Tudo era confusão dentro do quarto, João esticou o pescoço para ver se via alguma coisa direito. Todos cercaram o homem

gordo e baixo. Ainda não mas não custa, já entrou na última agonia, disse. Devia ser da família, médico não dá informação assim desse jeito. Não tinha cara de médico, de jeito nenhum! João não sabia o que fazer das mãos, enrolava e desenrolava o casquete com o escudinho do Colégio São Mateus. Ia ficar de olho no homem.

De novo a porta se abriu, sem nenhum pudor. Saíam com uma espécie de cabide de ferro branco, uma bacia de ágata com um tubo de borracha enroscado no fundo, uma seringa de cristal, uma ampola enorme parecendo ponto de interrogação, uma máscara, não sabia para que uma luva. Já não carece mais dessas geringonças. Agora ele vai, seu Maximino passa, disse-lhe um homem a seu lado. Passa pra onde? João confirmou muito sério com a cabeça, fez que limpou uma lágrima no canto do olho, tinha de assumir a sua família. Nas vascas da morte. Passava pra onde? Primeiro seu Gomes, agora aquele desconhecido. A morte ensina muitas coisas, ele aprendia.

O homem gordo que tinha saído do quarto olhou para ele. Sorria detrás das bochechas e dos óculos, vermelho e suado. João se aproximou, estendeu-lhe a mão. Eu sou João da Fonseca Nogueira, neto de Naninha, disse ele se arrependendo logo de ter dito o nome inteiro. Não me conhecem mas sou parente, corrigiu. De Duas Pontes.

Não devia dizer o nome de vovô Tomé, é capaz de não gostar. Eu sei, disse o homem, vi logo pelo uniforme do colégio. Eu é que mandei te chamar. Sou Durval, genro dele.

João quis falar alguma coisa, mas e o medo de dizer bobagem? ficou calado. O melhor era esperar, conter a. Aflição que agora se tornava insuportável. Seu Durval parece que percebeu, puxou-o pelo braço. Vem cá, disse levando-o para a cozinha.

Este é o João, de Duas Pontes, neto de dona Naninha, é primo, seu Durval apresentou-o a uma mulher de cotovelos fincados na mesa, as mãos

segurando desconsolada a cabeça, os olhos inchados vermelhos, parecia não ver, não ouvir. Seu Durval teve de repetir a apresentação, desta vez puxando-lhe a manga do vestido. Pela intimidade, devia ser sua mulher, filha de tio Maximino. Adelina, é João, seu primo, dizia seu Durval. Só então ela pareceu escutar ou tinha escutado e só agora dava conta, feito em fita de cinema? Ah, meu filho, disse ela abraçando-o num choro sacudido. Ele sentiu os olhos molhados.

Não vim antes porque não sabia. Depois, a senhora sabe, no colégio a disciplina é muito severa, disse buscando a palavra. Seu Gomes havia de gostar, zelava pelo bom nome do Colégio São Mateus. Agora sim, seu Gomes se sentiria honrado.

A mulher enxugava as lágrimas, asscava o nariz num lenço já ensopado, ficou abraçada com ele um tempão. É, coitadinho de papai, merecia um descanso, disse. Como viu que a mulher ia cair de novo no choro sacudido, seu Durval veio e disse Adelina, olha o menino, sirva ele de broinha. No internato o passadio não é lá essas coisas, não é mesmo? Procurava ser simpático. Não carecia, tinha gostado dele à primeira vista.

Prima Adelina era muito parecida com sua mãe. Assim de lado, tinha uns ares dela, fazia lembrar a mãe quando triste. Agora quem estava com vontade de chorar era ele. Engolia em seco, deu uma olhada no bolo, as xícaras na bandeja, a vontade de chorar passou. Prima Adelina parara de chorar, o ar meio apatetado, olhava a lenha crepitando no fogão.

Vem, meu filho, disse ela colocando-o diante de uma xícara de café com leite e um prato de broinhas de fubá. Não precisa, estou sem fome, jantei ainda agorinha.

A barriga deu uma volta comprida, um ronco tão forte que prima Adelina podia'escutar e ver que ele estava mentindo. Bobagem, disse ela, não faça cerimônia. Esteja a gosto, afinal é da família, veio sofrer com a

gente. E depois de um momento de hesitação, tems recebido carta de Duas Pontes? Todos em casa bem? Sua mãe é Gilda, não é? Ele fez que sim com a cabeça, todos iam bem graças a Deus. Querem saber notícias, vovó Naninha manda muitas lembranças. Prima Adelina tentou sorrir agradecida, saiu sorriso sem graça e triste, enfiava-lhe um punhado de broinhas nos bolsos do uniforme. Não precisa, disse ele querendo. Vovó está sempre perguntando por tio Maximino, ontem mesmo recebi carta dela. Mentir assim, pró bem dos outros, dava até gosto. Ele comeu com fome, apesar do cuidado para não parecer esganação.

Ela foi cuidar das quitandas no forno, ele sentou-se no cepo do pilão. A cozinha agora cheia de gente, ninguém prestava atenção nele. Se sentia mais à vontade. Só uma menina toda vestida de branco (devia ser promessa), cheia de babados e rendas, laço de fita no cabelo, meia soquete, sapato de pulseirinha (às vezes parecia ter treze anos, às vezes era uma moça feita que eles tinham vestido de menina), só aquela pessoinha de idade indefinida e jeito bobo dava pela sua presença. Sorria para ele, uma hora botou a língua de fora. Os olhos puxados e suspensos, alagados de brilho, os lábios rasgados e úmidos, ela se parecia muito com uma menina abobalhada de Duas Pontes, doente de nascença. Sem tirar nem pôr, as duas podiam ser gêmeas.

A preta que cuidava do tabuleiro de suspiros uma hora veio e ajeitou o vestido da menina, deu-lhe uma brevidade. Come, Júlia, tá totosa, disse ela boba também, é capaz de que de outro jeito a menina podia não entender.

Júlia comia deixando cair farelos de brevidade no vestido. Depois catava esganada, devia ter medo de não ser servida outra vez.

Júlia comendo e olhando esgazeada para ele, João achou melhor parar de comer, deixava o resto para depois. A menina começou a choramingar, e a

preta vindo saber o que ela queria, João aproveitou e meteu o resto das broinhas nos bolsos.

Súbito o tumulto, vieram correndo chamar Adelina, seu Maximino agora estava mesmo morrendo. Não sabia por quê, talvez de pura aflição, a prima puxou Júlia pela mão.

Quando Júlia passou por ele, levou-o de cambulhada. E lá foram os três para o quarto de tio Maximino.

A porta do quarto escancarada, o quarto assim de gente. A reza na sala cessara. O cheiro pesado e oleoso: suor, mijo, remédio, coisa pior. Diante da mesa de pedra mármore, o médico (devia ser o médico) em mangas de camisa, de costas para a cama, ensaboava as mãos na bacia de louça rosa. Lavagem caprichada. Olhou a língua no espelho, viu o velho na cama, voltou-se.

Só então João viu tio Maximino. Meu Deus, como ele era comprido e magro! Muito mais magro e comprido do que podia imaginar vendo o velho na horta com a sua espingarda mirando as grimpas. Tão comprido que mal cabia na cama. Apenas o lençol amarfanhado por cima do corpo, os joelhos, os joelhos dobrados, ossudos, eram feito as pernas angulosas de um louva-a-deus antes de dar o pulo. O corpo erguido para a frente, sustentado por uma pilha de travesseiros, descarnado. O paletó do pijama desabotoado, as costelas debaixo da pele se mexendo, a pele branca esverdeada (mais palha seca suja de verde), os cabelos ralos no peito, brancos e molhados. A cara escaveirada, a barba de dois dias. Os olhos de uma fundura sem brilho, estatelados, esgazeados. O velho não podia estar vendo mais ninguém, nada, nas vascas da morte, já meio no além da vida. Os cabelos (um branco sujo, em papados de suor), de tanto ele ter ficado sem ir ao barbeiro, tinham crescido sobre as orelhas e a testa, em desalinho: barafunda, ninho de guaxe. O pior de tudo era a respiração. O velho impava, o nariz se afilando

azulado, a boca murcha sem dentadura, a língua roxa e gosmosa. O respiro era mais um ronco que de vez em quando ele dava. Subindo e descendo, o peito resfolegava.

João mal podia respirar, os olhos grudados no velho. Suava frio, a mão da menina, ainda presa à dele, úmida, incomodava-o, dava gastura. com um repelão se desligou da mão pegajenta. A menina começou a choramingar de novo. Ele não agüentaria mais nem um minuto, a coisa súbito acontecesse.

O velho alongou o pescoço para atingir alguma coisa invisível, feito uma galinha procura alcançar um grelo verde no ar. Os olhos arregalados, ele deu um ronco mais fundo um galo no gogó, desafinado; repuxou num esgar o canto da boca, uma gosma escorrendo. E de repente parou inteiramente, extasiado. A boca aberta, o peito murcha, os olhos estarecidos no meio da última visão. Tudo era silêncio e paradeza no corpo do velho, laguna.

João quis se afastar, não podia, cercado. Todos agora suspiravam aliviados, como que voltavam a respirar; de novo à tona, voltavam a falar. E era um vozeio, uns gritos de mulheres se abraçando, chorando e lastimando.

Procuraram afastar as mulheres, começaria então o longo preparo do morto.

A porta fechada, só o médico, que enfiava a abotoadura no punho da camisa (depois sentou-se e começou a escrever num bloco sobre o joelho), só o médico, seu Durval e mais dois ou três desconhecidos ficaram no quarto. Esquecido num canto, mal respirando, branco de espanto, João olhava interessado a liturgia nova para ele.

Os homens eram ativos e diligentes, embora às vezes se atrapalhando nos gestos. A primeira coisa que fizeram foi manter os olhos do morto fechados com uma moeda.

É preciso chamar o carapina, disse um. Já está avisado, disse seu Durval. Pede a ele pra fazer o caixão uns sete centímetros mais comprido. Ele sabe, sempre estica.

Seu Maximino era enorme de grande, disse o outro, parecia muito prático, entendido no assunto. Como é que ele podia saber que a gente estica exatinho sete centímetros?

Sabia, a certeza com que falou não deixava dúvida, nem o médico contestou. Aliás agora o médico não parecia mais interessado em tio Maximino: ajeitando o colarinho, limpando os óculos na gravata, soprando e limpando as lentes. Não mais interessado em tio Maximino, olhava distraído e curioso (meio que sorria detrás dos óculos) a arrumação dos homens. Aquilo não era com ele, com certeza uma função subalterna para um médico. Não há função subalterna para o homem de bem, disse seu Gomes dando uma lição de moral. Queria se referir a si mesmo quando falava do preto Gaudêncio lavando um penico de louça na casa do diretor. Tinha horas que seu Gomes era bocó-de-fivela. A pose, o pedantismo de mulato esbranquiçado.

Voltou a acompanhar o trabalho dos homens com o morto. Enquanto um tirava o paletó de pijama do velho, outro embebia de álcool um chumaço de algodão, ia passando no peito descarnado, no pescoço pelancudo do morto. Seu Durval jogou sabão em pó no potinho de barba, começou a bater espuma.

Um princípio de discussão, alguém disse é preciso esticar ele logo, cruzar as mãos no peito, botar o lenço no queixo, senão esfria. Outro dizia que não. Não é preciso, dá tempo, disse o médico agora realmente interessado no arranjo que os homens faziam. Um comecinho de sorriso vitorioso, seu Durval principiou a ensaboar a cara do morto.

É gozado, não dá espuma, disse espantado com a descoberta. Secava ligeiro demais, É assim mesmo, disse o doutor, a pele não tem mais vida, e todos ficaram boquiabertos com a sabença do médico. Mesmo assim seu Durval tentava ensaboar ainda mais a cara do morto. Nu em pelo, tio Maximino era um feixe de ossos. Anda depressa com isto, pode ser que ele esfrie, disse o baixotinho que procurava enfiar no morto as calças listradas.

Seu Durval foi raspando de qualquer jeito a cara do velho, a navalha parecia sem fio. Difícil, não vai ficar bem feita, disse desconsolado. O baixotinho agora estava mais aflito segurando no ar a camisa branquinha. Ande, Durval!

Afinal o homem não vai pra nenhuma festa, disse. Seu Durval olhou para ele com jeito de quem estava reparando a falta de respeito com o morto, continuou o seu trabalho.

A barba dada por concluída, foi a vez de amarrar o lenço no queixo, enfiar algodão nos buracos do nariz. Duro mesmo foi dar o laço na gravata, o morto já meio endurecido, tombado de banda. Agora tio Maximino estava pronto, vestido e esticado. O baixotinho tirou uma linha no trabalho que tinham feito, parecia satisfeito. Botaram o crucifixo debaixo das mãos cruzadas, o terço da Terra Santa entre os dedos, que nem ele estivesse rezando, um rio remansoso.

João foi se esgueirando devagarzinho em direção à porta. A mão tentou girar a maçaneta leitosa, escorregava, ele suando muito. Trêmulo, aflito, finalmente conseguiu abrir a porta e escapulir. Passou correndo pela sala de visitas, ninguém reparou no menino de uniforme.

Na rua suspirou aliviado, só agora parecia respirar. Da casa até o colégio eram bem uns cinqüenta metros. Mas ele estava suando muito, um suor frio escorria pela testa, pelo pescoço. Encostou-se no muro, firmou a

cabeça com as mãos, de uma golfada botou para fora o leite azedo, as broinhas mal mastigadas.

Ao se sentir melhor, escutou passos vindos na sua direção. Estão me seguindo, disse ele e saiu numa corrida desabalada. Corre que lá vem gente, gritava mudo para alcançar mais depressa o portão do colégio. Botando a alma pela boca, chegou.

Apesar das horas difíceis de seus últimos dias de vida, tio Maximino teve uma morte feliz, ia dizendo João numa carta imaginária para vovó Naninha, enquanto o professor Tito martelava a sua aula monótona.

O sol batia na carteira. Por um instante João se perdia na luminosidade da manhã, tão diferente (o peito livre e desafogado) do menino da noite passada.

Precisava escrever uma carta bem caprichada, vovó Naninha com certeza ia sair mostrando a carta para todo mundo. Olha só que progresso ele fez no colégio, dizia vovó Naninha. Vejam como ele está escrevendo direitinho. Que palavras bonitas que ele usa!

Escolheria as palavras que tinha aprendido recentemente, não usaria nenhuma daquelas palavras grossas, úmidas, seivudas, antigas, que antes ele usava. Afinal, não era nenhum João Carapina. Escreveria como um doutor, por cima, difícil. Como o dr. Michelet, que falava se reclinando na cadeira, no seu gabinete de diretor. Como seu Gomes gostaria de falar, coitado. Como o mulato esbrahquiçado procurava imitar a fala do dr. Michelet de Sarros! Quem vê, o infeliz não chegava nem aos pés dele, o dr. Michelet era soberbo nos seus dias felizes, no encerramento das aulas. Um orador de mão cheia, diziam.

Cercado de toda a família, de mim inclusive, que me incorporei contrito aos pés de sua derradeira hora, João continuava. Vovó Naninha, triste a princípio, ficava mais consolada lendo aquelas palavras. Precisava dar um

jeito de encaixar a morte de um justo. Quem sabe era melhor não usar a morte de um justo? Descrever apenas a cena da gravura que vovó guardava no seu livro de rezas, ela veria logo que se tratava da morte de um justo.

Senhor João Nogueira, disse de repente o professor, neste caso é de regra a ênclise ou a próclise? é agora! Não prestara a menor atenção ao que dizia o professor.

Melhor o cara-coroa. Ênclise. com firmeza, desse o que desse. Muito bem, disse o professor. E por que ênclise? A coisa agora ficava um pouco mais difícil. Porque o não atrai o pronome, disse João desta vez sem muita convicção. Muito bem, João, a negativa atrai o pronome. Matéria atrai matéria na razão direta das massas e no inverso do quadrado da distância, pensou João. João, o senhor vem fazendo grandes progressos ultimamente.

João vinha fazendo grandes progressos ultimamente, vovó Naninha via logo pela sua carta.

Cercado de toda a família, num ambiente altamente religioso, de grande unção, titio exalou (como estava craque hoje!) o seu último suspiro. Será que último suspiro ficava bem, não era lugar-comum, feito condenava o professor Tito? Ele tinha verdadeira ojeriza era por galicismo. Uma língua tão rica, e recorrer-se a termos alienígenas, dizia. Quem sabe perguntava pra ele? Não tinha sentido, perigoso, o professor falava de outra coisa, veria que ele não estava prestando atenção na aula. Lugar-comum ou não, ficava bonito, vovó Naninha não sabia nada dessas regras de escrever, jamais na vida tinha ouvido falar em ênclise e próclise, havia de achar uma boniteza último suspiro.

Sim, usaria a morte do justo. Foi uma verdadeira morte de um justo. Ao exalar o seu último suspiro, tio Maximino voltou brandamente a cabeça para a assistência (assistência ficava bem? não era outra coisa? podia parecer desrespeito), dirigiu o olhar brando pelos presentes, como que se

despedindo de todos, pousou-o em mim, na senhora, vovó Naninha, porque ele sabia quem eu era, olhou para a imagem de Nossa Senhora da Conceição sobre a cômoda, fechou os olhos de mansinho e entregou a alma a Deus. Se ele citasse aquele verso da antologia, que dizia assim - na mão de Deus, na sua mão direita, era capaz de vovó Naninha achar que ele estava ficando meio besta.

Cuidado com as frases longas demais, por causa da concordância e da regência, dizia o professor. Só os clássicos, só os mestres do vernáculo. Só um Vieira, só um Euclides, um Rui, um Camilo, podem dar-se ao privilégio das longas e cadenciadas frases, era o que dizia o professor. Cuidado com os quês, com os verbos auxiliares, com as repetições, procurem uma sinonímia rica. O nosso idioma é um manancial inesgotável. Era uma merda escrever assim. O professor Tito falava bem, apesar de que tinha horas era um pouco rebuscado. João não entendia direito mas era bom ficar ouvindo a cadência da sua voz, todas as sílabas ditas pausadamente. Ninguém chegava aos pés do professor Tito, nem o dr. Michelet de Barros.

Perdido na carta, mergulhado numa névoa boa, João não escutou o professor Tito chamá-lo pela segunda vez. Senhor João Nogueira, não me está ouvindo? disse o professor.

Estou, disse ele acordando. É que, disse procurando uma desculpa. É que eu não estou me sentindo muito bem. O senhor sabe, ontem.. Ah, sim, compreendo, disse o professor. A propósito, o dr. Michelet quer falar com o senhor, pode retirar-se.

De cabeça baixa, João passou pelos colegas. Procurava um ar distante, entre humilde e triste. Não pensava mais na casa ontem à noite, se sentia importante na frente dos colegas, era um menino que tinha perdido o tio.

Senhor João Nogueira, começou o diretor, estou a par do ocorrido. Acompanhei com interesse as horas de agonia de seu finado tio, compartilhei

da profunda emoção que deve ter sentido. O senhor Maximino Filgueiras, seu pranteado tio, era um vizinho exemplar, um homem de honra e de bem, de elevadas virtudes, um cristão autêntico, uma figura à antiga, diria mesmo um vaíão de Plutarco.

De repente uma angústia fina, uma ansiedade penetrante começou a invadi-lo. Via o absurdo da fala do dr. Michelet, aquilo tudo não fazia o menor sentido. E a angústia crescendo, a ansiedade deixando-o tento, a vista nublada, a cara do diretor vibrava, um tiro de espingarda, um zumbido no ouvido, o chiado de uma cigarra que não parava mais. Mal podia suportar o cacoete do diretor rodando o anel de grau no dedo. Queria que ele acabasse logo com aquilo, o mesmo suor frio da véspera. A cara do dr. Michelet aos poucos ia deixando de ser lustrosa, ganhava uma cor macilenta, amarelo-esverdeada, de palha suja de verde. João ouvia as palavras mas não escutava nada do que ele dizia. A língua roxa, mexendo grossa na boca, fazia espuma. De repente o pescoço do dr. Michelet foi se alongando, se alongando, parecia que ele procurava atingir um grelo verde no ar, feito uma galinha. João fechou os olhos porque do nariz do dr. Michelet saíam dois tufos de algodão, a barba grossa azulada, de dois dias. Como era possível, se ainda há pouco estava tão bem escanhoado? O algodão úmido, já meio rosa, a barba crescendo, depois ia ser muito duro fazer aquela barba, não dava espuma.

Alguma coisa, está sentindo alguma coisa? disse o diretor. Não é nada não. João procurava vencer o mal-estar que sentia pelo corpo todo. É que ontem fui deitar tarde... dormi mal a noite... estou com dor de cabeça...

O diretor olhava-o com ternura, parecia de repente carinhoso, como um pai, conforme gostava de dizer que queria ser para todos os alunos. Bem, meu filho, disse ele, você pode trocar de roupa, não precisa ir de uniforme, fica melhor uma roupa escura, você tem? João fez que sim, queria se ver

livre do algodão, da barba que de repente podia voltar a crescer. Apresente à família, em meu nome e no do estabelecimento, a expressão de nosso pesar. Sim, eu digo, disse João deixando o gabinete do diretor.

Lavou bem a cara na pia, a angústia aos poucos ia cedendo, ele já se sentia melhor. Vestiu a calça de flanela branca, a última moda entre os rapazes, o paletó azul-marinho de ombros de Tarzã, calçou o sapato preto com saltinho de três dedos como agora estava usando, levou um tempão acertando o laço da gravata no espelho. João se achava muito elegante, fazia uma boa figura. Se tivesse alguma menina mais bem apanhadinha por lá, ele bem que poderia tirar um flerte.

Pisando firme e elegante, ganhou a rua. Na rua ele olhava a casa de tio Maximino, o passeio repleto de gente. Vacilou um momento entre a casa do tio e a rua ensolarada, brilhante, sem fim. Entre o dever e a rua não havia escolha. Rente ao muro para não ser visto do colégio, foi descendo a rua na direção oposta à casa do tio. Afinal não conhecia bem nenhuma pessoa da casa, é capaz de que no fundo, no fundo, vovô Tomé é quem tinha razão. De maneira alguma ia voltar lá, não tinha mais graça, tudo se passara há muitos e muitos anos.

Ficou zanzando pelo centro. Olhava os cartazes do cinema, de noite tinha fita de Heddy Lamar, Êxtase. Diziam maravilhas da fita. Ela aparecia peladinha tomando banho de rio. Impróprio para menores, proibido. Seu Gomes nem sabia como é que permitiam passar uma fita daquelas. Nesta terra não há polícia. No internato só discutiam aquilo, os meninos agitados, a orquestra funcionando a pleno vapor. Alguns dos maiores falavam em fugir de noite para ir ver Heddy Lamar peladinha. Mesmo que não fosse menor, tinha de voltar de tarde para o colégio. Vai ver cortavam a fita na horinha dela aparecer pelada, gente safada, a polícia não deixava. Queria ver era a

cara dos bobos. No bar ao lado do cinema, tomou um sorvete de limão, comeu um sanduíche, só que a mortadela não estava lá essas coisas.

Não tinha nada de especial para fazer, mesmo assim se divertia. Pensou em ir ao Poço da Pedra Lisa, nos domingos costumava ir lá com os meninos. Dava uns mergulhos, umas nadadas. A água friinha, os mosquitos zunindo. O rio limpo, a água clarinha. Seria bom. Mas assim sozinho era perigoso. Podia ser que desse uma câibra, não tinha ninguém para salvá-lo. Aí quem ia ter de escrever uma carta para a família era o diretor. Melhor mudar de idéia, espantar a mosca gorda daquela lembrança.

Ele não tinha barba, não ia dar tanto trabalho. Chega de ontem, gritou espantando a mosca. Melhor outro rumo, cuidar de outro assunto. Não é por falta de assunto que a gente deixa de ficar bestando por aí à toa.

Devagar, medindo os passos para se distrair, ora cantarolando ora assobiando, descia até à estação. Lá embaixo pegou a linha, ia pelo trilho se equilibrando de braços abertos feito no circo o homem do trapézio, as meninas de maiô prateado às vezes usavam era sombrinha quando no arame, a banda tocando uma valsa bem lenta e redonda, de repente parava, só os tambores rufando.

Chegou, ficou vendo carregarem um trem de café, quis contar quantos vagões, desistiu, a composição se perdia na curva. Uma máquina fazendo manobras, apitou. A chaminé soltava um fumo grosso. Ele ficou vendo o fumo subir no céu muito azul: ia aos poucos se juntando aos grandes rolos de fumaça que vinham do Armazém Regulador do Café, a grande queima que o governo tinha mandado fazer. E olhando a fumaça se dissolver no ar, sentiu-se subitamente feliz. Afinal de contas tinha ganho um domingo no meio da semana, uma folga com que absolutamente não contava.

III – VALENTE VALENTINA

Uma das coisas que vovô Tomé sempre gostou foi circo. Mesmo quando a vida o maltratava (a gente percebia que ele estava preocupado porque tinha recebido carta de tio Zózimo ou tio Zózimo chegara ou então era algum negócio de meu pai que vovô sabia que no fim tinha de entrar no meio ou então as muitas fuzarcas em que se metia tio Alfredo), mesmo no fim da vida, quando foi caindo numa tristeza sem remédio e ficava horas e mais horas resmungando num canto (de vez em quando, no meio daquela cantilena se ouvia o nome do pai dele, Zé Mariano), o olhar espetado no teto, a ponto de deixar vovó Naninba preocupada por causa de certos casos de ausência que ela conhecia na família, se anunciavam circo vovô Tomé sacudia a morrinha, criava alma nova. Vovó Naninha dizia que era porque em Duas Pontes não tinha nenhum divertimento a não ser carteado e rapariga, coisas em que graças a Deus ele não mais pensava. Eu acho que não era só por isso, era um lado menino muito bom que havia em vovô Tomé.

Quando chegava circo em Duas Pontes os olhos de vovô Tomé lumeavam. Ele fingindo que era mais para me levar se animava todo. Não perdia função, tinha um camarote reservado para a família todas as noites. Não era por minha causa, mesmo quando eu não estava em Duas Pontes ele ia (vovó Naninha depois me contava, rindo escondido de como ele fazia para fingir que não estava alegre e depois dobrava de rir com os palhaços, os cachorros, os cavalinhos), mesmo quando eu já não ia mais com a família no camarote e ficava bancando o homem com Zito, Tuim e outros meninos na arquibancada, ele mantinha o camarote.

E toda noite lá ia ele com vovó Naninha, tia Margarida antes dela ter se entregue à religião, mamãe e a preta Milurde - quando eu era muito

menininho sá Milurde dizia ir para tomar conta de mim, agora ia por ela mesmo, da família.

Quem nunca foi com eles, nunca ia a circo em Duas Pontes, que eu me lembre, era papai. Circos muito mambembes, dizia ele. Sem graça nenhuma para quem já viu o Circo Sarrazani, um circo tão grande que chegava ao ponto de ter um navio; para quem tinha visto o Piolim, todo palhaço era de uma sem-graceza... A princípio eu acreditava porque papai vivia sempre viajando para São Paulo e para o Rio, metido em muitos negócios, amante do progresso, novidadeiro, depois fui desconfiando (no princípio era mais cisma, eu sendo ainda pequeno para perceber), fiquei sabendo que ele não ia a circo para não ter de ficar no camarote de vovô, ele que de uma certa maneira vivia sempre precisando de vovô Tomé. Papai era muito orgulhoso: o que mata seu pai é o orgulho, mamãe costumava dizer.

Mas voltando a vovô Tomé ou melhor - ao circo de cavalinho, que era como ele dizia quando circo chegava na cidade (eu dizia apenas circo, achava circo de cavalinho um pouco antiquado, mais ao jeito de vovô Tomé e vovó Naninha, eu cuidava muito do palavreado, agora no ginásio - isso foi depois; antes, muito menininho, eu falava feito ele, feito vovó, feito a preta Milurde, só não falava que nem nhô Chico, que era da roça, mocosinho demais), quem primeiro me dava a notícia não era nenhum menino (menino sempre sabe as coisas na frente de todo mundo, menino é que leva-e-traz), mas vovô Tomé. De manhã bem cedinho ele batia na porta lá de casa, perguntava a mamãe por mim. Circo de cavalinho vem aí, dizia ele e eu já sabia o que aquilo queria dizer.

Circo chegando, vovô Tomé virava outro. Me pegava pela mão, a gente ia ver armar o circo. Vovô ficava um pouco de dono e feitor do circo, o dia inteiro ocupado com o trabalho dos outros, às vezes chegava a corrigir um empregado mais burro que não acertava com o serviço (de longe, dando

ordem, ele achava baixo aquele tipo de trabalho), nem mais ao armazém de café ele ia, nem à farmácia nem ao Ponto, onde ele gostava de ficar proseando, ouvindo conversa, cortando pauzinho com canivete bem afiado, no desfastio das horas.

E vovô Tomé acompanhava tudo, desde o primeiro buraco, a primeira estaca batida, até a hera de esticar a lona. Nessa arrumação toda, do que vovô Tomé mais gostava (por que não tizer eu? eu também me deliciava) era da hora de levantar o mastro. Mais do que as caixas e bagagens, as jaulas de bicho, o elefante solto passeando velho à vontade, o tamanho do mastro dizia do tamanho do circo. Vovô Tomé tinha um faro todo especial para avaliar qualidade de circo, não errava nunca. Este é dos bons, dizia ele. Este não é lá essas coisas. Conforme o mastro.

O mastro erguido, a lona esticada, vovô Tomé ficava feliz da vida, feito o dono do circo. Aquilo deixava de ser circo, era um navio antigo, vovô Tomé deixava de ser fazendeiro, virava armador de navio, dono de todos os mares. Isso foi depois, quando eu lia os livros de aventura e comparava me lembrando dos tempos de quando a gente ia ver armar circo, eu muito menininho ainda; depois, quando comecei a ler os livros da coleção Terramarear no grêmio do Colégio São Mateus, e me lembrava de vovô Tomé, de vovó Naninha, de mamãe, o coração miúdo de saudade. Eu tinha então no tempo da comparação - dezesseis, vamos dizer dezessete anos, não sei ao certo, só fazendo as contas, e não ia mais ao circo com vovô Tomé por causa de Zito e da rapaziada alegre, como foi o caso do Circo Milano, dos irmãos Ramurazzi, don Arcângelo e don Cirino, da valente Valentina, desta história que agora vou lembrando, aos poucos recuperando como um bicho-da-seda ou uma aranha vai tirando de si o fio da própria teia...

Bem, de repente cheguei ao tempo em que eu devia ter uns dezesseis, vamos dizer dezessete anos, e o circo era o Circo Milano, a que cheguei por

carambola, principiando por me lembrar de vovô Tomé me levando para ver armar circo, não o Circo Milano mas outro cujo nome é o cuspe que eu ainda não fabriquei. Se me lembro de vovô Tomé quando estou lembrando de circo, de Valentina, é porque vovô Tomé e circo estão tão ligados dentro de mim que não consigo separar as duas coisas. Como aconteceu agora, não sei se me lembrei do Circo Milano e da valente Valentina porque pensei em vovô Tomé ou se me lembrei de vovô Tomé porque pensei no Circo Milano.

Fazendo as contas nos dedos, sou capaz de saber ao certo quantos anos eu tinha naquela época: dezesseis, vamos dizer dezessete anos, pelo jeito da recordação. Não ia mais ver armar circo com vovô Tomé nem olhava invejoso os meninos que distribuía reclames ou faziam pequenos serviços para ganhar uma entrada feito Zito antigamente, antes dele começar a trabalhar na loja de seu Bernardino (ele agora falava até em ir para São Paulo, depois mandava buscar a mãe, quando ganhasse pé na vida de lá), porque eu era então (antes) menino bem nascido, ia sempre de camarote, ai de mim se lá em casa soubessem que eu andava fazendo serviço por dinheiro. Porque agora eu tinha dezesseis, vamos dizer dezessete anos, estava de férias visitando a família, sabia muitas coisas, começava a empregar palavras difíceis, remedava a sério o professor Tito, o dr. Michelet do Colégio, me achava importantíssimo, era quase um homem, parecia até doutor de anel no dedo. Eu me julgava acima daquelas coisas, não era nenhum menininho para andar feito antigamente de luminária acesa por qualquer circo que chegasse a Duas Pontes, muito menos saía com vovô Tomé para ver a armação do circo, ele agora coitado ia sozinho.

Como não era mais um menininho para ir com a família no camarote, eu tinha além de Zito outros amigos quase homens, alguns deles conheciam mulher, já tinham pego até doença de rua, eu fazia uma força muito grande para parecer mais velho do que era. Mais velho e mais elegante com as

modas que eu tinha aprendido no Colégio São Mateus, em tudo diferente daqueles meninos roceiros de que eu procurava me distanciar. Por exemplo, não usava mais botina ringideira de elástico mas uns sapatos de bico fino e saltinho de três dedos que me faziam sentir mais alto e mais velho, a calça de flanela branca, ou quando estava lavando, a calça caqui do uniforme, o paletó azul-marinho de ombros largos e cheios. O cigarro no canto da boca, o canivete grosso de várias folhas (até tescurinha de unha possuía, com que eu me distraía limpando a unha enorme do dedo mindinho que eu agora cismara de deixar crescer), o soco-ínglês no bolso para o caso de precisar, enfim - o homem que eu estava construindo não permitia que eu desse atenção às coisas que antigamente me deixavam maravilhado.

O que agora me interessava no circo não era mais o circo mesmo mas a assistência, as moças que eu procurava namorar, sobretudo a companhia dos meus amigos. Achava uma diminuição para mim ficar ligando para palhaço, cavalinho, bicho, trapezista, menina do arame, elefante que subia num banquinho. No fundo eu ainda gostava de circo, embora fingisse um certo desprezo. O menino que eu tinha sido gostava daqueles cavalos de crina cheia e patas peludas, tão diferentes dos cavalos que estava acostumado a ver, de só duas raças - manga-larga e campolina, os cavalinhos do circo parece que vindos de um país de sonho.

Eu gostava dessas coisas mas escondia, escondia de Zito e dos meus novos amigos principalmente. Eu agora, crescendo, homenzinho, dizia que gostava era das coisas que demandavam coragem, nas quais havia sempre risco, como era o caso dos trapezistas voadores. Gostava também, mas isto era uma coisa tão particular que eu não ousava contar a ninguém, de ver as mulheres de maiô prateado, as coxas brancas luminosas que só de pensar davam sufocação no peito. Porque eu só sabia da existência de mulheres de maiô através de revistas e jornais, nunca tinha visto uma de perto, uma de

verdade. Às vezes eu imaginava como seriam (de noite, antes de dormir, sempre tive o sono muito demorado de vir, quando não tinha mais nada para pensar) mas ficava perturbado, elas se sumiam no ar, eu sem um naco de coisa, de vida, de lembrança, para fabricar o meu sonho (feito desenhar com fumaça o retrato de alguém que a gente não conhece nem nunca viu), era melhor pensar em Teresinha Virado, esta ao menos eu conhecia: antes - de vista, depois da minha ida à Casa da Ponte - de vista, de tato, de cheiro.

Os reclames que os moleques distribuíram de porta em porta falavam muito no número da valente Valentina. Valente Valentina era uma menina que, além de andar no arame e trabalhar com os pais no trapézio, fazia prodígios na bicicleta. Valente Valentina encantara com a sua graça, agilidade e leveza as platéias do mundo inteiro, dizia no exagero o programa. Eu não levava muito a sério esses reclames, feitos prós basbaques, a gente dizia na superioridade. Não estava muito interessado na valente Valentina, apenas achei gozado o arranjo do nome, um bom chamarisco. Valentina, a valente menina do trapézio, do arame, da bicicleta - assim a gente devia fantasiar, quis comentar com Zito mas tive vergonha, certas coisas agora eu não comentava com ninguém, pensava era em escrever uma carta, tanto podia ser para vovó Naninha quando no internato, ou para um amigo invisível a olho nu, igualzinho a mim em tudo, que eu agora cismara de inventar.

Eu só me mostrei interessado pelo Circo Milano quando Zito se entusiasmou com o globo da morte. Era a primeira vez que aparecia globo da morte na nossa cidade.

Se Zito podia se interessar pelo circo, isto é - pelo globo da morte, eu também podia. Comecei a discutir sobre o perigo daquela função, quando dois, diziam que três homens de motocicleta giravam a toda velocidade dentro de um globo de aço igualzinho a cumbuca de víspera, só que em ponto maior. Sempre palpiteiro e desmancha-prazer, Tuim duvidava muito, com

três homens era impossível, diziam aquilo mais como chamariz. Bobagem, eles progrediram muito ultimamente, dizia eu importante, viajado; o pobre do Tuim nunca arredara os pés de Duas Pontes. A gente vai ver, vamos tirar a limpo, era o que dizia Zito sempre ponderado (apesar de que agora, o tempo passando, mais velho, eu começava a desconfiar às vezes da sabença e sisudez de Zito), adiando a decisão para depois. Tuim então deu um argumento. Seu Dionísio, o delegado, ia fazer uma vistoria com o engenheiro da Mogiana que estava morando por uns tempos em Duas Pontes, havendo perigo de vida ele não ia deixar aquela função maluca e suicida. Perigo de vida pra quem, perguntei eu já nesta época começando a discutir o mando de toda autoridade.

É claro que pró povo, o globo pode rolar, disse Tuim. Risco de vida prós homens das motocicletas sempre tem, faz parte da função, disse Zito puxando para a banda de Tuim, agora mais chegado a ele - o colégio nos distanciava. A verdade é que a gente não sabia nada, a maior parte das vezes inventava, discutia à toa, bestando.

Quando saí de casa à noite vovô ainda me perguntou se eu não queria ir com ele. Perguntou mais por perguntar, sabia que eu agora de jeito nenhum ia com a família, família era um atraso de vida. Eu disse não, obrigado, já tinha combinado de ir junto com uns amigos na arquibancada. Vovô não insistiu, não ligou muito, andava bem acabrunhado: eu não me lembro se tio Zózimo já tinha chegado ou estava por chegar ou já tinha morrido.

Fui com Zito, Tuim e outros amigos já barbados, com bigode e tudo. Ficávamos bem lá no alto da arquibancada, juntinho da lona, dando palpite, bulindo com os outros, fazendo bagunça. A gente olhava o globo da morte vazio, as motocicletas do lado de fora. O globo da morte ia ser muito para o fim, era o principal do Circo Milano.

Uma chateação, a gente ia ter de aturar menina no arame e na bicicleta, cachorrinhos vestidos de colete, cavalos dando volta no picadeiro, feras desdentadas de velhas.

Tuim então gritou: tá na hora, mulher danada bota o bacalhau pra fora. A platéia aplaudiu o dito de Tuim com gritos e assobios.

Começou o espetáculo. Eu não prestava muita atenção nos números de equilibrismo, na sem-graceza dos palhaços. Não tirava os olhos era do globo da morte. Para distrair a aflição, olhei para o camarote de vovô Tomé: vovó Naninha, mamãe, a preta Milurde, tia Margarida não tinha ido. Vovô Tomé estava triste, mesmo de longe a gente via. Eu não sabia se era por causa de tio Zózimo ou de tio Alfredo, agora nos desmandos, nas valentias. Tive pena de vovô Tomé, no intervalo ia lá falar com ele.

O número da valente Valentina era nosso conhecido de velho, ninguém prestava muita atenção a não ser as mulheres. e a meninada. Eu olhava admirado era mais para o corpo da valente Valentina, o maiô prateado muito justo, as coxas brancas, adivinhava a dureza dos seios do tamanho de um limão graúdo, já começando a tomar feitiço de mulher.

No intervalo fui lá embaixo falar com vovô. Ele meio que forçou um sorriso, me passou uma pelega graúda, disse gracejando que era para o pirulito. Era lá eu menino para ficar chupando pirulito? Fui lá fora, paguei quentão para todo mundo, eu também tomei, quando foi na hora do Tuim o homem disse que menino não podia, Tuim mandou ele enfiar o quentão naquele lugar, saiu correndo porque o homem não era brincadeira.

Voltamos para a arquibancada, de novo a assuada quando chegasse a hora de começar a segunda parte. Aí então foi que veio vindo para o nosso lado a valente Valentina.

Ela vinha vendendo cartão postal com a sua fotografia. Na arquibancada quase ninguém comprava, nos camarotes sempre ficavam com alguns, eu

achava que era mais de pena ou pela simpatia da menina, conforme diziam as mulheres.

De repente pertinho de mim, ela me olhou bem nos olhos, sorria. Senti um medo, uma vergonha, uma coisa esquisita se passou comigo. Porque eu estava muito interessado nas suas coxas, nos seios apontando durinhos e estofados no maiô prateado. Eu pensava numa porção de coisas, pensava em Teresinha Virado de repente de noite, podia agora juntar as duas. Não contava de jeito nenhum que ela olhasse para mim, eu nunca tinha ficado perto de ninguém assim tão nua, nunca vira ninguém de maiô. Valentina era ruiva, tinha a cara toda pintadinha de sarda coberta de pó-de-arroz, mas talvez por isso mesmo comecei a achar ela linda. Devia ser estrangeira, o nome Valentina era italiano. Em Duas Pontes não tinha mais nenhuma ruiva, ruiva mesmo só dona Olímpia, mas dona Olímpia perdera a ruivice com a idade, a cabeça agora branquinha.

Pertinho de mim, eu podia sentir o cheiro de Valentina. Ela estava um pouco suada por causa do seu número no arame, na bicicleta. Tuim atrás dela, fingindo que sem querer, fez que ia passar a mão nas coxas de Valentina (de repente Tuim deu para ser safado), quando esbarrou com os meus olhos arrepiou carreira. Eu teria partido a cara dele.

O sorriso forçado, ela me oferecia o retrato colorido. Quanto é, perguntei no princípio mais por curiosidade. Depois, o postal na mão, quando ela me sorriu mais aberto, eu já queria ficar com ele, ia ser muito bom agora ter de noite aquele retrato pára juntar com a lembrança de Teresinha Virado. Ela disse quanto era, eu meti a mão no bolso para tirar o dinheiro, sabendo de antemão que não tinha aquela quantia, o resto do dinheiro que meu avô me deu eu gastei no maço de cigarros Yolanda e em outra meia xícara de quentão para ficar mais animado e fazer boca de pito. Ela disse quanto era mas aí eu já estava com o dinheiro na mão, tive de dizer

desconsolado não dá, Zito me empresta o que falta. Zito ficou na dúvida de me emprestar ou não, vi pelos seus olhos que aquele dinheiro era capaz de fazer falta em casa, ele sendo pobre, tinha ganho umas entradas porque colocou na loja um reclame grande do circo. Zito quis dizer alguma coisa, valente Valentina disse não é preciso do dinheiro dele (apontando para Zito), faço um abatimento para você, fica por isso mesmo.

Vi pela fala que ela não era italiana nem nada. Tinha só um pouquinho de cantado na voz, mas qualquer paulistano pobre falava daquele jeito, eu estava cansado de ver quando eles vinham a Duas Pontes visitar os parentes mineiros. Brasileira mesmo, é capaz de que só nascida na Itália, pensei para não diminuir demais a valente Valentina, filha dos trapezistas Nicola e Gina segundo o programa. Nascida na Itália, tão nova e já tinha viajado meio mundo. Eu começava a criar um novo sonho, um novo mito para o meu consumo diário; só as mulheres vertiginosas da Casa da Ponte (Teresinha Virado no seu roupão vermelho, as chinelinhas cor-de-rosa) não chegavam.

Na hora eu estava reparando os seus olhos, o seu cabelo brilhoso cor de cobre, a mecha molhada de suor caindo na testa, reparando a luz do seu rosto afogueado.

Nem por isso você quer? disse ela rindo desembaraçada. Eu nunca tinha visto uma menina assim tão desembaraçada. Aqueles risos, aqueles guizos e fanfarras só nas soberanas mulheres da Casa da Ponte (mas isso foi há muito tempo, é capaz de que eu tivesse até me esquecido), as meninas da minha terra eram todas acanhadas quando não estavam em bando feito ariri, pálidas e cheias de risinhos bobos por qualquer coisa que a gente dizia. Fica, disse ela meio cigana. Um rapaz tão simpático, eu gostaria muito de saber que você ficou com o meu retrato quando eu for embora daqui pra outra cidade. Ela era desembaraçada e falante (na boca um cheiro de hortelã pimenta), eu me vi esmagado. Eu longe daqui, você pode pensar na valente

Valentina, disse ela de repente crescida, maior do que o seu tamanho, mais velha do que a sua idade - eu tinha ficado um menininho lá atrás na estação dando adeus. Os dedos de Teresinha Virado nos meus cabelos, de repente lembrei aquele cheiro quente que agora às vezes ainda me varava as noites e me encharcava a alma mesmo depois de tanto tempo - era só lembrar. Além do cheiro quente, Valentina também cheirava a Leite de Rosas, com certeza tinha passado por causa do suor do exercício. Quase uma mulher, esperta. Uma vez uma cigarinha num acampamento na esplanada da estação queria por toda força ler a minha sorte. Eu fui cair na besteira de mostrar que tinha um pouco de dinheiro comigo, a cigarinha passou a mão no meu dinheiro e saiu correndo rindo de mim. Eu não podia fazer nada, ficava muito mal para mim. Cansada de esperar, Valentina me tomou o dinheiro. Só que desta vez não foi feito a cigarinha: ela me deixou o retrato na mão (eu senti muito forte o peso de sua mão na minha, engoli o cheiro de hortelã pimenta), ficou ainda muito tempo sorrindo para mim.

Rapaz simpático, disse Tuim, a voz aflautada, remedando Valentina. Eu avancei para ele, o braço esticado no galeio do soco, mas Zito entrou no meio e apartou. Será que você está querendo virar assassino, disse Zito reparando que eu estava com o soco-ínglês enfiado nos dedos.

De repente o globo da morte, todas as sensações fortes que eu esperava, o perigo anunciado, as apostas que eu tinha feito, tudo isso perdia sentido, nada mais interessava.

Eu só vivia aqueles olhos afogeados, brilhosos, risonhos, aquela pele pintadinha, o cheiro de hortelã pimenta ainda no nariz, os cabelos-de-fogo esvoaçando no vôo difícilíssimo do trapézio (há muito o seu número com Nicola e Gina acabara, ela não voltaria mais aquela noite ao picadeiro, vi pelo programa), agora em outro trapézio, na companhia de outros seres alados, impossíveis e vertiginosos da minha vida.

Os olhos catando aqui e ali onde é que agora andava Valentina, o nariz farejando o rastro (dentro e fora de mim), o tato (mais que o tato, adivinhava a presença, a proximidade) no postal dentro do bolso, procurava me lembrar como era mesmo a figura de Valentina no retrato - não conseguia, tinha visto na afobação, muito de relance, só me lembrava do maiô prateado. Meu coração batia surdo não de medo do que podia acontecer agora no globo da morte (o barulho ensurdecedor das motocicletas aumentava o silêncio nos olhos da assistência, o silêncio fabricado pelo rufar dos tambores), isso não me importava em nada, mas pela aflição de não encontrar de novo naquela multidão de gente um maiô prateado, um cabelo-de-fogo.

De repente eu achei Valentina junto dos casacas-de-ferro que duros montavam guarda na porta de saída dos artistas. Ela brincava com um cachorrinho vestido com um corpete de veludo vermelho, jogando uma bola de gomos coloridos para ele abocanhar de pé se equilibrando nas patas traseiras.

Só ela, eu e o cachorrinho parecíamos não dar pelo sensacional espetáculo circense do globo da morte. Vi vovô Tomé (antes eu reparei que ele não estava nada prestando atenção nos outros números, com certeza tinha recebido carta de tio Zózimo ou tio Zózimo chegara ou já tinha morrido, não me lembro), de olhos grudados no globo da morte. Mesmo os empregados do circo, fingidamente ou não, não importa, se voltavam inteiramente para as motocicletas de propósito sem cano de descarga para aumentar o ronco. Eu acendi um cigarro, olhava ora as motocicletas girando no ronco redondo, ora Valentina brincando com o cachorrinho. Na verdade eu estava agora muito pouco interessado na possível morte daqueles homens, queria arrependido estar no camarote de vovô Tomé (dali eu podia ver Valentina mais de perto), queria era que tudo acabasse o mais ligeiro para poder ir para casa e conferir o meu sonho.

No outro dia fui bem cedinho para a porta do circo. Era quase certo Valentina estar por lá, o pessoal do circo andava muito pouco pela cidade, só os homens é que às vezes apareciam para jogar bocha ou sinuca.

A primeira pessoa que eu vi foi Valentina. Quando dei com ela, quis voltar atrás mas era tarde. Ao contrário do que eu esperava, ela me reconheceu logo, se chegou e disse ei, você não é aquele menino de ontem que eu fiz um abatimento no preço do meu retrato? Eu disse que sim, meio engasgado. Tinha passado ali por acaso, estava procurando meu avô, será que ela não tinha visto? Ela disse que não conhecia, bobagem minha ter dito aquilo.

Ela começou a assobiar a música que a acompanhava no arame, batia a bola de gomos coloridos no chão. Me lembrei dela no maiô prateado, agora estava vestida com um vestido amarelo meio desbotado. Valentina tinha empalidecido, eu achava. Não mais aquelas cores, aquele brilho de ontem à noite. Feito uma flor na jarra perde o viço, é capaz de que só de noite, ao som da banda, ao brilho das cores lustrosas, das carreiras de lâmpadas acesas no picadeiro, ela vivesse a sua própria vida; de dia apagada, amarelecida.

Mas não, ela sorriu para mim. E todo o brilho, toda a cor, todo o sonho colorido de ontem parecia renascer. Será que eu não sabia de nenhum menino na cidade que tivesse bicicleta, me perguntou. Para dar umas voltas pela cidade, sozinha ela achava muito chato, era feito ela trabalhar no circo.

Aquilo vinha a calhar, Deus estava sendo muito meu amigo. Eu era o único menino na cidade que tinha bicicleta, havia o filho do dr. Alcebíades mas a bicicleta dele estava em petição de miséria, era capaz de nem andar, de tão velha e fora de uso. Depois eu não ia ser bobo de botar o filho do dr. Alcebíades na história, ele era muito atrevido.

Eu tinha mas precisava dar um jeito nela, foi o que eu disse, fazia mais de ano que eu não andava de bicicleta. Eu vou com você, disse Valentina. Levo as minhas ferramentas, eu sei lidar com mecânica, eu mesmo é que conserto a minha bicicleta quando é preciso.

Nunca tinha visto aquilo na minha vida. Valentina parecia um menino de tão desembaraçada. Eu precisava dizer alguma coisa para não perder de todo o governo das rédeas, disse então vai e fala com seus pais que você vai lá pra casa. Meus pais? disse ela espantada, e caiu na risada. Nicola e Gina? disse remedando a voz cantada de don Arcangelo Ramurazzi. Eles são meus pais é de fingimento, pra efeito artístico. Minha mãe morreu faz tempo, meu pai eu nem conheci. Quem toma conta de mim é dona Giulia, mulher de don Cirino. De onde é que eu sou? Do Brasil mesmo. De que lugar? Na verdade mamãe mesmo era capaz de não saber em que cidade foi que eu nasci.

Quer saber de uma coisa? disse ela para meu espanto. Eu acho às vezes que o retrato que minha mãe pintava de meu pai, as histórias que ela contava, era tudo mentira. Don Arcangelo Ramurazzi um dia que brigou comigo falou que meu pai não valia nada, nem mesmo era casado com minha mãe, disse ela secamente, sem nem uma pontinha de mágoa do que a vida tinha feito com ela. Sem nenhum acanhamento, apesar de que era a primeira vez que a gente se falava não contando a véspera.

Não foi a única decepção que tive naquele dia. Depois ela me disse que não se chamava Valentina, seu nome era Sueli, um nome enjoadinho, ela mesmo achava. Mas faz favor de continuar me chamando de Valentina, que é como todo mundo me chama. Gosto do nome, é bonito, não acha? É um nome de guerra muito bonito, eu disse a verdade, não era nenhum consolo para ela. Bonito e assenta bem com os números que você faz no circo.

Quando cheguei com Valentina lá em casa, minha mãe quase desmaiou de susto. Mamãe, esta é Valentina. Eu sei, a valente Valentina, disse mamãe

se refazendo do repente da aparição de Valentina. Valentina sorriu agradecida por mamãe ter se lembrado que ela era a valente menina do trapézio.

Valentina foi embarafustando pela casa adentro, não quis fazer sala com minha mãe. Uma hora que deu jeito mamãe me chamou de lado para dizer que Valentina era muito sem modos e entrona para uma mocinha. Eu disse ora, mamãe, a senhora é muito é atrasada. Valentina é viajada, não liga pra essas bobagens de cerimônia. Ela não é que nem essas pamonhas de Duas Pontes. Minha mãe ia dizer alguma coisa mas Valentina vinha vindo.

Foi Valentina sozinha que pôs a minha bicicleta de novo em funcionamento. Eu pouco fiz, servi mais de ajudante de mecânico, passava as ferramentas que ela ia pedindo.

Quando foi de tarde (Valentina almoçou conosco, se fez de convidada), a bicicleta pronta, fomos ao Posto Ford encher os pneus. O encarregado do posto deu um jeito nos pneus, as câmaras estavam furadas, teve de botar um manchão no pneu da frente, o mais estragado. Mandei botar na conta de meu pai. Quando fui saindo ele me falou baixinho que menina mais bonita você me arranjou! Eu fiz que sim com a cara fechada, não queria que tomasse liberdade comigo, ele era muito entrão. No fundo eu estava feliz da vida.

E passeamos a tarde inteira. Fomos para o campo de futebol, e lá no plano ela me ensinou a fazer uma porção de coisas malucas com a bicicleta. Levei alguns tombos, sujei a roupa e a cara de terra. Eu estava que era poeira só, suado, melento, mas tantas vezes repetia o que Valentina me ensinava que acabei aprendendo. E Valentina ria de mim, eu sentia uma onda de prazer me invadir com o riso de Valentina. Quem sabe um dia você não entra pró circo? disse ela brincando. Eu ri muito da brincadeira, parece que a gente se conhecia há muitos anos. Aquela tarde foi toda feita de magia e deslumbramento.

Na hora de se despedir, me perguntou se eu não queria uma entrada para de noite. Eu disse que não precisava, ia no camarote de meu avô, bem junto da pista, de onde eu podia vê-la melhor, talvez a gente até se falasse no intervalo, disse eu a modo de convite, de pedido. Ah, seu avô tem camarote? disse ela surpresa. Valentina tinha gostado de mim por mim mesmo, não por causa de meu avô, como acontecia com as outras meninas da cidade. Está bem, mas amanhã você vai comigo, fica lá atrás com a gente. Vai ver como é o circo por dentro, como se fizesse parte da companhia. Eu fiz que sim, maravilhado. Então, ciao, disse ela pulando no selim da bicicleta.

E lá se foi assobiando feito saísse do picadeiro. Eu fiquei vendo Valentina desaparecer no fim da rua. Comigo restou a impressão dos seus cabelos vermelhos voando com o vento da bicicleta, um pedaço branco de coxa quando ela saltou despreocupada em cima do selim. Fechei os olhos para guardar melhor, antegozando a noite que se fazia dentro de mim. Meu coração não agüentava tanta beleza, tanta coisa nova num só dia. Meu coração estalava de alegria, estalava de dor.

Quando foi de noite Zito passou pela minha casa para saber se a gente ia de novo ao circo. Você não esteve hoje lá na loja, disse ele já sabendo de tudo, Tuim me vira passando de bicicleta com Valentina. Eu não pude, disse eu querendo me livrar de Zito. Você vai hoje com a gente, perguntou ele já desconfiando da minha resposta.

vou não, vou com meu avô, eu prometi pra ele. Eu já sabia, disse Zito não conseguindo esconder a mágoa. Ficamos incomodamente calados. Bem, então amanhã a gente se vê, disse Zito. Amanhã não, no intervalo a gente se fala, disse eu sabendo de antemão que não íamcs nos ver. Não, até amanhã mesmo, disse Zito. Eu não vou mais ao circo, acabei de resolver. Eu tive pena de Zito mas não podia fazer nada.

A minha entrada no circo foi triunfal, eu achava. Via todo mundo me olhando, via os rapazes me olhando com inveja, via as meninas despeitadas me olhando com o rabo do olho. Me achava completo, um homem. Aquelas meninas bobas de Duas Pontes não chegavam nem aos pés de Valentina. com certeza a cidade inteira comentava, todo mundo me viu quando passei sozinho com Valentina em direção ao campo de futebol. A lente de aumento da minha emoção engrandecia tudo, me sentia como o trapezista que caminha solitário para o trapézio para fazer o seu número mais arriscado, todos os olhos grudados nele, em mim.

Fiquei no camarote de vovô. Vovô Tomé estava um tanto alegre, uma hora passou o braço por cima do meu ombro mas recolheu depressa o gesto ao sentir que aquilo me incomodava, eu não era mais um menininho. Vovô Tomé era assim: um homem secamente delicado quando queria, bom até o fim. Mamãe é que trazia a cara amarrada, sempre foi muito ciumenta. Vi que ela não gostara nada da visita de Valentina. não me falou porque não deu tempo, passei a tarde inteira com Valentina, jantando na casa de meu avô, vim direto com ele.

Quando Valentina entrou senti toda a emoção que tinha guardado na véspera para o globo da morte e não pude usar. À luz daquelas cores, da música alegremente esfuziante e ligeirinha que acompanhava a sua entrada no picadeiro, Valentina. parecia mais bonita do que nunca, era a coisa mais linda do mundo. O maiô prateado aumentava o brilho e o mistério, Valentina era o que depois nos meus rascunhos eu chamaria exagerado de ninfa encantada da floresta.

Vovó Naninha disse mas é uma gracinha de menina! quando ela fazendo a volta no picadeiro, em puladinho de minueto e caixa de música, de braços abertos em forçadas curvaturas para a platéia, jogava beijos para o ar, jogou um beijo para nós, para mim, eu senti. Beijo que guardei com a medrosa

delicadeza de quem procura aparar uma bolha de sabão. Mamãe não disse nada, parece que não gostou de vovó Naninha ter dito aquilo.

Eu passei a achar o número de Valentina a coisa mais interessante do Circo Milano. Não podendo agradecer a Valentina tanta felicidade, agradecia a Deus tudo de bom que de repente acontecia na minha vida. Meu agradecimento era todo feito de medo, pela simples vontade de Deus tudo aquilo podia acabar de repente no sopro do vento.

No intervalo, para surpresa minha, ela veio ao nosso camarote, toda desembaraçada. Então, esta é a sua amiguinha, disse vovô Tomé envergonhado e cerimonioso, como se a coisa fosse com ele, como se a gente tivesse comentado o assunto. Valentina não tinha nenhum acanhamento, parecia uma patinha, uma dona-de-casa recebendo visita, afinal o circo era a sua casa. Ela deu um postal para vovô, ele quis pagar, de jeito nenhum ela aceitou. Ora, Gilda, ela é muito educadinha, disse vovó Naninha respondendo a algum reparo que minha mãe fizera na minha ausência.

Agora eu sentia que realmente todos olhavam para mim, era a pessoa mais importante de Duas Pontes. Sobretudo eu via Zito, Tuim e os rapazes que eu agora freqüentava (Zito se escondia de mim porque tinha dito que não ia mais ao circo) me olharem não como meus amigos mas como inimigos rancorosos. A coisa chegou ao máximo quando don Arcângelo Ramurazzi, acompanhado de Valentina, veio até ao nosso camarote, cumprimentou vovô, e num português macarrônico disse que eu era um rapaz muito delicado e amicíssimo de Valentina, quando a gente nunca tinha antes se visto ou se falado. Aquilo tudo era obra de Valentina, ela me piscou um olho se não me engano; ela era muito mais inteligente e desembaraçada do que eu, menino mcorongo de Duas Pontes. Valentina tão diferente de mim: menina de circo, cada dia num lugar (ela me dizia o rosário das cidades, tantas que eu não conseguia nem guardar os nomes, e eu ficava de boca aberta, mais pasmo do

que quando tio Zózimo contava as suas viagens, Valentina era a pessoa mais viajada do mundo), ave sem pouso certo, conheceu uma multidão de gente, é capaz de não se lembrar depois nem mesmo que esteve alguma vez na nossa cidade, se existiu alguma vez alguém chamado João da Fonseca Nogueira, um menino família como tantos outros no mundo, eu triste comparava, apesar de que agora, depois do internato, era bem mais esperto.

Don Arcângelo pediu licença a meu avô e me levou com ele. Fiquei com Valentina em pé no picadeiro, perto da cortina de boca, junto de dona Giulia. Sentada numa cadeira pequena demais para o seu tamanho, dona Giulia dizia coisas muito engraçadas para mim, contava histórias de Valentina - (Valentina não gostava, eu via; ela não tinha mãe, não queria ter mãe, ela era a pessoa mais livre do mundo), dizia que era uma espécie de mãe ambulante de Valentina, e eu ria não sei se porque dona Giulia não sabia o português direito ou se porque tinha feito um achado. E como ela exagerava nas histórias que agora começavam a ficar picantes, e batia as mãos espalmadas nas coxas gordas, e chorava de rir, Valentina acabou com aquele teatro dizendo qualquer coisa cifrada que eu não entendi, só sei que dona Giulia parou de repente de rir, disse você não precisa ser assim tão má comigo. Limpou as lágrimas e sem intervalo voltou a rir, ria agora despreocupada do palhaço Fuinha que fazia umas visagens só para ela.

Que gente tão diferente da minha gente! Como era bom ser de outro país, de outro planeta. Como era bom ser viajado, tio Zózimo é que tinha razão. Aos poucos me acostumava com o desconforto do privilégio, de uma certa maneira já fazia parte do maravilhoso Circo Milano.

Eu ia ter muita coisa para contar depois aos meus amigos. Zito, Tuim, todos iam saber de tudo que entre mim e Valentina ia acontecendo ou não acontecendo, conforme inventava o desejo malicioso.

Porque daquele dia em diante comecei a mentir. Passava pela loja de seu Bernardino, encontrava Zito, dizia as novidades. Mesmo a Tuim eu dava uma migalha do que estava acontecendo entre mim e a valente Valentina. Mesmo na roda dos homens maduros me permitia arrastar um pouco de prosa. Às vezes sentia um certo remorso de estar difamando Valentina. Me consolava dizendo que nada daquilo prejudicava Valentina, amanhã ela ia embora para outras cidades, outras terras, nunca mais ouviria

falar de mim, o bom de viajar é isso. Menina de circo, de uma certa maneira era filha do mundo, pasto das rumações de toda gente.

Comecei a mentir porque nada, absolutamente nada acontecia. Ou melhor, acontecia. Acontecia um nada tão cheio de promessas, um nada tão carregado de emoções tensas e delicadas, de promessas e risos e sonhos, que meu coração menino via tudo nas lentes de um telescópio. Como eu não podia dizer aos outros tudo de grandioso que estava acontecendo comigo (se eu abrisse a emoção estaria perdido), porque nada acontecia, passei a inventar as piores coisas, a dizer todas as safadezas que os homens experientes (se é que existem, se é que nessa matéria todos não inventam) deviam logo perceber que eu mentia, no desejo de que tudo fosse verdade. E eu contava as coisas mais incríveis que estavam (não estavam) acontecendo entre mim e Valentina no campo de futebol, na mata depois do bambuzal, lá pelos lados do cemitério.

Porque nada, absolutamente nada acontecia. Que foi que aconteceu naqueles dias todos que o Circo Milano ficou na nossa cidade? Que foi mesmo que aconteceu naquelas tardes que saíamos juntos a andar de bicicleta?

Uma tarde, depois de muito andar, de muito pedalar as nossas aéreas bicicletas, vencidos pelo cansaço, nos deitamos de costas no chão, um ao lado do outro, e ficamos um tempão sem conta olhando as nuvens

preguiçosas no céu tinindo de azul fazerem e desfazerem os mais estranhos e caprichosos desenhos, as coisas mais fantásticas que a gente ia inventando de nomear. As nuvens brancas e preguiçosas, eu e Valentina cansados da bicicleta, cansados dos nossos corpos que ainda não tinham se acostumado a viver.

E vi para sempre o perfil de Valentina recortado na tarde azulada. Senti um desejo forte demais de passar de leve a mão no seu rosto, acompanhar de levezinho o desenho do nariz fino, dos lábios entreabertos, do queixo levantado. E os meus olhos como que tocaram os seus olhos, a sua pele pintadinha, os seus lábios molhados e quentes.

Como que apalpavam os doloridos peitinhos que agora mal existiam porque ela estava deitada, só eram atrevidamente espetados quando ela enfrentava o vento na bicicleta.

E o meu nariz dilatado procurava cheirar, em goles que enchiam todo o peito, a respiração cansada e quente de Valentina.

Fui me chegando para mais perto dela, segurei a mão que estava deitada a meu lado. No primeiro momento ela não reagiu, mas foi consentimento que durou muito pouco.

De um pulo ela ficou de pé, vermelhinha olhava para mim. E como o silêncio durava demais, o silêncio que podia nos comprometer, ela disse vamos embora, seu bobo.

Por que é que você fica com essas coisas? Assim você atrapalha tudo. Vamos embora que está ficando tarde.

Só isso, mais nada. Me esqueci: de repente o céu foi perdendo a cor azul, foi se tingindo de cinza, num instante já era fim de tarde, boca da noite. Havia no ar um cheiro gorduroso de mato, um cheiro bom de mato pisado...

... Ah, meu Deus, como tudo se passou tão depressa! Os anjos não tomam conta do tempo. Se a espera e a dor custam tanto a passar, a

felicidade acontece tão ligeiro que não dá nem tempo de reparar. Eu súbito descobri a verdade de que a gente só guarda para toda a vida aquilo que dói demais. Num instante chegou a hora do Circo Milano partir.

Fui ao embarque do circo. Na hora da despedida (ainda desta vez a iniciativa era dela) Valentina me deu de surpresa um beijo no rosto. Eu nada podia fazer, o trem começou a andar.

IV – AS VOLTAS DO FILHO PRÓDIGO

Alguma coisa no ar dizia que Zózimo estava para chegar. Desde longe, antes mesmo de qualquer anúncio, João pressentia: não demorava muito e tio Zózimo estaria de volta.

Sempre foi assim. Desde que se entendia por gente, aquele mistério; desde quando conseguia lembrar, desde as suas mais antigas lembranças.

Alguma coisa no ar - um som, um cheiro, uma carta anunciava a chegada de tio Zózimo. O menino desconfiava farejando, tinha os ouvidos muito abertos, os olhos muito agudos, as narinas pegavam um cheirinho diferente no ar, a pele mesmo sentia os sinais de que ele estava para chegar. Deve ser assim que aparelhos de precisão apontam a proximidade de um ciclone, antes mesmo dele chegar já lhe dão um nome. Só que ninguém ousava dizer o nome de Zózimo; mesmo ele longe, nas cidades por onde o arrastava a sua angústia e solidão - o seu deserto, as suas sandálias empoeiradas.

João sentia no ar, fuçava pelos quartos, nos guardados da avó, a ver se descobria alguma carta de tio Zózimo. Nunca encontrou nenhuma (vovó Naninha com certeza queimava todas, a simples existência daquelas cartas devia infernar a sua vida), mesmo aquelas definitivas e derradeiras, que não vinham de longe: quando ele em Duas Pontes deixava sobre o criado-mudo uma carta se despedindo para sempre. Ele era trágico e terrível nas suas últimas cartas.

Um sexto sentido lhe dizia, ninguém precisava contar: nem a mãe, nem o pai, nem vovô Tomé, nem vovó Naninha, que era quem mais sofria com as voltas do filho. Antes que se tomasse conhecimento declarado da chegada de Zózimo, antes que se começasse a murmurar detrás das portas e nos corredores, na cozinha, depois nas conversas em voz alta, quando se ficava

sabendo em definitivo e se discutia a iminência da chegada de Zózimo, João tinha a certeza de que ele estava para chegar.

Um dos sinais mais evidentes era o lume de ansiedade nos olhos da avó. Ela ficava aflita pela chegada de seu Zizinho dos Correios, o mensageiro daqueles desastres, toda hora ela indo à janela para ver se seu Zizinho já vinha: fazia um tempão que Zózimo não voltava, não devia demorar muito. Ela não contava a ninguém as suas cismas, as suspeitas de que em breve receberiam carta de Zózimo.

Se João não notava os sinais aflitos nos olhos da avó, os silêncios de vovô Tomé se encarregavam de dizer - aquilo que todos temiam estava para acontecer. Mesmo sozinho no quarto, os velhos não deviam dizer que não demorava muito e Zózimo estaria de volta, de medo que o simples fato de falar pudesse lhes devolver o filho: o próprio nome de Zózimo era um panema terrível.

João custou a descobrir que não devia pronunciar o nome de Zózimo. Mesmo na presença de tio Alfredo, com quem ele conversava mais, tinha mais liberdade. Uma vez, sentindo a aproximação no ar, perguntou: tio Alfredo, por onde é que será que tio Zózimo anda. Tio Alfredo ficou um momento calado, depois falou, ao contrário dos outros que se calavam sempre. Falou meu filho, não me pergunte, que eu não sei. Não quero nem pensar nele. Um espinho atravessado. É como uma dor funda no peito que a gente quer esquecer, com medo que seja um tumor maligno. É melhor falar de outro assunto.

Ele ficou sabendo que não devia nunca dizer o nome de tio Zózimo. Mesmo na rua, ele passou a não dizer. Aprendeu por mimefismo a copiar os de casa, quando alguém, mesmo Zito que era mais do peito, lhe perguntava sobre o tio. João trancava a cara, os olhos no chão, mudo. Então ficaram sabendo na cidade que o menino também não gostava que tocassem no

assunto. Deste mato não sai coelho, dizia João satisfeito da vida; era igualzinho os grandes de sua família.

Não que a cidade desgostasse de Zózimo, e perguntassem mais por xeretar, ele era muito estimado. Participavam da dor da família, sabiam que alguma coisa de estranho se passava no casarão de seu Tomé quando Zózimo ia chegar, já tinha chegado.

De longe acompanhavam a aflição da família. Só conheciam o lado bom de tio Zózimo, quando depois de um mês de chegado ele saía, e então era alegre e brincalhão, parava em cada porta para dar um dedinho de prosa com um conhecido, se demorava em longas conversas com os mais chegados. Ia ao clube, jogava bisca, contava casos, era mesmo muito divertido. No Bar do Ponto era o bilhar, a algazarra, as risadas gostosas. E todos o abraçavam apertado, perguntavam como tinha ido de viagem, fingindo ignorar que ele estava na cidade há mais de um mês. Eram polidos e delicados, gostavam muito de tio Zózimo.

Além do lume agoniado nos olhos da avó, dos silêncios enclausurados do avô, do choro escondido que muitas vezes ele surpreendeu na mãe, da gagueira e histeria de tia Margarida, um dos sinais mais certos da chegada de tio Zózimo é que tio Alfredo mandava arrear o cavalo, arrumava as suas coisas, se despedia do pai e da mãe como se fosse ele o filho pródigo, e rumava para à Fazenda do Carapina, onde ficava até receber o aviso de que Zózimo tinha desanuviado, ele podia voltar.

Porque nos primeiros dias, quando tio Zózimo chegava, e o silêncio da casa pesava de maneira insuportável, e ele se afundava na rede, de onde só se erguia para gritar, e berrava o seu ódio contra os pais, contra o irmão, contra a cidade, contra o mundo, nem de longe Zózimo podia ver Alfredo. Era com quem ele tinha mais contas a ajustar, conforme dizia.

Uma vez até se deu o caso de que, por erro de cálculo, mandaram avisar tio Alfredo que ele podia voltar. Ele veio e os dois se encontraram. Tio Alfredo, esperando Zózimo claro e sorridente, se dirigiu logo para ele, não deu tempo de avisar que tinha sido um rebate falso, ele devia voltar ligeiro para a fazenda.

Então, Zózimo, tudo bem? foi ele dizendo de braços abertos, aparentava uma alegria desmesurada. Foi ele dizer e Zózimo aos gritos lhe saltar no pescoço. Tudo bem, seu cachorro! É você mesmo que eu quero pegar!

Vovó Naninha veio lá de dentro correndo, que era aquilo! Meu Deus, tem dó de mim, Sagrado Coração de Jesus, ela gritava.

É a história outra vez de Abel e Caim! E todo mundo correu para apartar os dois que estavam se matando.

O avô, que sumia de casa só aparecendo na hora da bóia, só sabia dizer meu Deus, por que ele volta? Por que tem de fazer tudo na minha presença? Por que tem de tentar sempre na minha casa, pra me ferir mais fundo? Por que não se mata de vez longe da minha vista, para esse sofrimento, essa sina, essa agonia acabar de vez? Que culpa tenho eu, Jesus? A velha culpa.

As perguntas de vovô Tomé não encontravam resposta. Quem é que podia dizer os motivos por que Zózimo voltava, a não ser comparando com um bicho ferido de morte que busca a sua toca? Mesmo o dr. Alcebíades, que mais de uma vez teve de atender tio Zózimo na sangueira quando ele tentou, não sabia o que fazer.

Aqui a gente não tem recursos, remédio eu acho que não adianta muito, dizia o dr. Alcebíades. Quem sabe, por que não internam ele em São Paulo ou no Rio? É difícil, é quase impossível, dizia o avô. Quando ele melhora fica outro, nem parece o mesmo, a gente até se esquece das crises, tudo parece que foi um pesadelo, a gente estava era sonhando. Na verdade é duro um pai dizer isto de um filho, mas fico louco pra ele melhorar e de novo

sumir no mundo. É, mas é bom, era só o que sabia dizer o dr. Alcebíades. As vezes me dá vontade de fazer isso, nos dias dele ruim (era a voz de vovô Tomé), mas quem é que se aproxima dele? E depois, o escarcéu, o escândalo...

Não se pode fazer nada, dr. Alcebíades, é melhor a gente aceitar o destino, cada um com a sua parte, conforme a partilha de Deus. Deus não tem nada a ver com isso, tentava dizer o médico, mas vendo o sofrimento na cara de seu Tomé, calava, se limitava a deixar uma receita, apanhava o chapéu no cabide, ia embora sem dizer mais nada, mudamente dizendo até a próxima.

Mas João sabia, vovô Tomé sabia, todos sabiam que aqueles dias ruins de tio Zózimo não duravam muito. No fim de um mês ele estaria bom. Era o que todos esperavam aflitos. E então se esquecia.

Quando não era na rede da sala, era no quarto. O menino passava pela porta de Zózimo, via-o deitado de costas, imóvel, as mãos na nuca, os olhos grudados na esteira do teto. Eram terríveis os olhos de tio Zózimo. Como se guardassem o maior ódio, o maior medo do mundo.

João andava nas pontinhas dos pés se esgueirando pelo corredor, ia até à cozinha para junto de vovó Naninha, e da preta Milurde. Vai embora, menino, fica aperreando os outros não, dizia a preta. É mesmo, dizia vovó Naninha, é bom você ir pra sua casa. Ou então vai brincar lá na horta. Não é bom você ficar me rabeando, presenciando essas coisas. Quando ele melhorar, você pode ficar o tempo que quiser, eu até falo pra sua mãe deixar você ficar uns dias com a gente.

João fingia ir embora, voltava. Não podia despregar os olhos da rede, daquele corpo pesado balangando na sala: os pés de fora da rede, dava galeios mansos. Era como se tivesse um bicho guardado lá dentro, feito bacorinho no fundo de um saco. Via o volume do corpo se mexendo na rede, embrulhado nas varandas.

Quando soprava o vento da janela do quintal, em vez do hálito das mangueiras o que vinha era um cheiro rançoso e enjoativo. Será que tio Zózimo fedia? João nunca chegava perto quando Zózimo ficava assim. Será que ele não tomava banho? O cheiro que parecia vir de tio Zózimo grudava no nariz, ou era ilusão? por causa de que tinha mentalmente comparado aquele corpo na rede com um bacorinho. João não sabia, não esmiuçava muito essas coisas, tão forte aquela presença, tão grande o medo que sufocava o coração.

Via-o de repente erguer-se, ajeitar o roupão no corpo (ele nem mesmo se vestia), ir lá dentro na privada, gritar qualquer coisa para a mãe no quarto do oratório, onde ela agora passava as tardes desfiando os mistérios de um rosário sem fim. João tremia diante da figura enorme, magra e cabeluda: a cara barbada, os olhos fundos cheios de estrias vermelhas.

No mais das vezes tio Zózimo nem parecia dar pela presença de João. Nunca tinha gritado com ele, não era contra ele a sua fúria. Nos dias bons até que era muito seu camarada, contava casos dos lugares por onde tinha andado, se lembrava dos seus tempos de menino; nos dias ruins ignorava-o inteiramente, era como se ele não existisse.

Só uma ou outra vez é que ele pareceu dar pela presença de João. Parou de repente, como se o grito daquela presença tivesse interrompido o descampado de suas rumações estúrdias sem fim, e um instante ele pareceu voltar das brumas.

João viu nos olhos de Zózimo um brilho longínquo de alegria, como se o tivesse reconhecido e fosse falar qualquer coisa com ele. Não falou, tornou a fechar o cenho, apagou-o do mapa, João nunca tinha existido, foi gritar com a mãe lá dentro.

Porém os dias bons sempre voltavam. E era como se só então tio Zózimo tivesse chegado de viagem. O sinal mais evidente de que tio Zózimo

ia voltar era que a rede começava a balançar mais ligeiro.

E então começava-se a ouvir, a princípio indistintamente, um assobio vindo de muito longe. João precisava esticar bem os ouvidos para pegar no ar aquele fiapo de assobio. Ou era do coração, a gente é que queria ouvir?

Era ele, era tio Zózimo que começava a tirar uma toada qualquer que aprendera ninguém sabia onde.

O assobio ia aumentando de tom, encorpando. E todos de casa começavam a alimentar uma pequena alegria, uma imensa esperança. O tom crescia mais, ganhava volume, agora ele assobiava uma música quase alegre.

E de repente acontecia. Tio Zózimo saltava da rede, chegava na janela, enchia o peito de ar, esticava os braços distendendo a musculatura feito um gato se espreguiça, e em passadas ligeiras lá ia ele assobiando para o quarto de banho.

E tio Zózimo aparecia na sala, barbeado, limpo, bem vestido, até de gravata. Se João estava por perto, Zózimo corria para ele de braços abertos, apertava-o contra o peito, dizendo como é, então, você está me saindo um bom maroto, um rapagão! João sentia aquele corpo quente, o cheiro gostoso e fresco de alguém saído do banho ainda recendendo a sabonete.

Quando João conseguia se livrar do abraço, ele gritava vovó, vem cá, vem ver quem chegou, como se tivesse feito um trato com tio Zózimo.

Vovó Naninha vinha correndo, enxugava as mãos na saia. Os olhos brilhantes, ela se abraçava com o filho, chorando de alegria. Que é isso, mãe, dizia Zózimo, está chorando porque eu cheguei? Não, não é isso, era só o que ela conseguia dizer, a fala cortada pelos soluços, sungando as lágrimas. E ela beijava o filho na testa, nos olhos, nas bochechas, encostava a cabeça de Zózimo no ombro, os dedos trêmulos afagando-lhe os cabelos. E assim ficavam muito tempo, e ele era como um menino que tivesse passado por um grande perigo e agora se entregava ao colo da mãe.

Tio Zózimo ia lá dentro desfazer as malas, os embrulhos de presentes. Isto é pra mamãe, isto é pró pai, isto é pra Margarida, ia ele dizendo para a família apinhada na porta do quarto. E você pensa que me esqueci de você, Milurde? dizia ele para a preta que também tinha vindo ver seu Zózimo chegado de viagem.

E eram os cortes de fazenda, os perfumes, os broches e anéis, ele parecia um cometa mostrando a sua mercadoria. Tudo do bom e do melhor, tio Zózimo não poupava, devia ganhar rios de dinheiro nas cidades por onde ele andava.

Ele era pródigo e bom, tinha um coração de boi de tanta bondade guardada que ele ia agora distribuindo entre brincadeiras e ditos alegres, na sua fala clara enchendo de luz o casarão de seu Tomé Fonseca.

Até o secarrão do velho se emocionava, e a gente (João) suspeitava ver nos olhos de vovô Tomé uma lágrima de felicidade porque o filho que ele dizia morto voltara.

Como por encanto tudo mudava no casarão. Ninguém mais era triste e calado. A notícia se espalhava aos quatro ventos e todos os conhecidos velhos e os velhos amigos vinham em romaria visitar e a casa se enchia de gente conversadeira, alegre, amiga.

Vovó Naninha se esmerava na cozinha e no forno de tijolo do quintal. Eram os sequilhos, as brevidades, as broinhas de fubá, as quitandas todas que ela sabia fazer.

A compoteira se enchia de doces de calda e toda hora se servia doce de cidra, de mamão, de goiaba, aquela variedade infinita da culinária de vovó Naninha. Mandavam vir da roça as frutas do mato, tio Zózimo se fartava. Estas sim é que eu gosto, dizia ele, não tem no mundo fruta igual. Isto, meu filho, come mais, dizia vovó Naninha, você carece de se alimentar, está meio

rhagrinho e abatido. E a casa se povoava do vozeirão de tio Zózimo, das suas risadas gostosas e quentes.

Toda hora tinha gente batendo na porta. João ia atender, era um menino com um prato coberto por uma toalhinha. Foi dona Fulana que mandou. Ele recebia os presentes, agradecia feliz da vida, era um dos que mais participavam daquela comilança.

Mas o melhor mesmo era quando tio Alfredo recebia a deixa e vinha da fazenda e os dois davam grandes passeios, amigões outra vez, como se nada os separasse, nada tivesse acontecido. Tio Alfredo devia sentir um pouco de inveja daquela festança toda (quando ele vinha de Viçosa o máximo que vovó Naninha fazia era arroz-doce) mas não mostrava, João é que de longe suspeitava.

E João saía com os dois, esquecido de que era amigo de Zito, nem mais passava pela loja de seu Bernardino, vivia horas boas demais.

Tio Alfredo e tio Zózimo tinham conversas intermináveis. Tio Zózimo falava de São Paulo, do Rio de Janeiro, do Recife. Como ele viajou, até parecia cometa, de tanta cidade que ele falava. Só que com tio Zózimo era melhor, as cidades de que os cometas falavam eram perto, tinham nomes comuns, sem a sonoridade, o brilho, a luminosidade estridente dos lugares por onde andara o filho pródigo. Tio Zózimo parecia era gente de circo, um circo com todas as luzes acesas. Qualquer dia destes tomo o vapor, vou bater na Europa, vou conhecer o mundo, dizia tio Zózimo alargando as vistas.

Era de ver a boca cheia com que ele dizia os nomes das cidades da Europa. João depois ia olhar no atlas para ver onde é que ficavam aquelas cidades, e media a distância que as separava de Duas Pontes, que nem constava do mapa. Que vidão a de tio Zózimo, ele ia conhecer o mundo!

Tio Zózimo devia ser era dono de um circo fantástico. E o menino, de dia de olhos arregalados em bruma ou em sonho, viajava com ele. Tio

Zózimo devia ser rico, mais rico que o avô, um dia era capaz de ser um dos homens mais ricos do mundo, mais rico que o Matarazzo.

E quando ele falava do progresso, das transformações sociais? Que palavreado bonito usava, parecia até um orador ou um daqueles padres missionários que de vez em quando davam com os costados em Duas Pontes e todo mundo ia à igreja ouvir as pregações.

Sabe o que mais? dizia tio Zózimo. Um dia vocês ainda recebem carta minha de Moscou. Tio Alfredo baixava os olhos, alguma coisa bulia com ele, era a palavra carta ou o nome de Moscou? A gente espera tudo de tio Zózimo, pensava João. Um dia é capaz dele até virar comunista. Então a desgraça e a aventura seriam totais.

Para não ficar atrás, tio Alfredo falava de Viçosa, onde ele vinha fazendo o curso de agronomia, mas as histórias de tio Alfredo empalideciam diante das histórias de tio Zózimo, eram casos batidos e sem graça que João já sabia de cor e salteado. Viçosa não tinha graça, ficava ali mesmo, feito Muzambinho, Guaxupé, Paraíso, Passos, lugares que todo mundo conhecia, não era vantagem nenhuma.

E os tios discorriam, como falavam e se lembravam de casos de quando eram meninos! Eu era feito você, João, dizia Zózimo batendo no ombro do menino. Você ainda vai conhecer o mundo e lá longe você vai se lembrar de mim. João se babava de estar na companhia de gente tão importante, de ser assim tão considerado.

Ele só não ia com os dois quando eles iam à Casa da Ponte visitar as mulheres. João era muito menino para ir a um lugar daqueles. Um dia chega o teu tempo, frango dágua, brincava Zózimo. O menino esperava, ainda ia chegar o tempo dele também ir à Casa da Ponte.

Os dias bons iam passando, passavam depressa. Num átimo dava a sapituca, chegava o dia de tio Zózimo partir.

Vovô Tomé, vovó Naninha, toda a família, mesmo sá Milurde, que só saía de casa para a reza, também ia à estação no bota-fora de tio Zózimo. E como todos estavam alegres e ruidosos, como se despediam e davam adeus quando o trem partia!

João achava aquilo tudo muito estranho, ninguém chorava quando tio Zózimo ia embora. O choro se guardava era para quando ele estava de volta; depois de muito tempo (primeiro vinham as cartas, a liturgia da catástrofe), tio Zózimo voltava para a casa do pai.

João não se lembrava desde quando, mas muito menino ainda sempre reparou que tio Zózimo tinha uma coisa esquesita no ouvido, direito. O menino reparava demais, passava um tempão olhando de um lado e do outro, comparava as orelhas de tio Zózimo. Quando Zózimo estava de bem com a vida e o menino vivia rabeando-o.

Sabia de cor as orelhas de tio Zózimo. Mesmo de longe era capaz de copiar mentalmente cada uma das curvas e reentrâncias das orelhas do tio. Eram umas orelhas muito estranhas, mesmo que um lado não fosse diferente do outro.

Ele vivia preocupado com as orelhas dos outros, por causa do resenho que vinha fazendo para descobrir o que havia de especial com tio Zózimo. Tinha de descobrir sozinho, sabia que não podia perguntar a ninguém de casa sobre os defeitos do tio. Só uma vez teve a coragem de saber da mãe o que havia com o ouvido direito de tio Zózimo. Nada, disse ela desviando os olhos para a janela, aquilo é de nascença. Quis saber se ele escutava direito daquele lado mas a mãe não lhe deu tempo de perguntar, disse você é-é muito xereta, não é da tua conta. João viu que o assunto estava encerrado, nunca que ele podia saber, era outra coisa proibida na sua família. Tio Zózimo era um poço de mistério, tudo nele interdito.

A coisa tinha virado mesmo obsessão. Ele chegava a parar na rua, no barbeiro sobretudo, para ver mais de perto uma orelha diferente que ao menos de longe parecesse com a orelha do tio. Em casa, vivia brincando com as orelhas da mãe, quando, fingindo-se carinhoso, chegava perto dela mais para ver bem juntinho cada dobra da concha, como era mesmo o buraquinho do ouvido, a parte que mais interessava.

A mãe tinha umas orelhas muito bem feitinhas, os lóbulos carnudos e soltos, furados com agulha em brasa quando era pequena para ela poder mais tarde usar brinco de gancho. Não era sempre que a mãe punha os brincos, só de vez em quando. Ela usava os brincos mesmo em casa de vez em quando não era por faceirice mas para que o furo da orelha não se fechasse e ela não pudesse mais usar os brincos tão bonitos de turmalina. Ele ficava mexendo com os brincos, com as cartilagens mais durinhas, chegava a enfiar a ponta do dedo no ouvido da mãe, de pura aflição, de tanto que fuçava.

Pare com isto, menino! dizia a mãe ralhando mas rindo. Me dá cócega. Também, que mania é essa que você agarrou, que sestro mais estúrdio de ficar bulindo com as orelhas dos outros! Mas João continuava, ela ria, gostava. Achava que era uma espécie de carinho, feito um cafuné que o filho lhe fizesse. Nem de longe sonhava que o menino estava era estudando para depois comparar com as orelhas do tio, principalmente o buraquinho do conduto.

Já as orelhas de vovô Tomé eram enormes de grandes, pilosas, duras e grossas, meio cabanadas. Vovô Tomé tinha o hábito de ficar brincando com a tira de palha que sobrava do cigarro. Enrolava a palha bem enroladinha, a modo de rabinho de porco, e, quando via que estava a seu gosto, se distraía enfiando a palha no ouvido: enroscava vagarosamente até encontrar uma resistência, dava um ligeiro repelão, é que tinha doído. Umás vezes era para tirar cera, outras só para fazer cosquinha. O certo é que era um vício, um

divertimento muito bom aquele do velho. E ele procurava escondido remedar o avô, sentia muita cócega, às vezes doía muito, tinha receio de magoar o tímpano e ficar surdo. Será que tio Zózimo era surdo daquele ouvido? Largava de lado a brincadeira, não tinha jeito para aquilo. Pra que ficar remedando vovô, é uma mania dele, deixa pra lá. Cada um com a sua mania, ia brincar de outra coisa.

Vovó Naninha tinha umas orelhas muito feias, dava até gastura olhar, de tão moles, finas, transparentes. Não sabia por que ela usava coque, devia disfarçar um pouco aquelas orelhas feias. Mas vovó Naninha não era de vaidades e faceirices, deixava as orelhas à mostra, não ligava a mínima. As orelhas de tio Alfredo e do pai eram comuns demais, não tinham novidade nenhuma.

Mas João gostava mesmo de olhar era as orelhas de tio Zózimo, quando dava jeito. De quem será que ele tinha herdado aquele par de orelhas, tão diferente de vovô Tomé, de vovó Naninha? Arranjava as maneiras mais complicadas de ficar perto do tio para ver sobretudo a orelha direita, que mais o intrigava por causa do buraquinho.

Será que ele escutava daquele lado? O tio não dava jeito, virava a cabeça, João não podia tirar a prova, tinha medo de que ele acabasse desconfiando.

Mesmo sem o buraquinho do lado direito, as orelhas de tio Zózimo eram diferentes de todas as orelhas que ele tinha resenhado minuciosamente na rua e em casa. Eram miúdas e duras, rentes à cabeça, refohudas. Lóbulo quase não havia, a curva acabava diretamente na cara. O ouvido direito é que era diferente, diferente não só do esquerdo mas diferente de tudo quanto era ouvido que ele tinha colecionado. Era redondinho, como feito a compasso, sem pêlo nenhum, ao contrário do outro, que tinha uns tufos saindo para fora.

Ah, meu Deus, se ele pudesse perguntar a alguém, se alguém pudesse lhe dizer por que é que o ouvido de tio Zózimo era tão desigual, tão esquisito! Em casa, por causa daquela resposta da mãe ficou sabendo que era proibido perguntar sobre o defeito, como era proibido indagar quando é que tio Zózimo ia chegar, ele estando longe.

Na rua, João era um digno membro da família, não ia conversar com ninguém sobre os podres de casa. Porque a resposta da mãe não satisfazia, aquilo não era de nascença, via-se logo, a natureza não é assim tão caprichosa, ele achava.

Com o tempo, como não conseguisse saber a origem daquele ouvido tão bem redondinho feito a compasso, foi largando de mão a mania de ficar resenhando os ouvidos dos outros e tirando comparação. Eu acabo é ficando gira com essa história de reparar na orelha dos outros, disse para esquecer, e foi procurar ocupação em outra coisa, na horta, nas brincadeiras de rua, na companhia de Zito, que logo de chofre virou seu amigo do peito.

Foi Zito que lhe deu a chave do mistério. Quando João era bem maior, quando não mais se ocupava em ficar observando tio Zózimo, quando vivia reinando com Zito pela cidade na embrulhação do tempo, meninos que eram, desocupados. Isso aconteceu pouco antes dele ir para o internato em São Mateus e Zito começar a trabalhar na loja de seu Bernardino.

Os dois estavam no pasto de seu Luquinha catando favas de ficheiro para o jogo que agora tinham inventado de jogar, muito em voga entre os meninos da cidade. Zito arranjava há mais tempo um cachorrinho, pensou em batizá-lo de tom Mix, mas viu logo que o nome não assentava, o bicho era muito napeva e arrelhadinho, para ser tom Mix tinha de ser um cachorro grande de raça, por causa do mocinho da fita em série descorçoado, Zito não se deu ao trabalho de tirar do bestunto um outro nome, o cachorro ficou se chamando mesmo Brinquinho.

Pois Brinquinho estava aquele dia muito espiritado, latindo muito, toda hora querendo abocanhar uma orelha. De vez em quando parava, rosnavava, latia. Ficava sempre para trás, ao contrário do de costume, quando ia lampeiro na frente, saltando as moitas de capim, farejando o ar. Mesmo Zito assobiando agora ele não vinha.

Brinquinho está hoje danado de besta, disse João. É, ele não é assim, disse Zito, deve ter se machucado ou então um bicho mordeu ele, quem sabe uma cobra venenosa...

As vezes Zito se preocupava demais com Brinquinho, tinha muito agarramento por ele.

Pararam para examinar Brinquinho. Zito descobriu que ele tinha qualquer coisa no pé do ouvido, era um carrapato enorme, barrigudo, gordo de sangue, desses de cavalo.

Zito tirou o carrapato, mesmo assim Brinquinho continuou ganindo. Fez um exame minucioso, bem junto da orelha já estava inflamando. Coitado do Brinquinho, ia dizendo Zito, quando chegar em casa vou pedir a minha mãe um remédio pra ele.

João olhava muito sério o ouvido melento do cachorro. Que ouvido mais esquisito, disse ele pensando no ouvido de tio Zózimo, só que o ouvido do tio vivia sempre limpinho. E se ele falasse, ao menos de passagem, sobre o ouvido de tio Zózimo? Que mal podia ter? Zito era tão seu amigo, não ia contar pra ninguém. E depois, ele não era mais um menininho, tinha um amigo mais velho do que ele, daí a pouco ia embora para São Mateus, sozinho no internato, não podia ficar a vida inteira debaixo da tutela das coisas proibidas na sua família.

Zito, disse ele, será que eu posso perguntar uma coisa? Zito fez que sim. Mas você jura que não vai contar pra ninguém que a gente conversou sobre isto? Zito não gostava que lhe pedissem segredo, se a coisa era séria ele não

ia contar pra ninguém. Era de natural reservado e cumpridor. Ara, João, que mania! Será que você duvida de mim? Será que pensa que eu sou que nem o Tuim?

João já estava arrependido de ter aberto a boca, quê que custava guardar aquele segredo de família? Mas já que tinha começado, o jeito era acabar, senão era capaz de Zito trocar de mal com ele.

Será que você já reparou em tio Zózimo, viu que ele tem um ouvido diferente do outro? Já, disse Zito, e João ficou abismado de ver que Zito também já tinha vigiado tio Zózimo de perto, não era só ele que reparava. O que ele queria era pedir para Zito um dia prestar atenção no ouvido do tio e depois conversarem. Já mesmo? disse.

Se estou dizendo é porque já, disse Zito.

Os dois ficaram um momento em silêncio. João pensou em mudar de assunto, agora era impossível voltar atrás, o jeito era continuar perguntando, por mais medo que tivesse dos olhos de Zito, do que ele ia dizer.

Que é aquilo, Zito, me conta, você sabe? E como Zito continuasse parado, indeciso, será que é de nascença, feito minha mãe disse? Ela disse isto? disse Zito. Foi o que ela disse, quando uma vez faz tempo eu perguntei. Ela então não quer que você fique sabendo a verdade, disse Zito. Acho melhor eu não falar. E espantado da ignorância de João, será que você não sabe mesmo o que foi que aconteceu com seu tio?

João agora queria arrepiar carreira, queria não saber, queria pedir a Zito para não contar. Zito ficou olhando calado, não sabia se continuava ou não.

Me conta, afinal João se decidiu. É melhor você saber, disse Zito. De qualquer jeito você ia acabar sabendo, e quem sabe não ia saber por alguém que ia dizer a verdade de pura malvadeza? Olha, João, aquilo foi tiro. Um dia seu tio sapecou um tiro no ouvido!

O tiro explodiu no ouvido do menino, ficou zunindo no ar, sem fim. Ele tonto, aquele som redondo feito o chocar de dois mundos-, o ribombar de um trovão quando uma tarde de chumbo de repente no pasto de seu Luquinha ele sozinho, abandonado, perdido. Como se uma trompa fantástica tivesse soado, e os seus sonidos ecoavam pelo mundo a fora, por covas e corredores, labirintos e condutos invisíveis, grutas de estalactites (gotas incessantes pingavam no lajedo), por descampados e pisos ladrilhados, corredores de azulejos e campânulas de vidro que súbito se estilhaçavam, ele próprio uma caixa acústica ressoante, um pavilhão e uma concha: as trompas e trombetas do Juízo acordariam vivos e mortos na hora derradeira, todas as lembranças ressurectas, e tudo se encadeando e se explicando, ele de repente lícido, pálido e branco porque tomara conhecimento nas suas mais íntimas fibras; e o som golpeando, percutindo, vibrando, araponga que estourasse no seu canto de malho e bigorna. E aquele tiro, aquele estrondo, aquelas paredes ruindo, tetos desabando, vidros partindo, ainda haviam de vibrar durante muito tempo no ar, de vez em quando e sempre, nos sonhos e pesadelos, quando ele acordava empapado de suor no meio da noite, sempre e ainda agora.

Porque o menino levou muito tempo para voltar a si. Não que tivesse desmaiado (ele não se lembrava de mais nada, como voltara para casa, onde é que tinha ido parar Zito?), era mais aquela sensação opaca de um dente agudo e inflamado, ou quando ele na igreja ficava distraído brincando de tapar e destapar os ouvidos, como se assim pudesse apagar e acender o mundo: o canto na nave, as vozes e murmúrios, a música do harmonium.

E voltando a si, ficou sabendo de tudo. E tudo aquilo que durante tanto tempo esconderam e ele pegava apenas alguns fiapos no ar e com esses fiapos tentava construir a sua história, a sua verdade, de repente tudo lhe foi dado como ele menino imaginava o dia do Juízo Final, quando todos seriam

chamados, e todos os pecados, mesmo os que a gente esquece, surgiram, e todos, vivos e mortos, uns diante dos outros, despidoradamente, veriam a verdade terrível de cada um, e as coisas então fazendo sentido na claridade estridente da nova manhã.

Agora tudo se casava perfeitamente, tudo tinha explicação. As cartas de tio Zózimo amiudando à medida que se aproximava o dia de sua volta, no criado-mudo as cartas anunciando a decisão final, aquela cicatriz feia no pulso, porque escondiam certos vidros de remédio, porque quando Zózimo voltava das trevas não aparecia mais barbeado e tinham de humilhados chamar o barbeiro, porque sumiam todos os objetos cortantes e perfurantes, aquele corpo pegajento e rançoso na rede da sala balangando - um bacorinho, as sombras pesadas, os silêncios de vovô Tomé, as lágrimas sungadas e os soluços e as rezas de vovó Naninha no quarto do oratório, os gritos de tia Margarida, a sua gagueira, a sua aflição, os olhos tristonhos onde boiava um brilho de comecinho de lágrima da mãe, as idas e vindas apressadas de tio Alfredo...

Ele não precisava mais perguntar a ninguém as razões de todo o segredo que cercava as voltas de tio Zózimo, o mistério que vibrava tenso no casarão. Agora sabia, ele menino tinha percorrido sozinho os passos que levam ao conhecimento da dor. Sabia, era senhor do segredo. E como sabia, passou a participar dos acontecimentos, dos preparativos para a chegada de tio Zózimo. E todos viram que ele sabia e se interrogavam no espanto de saber que o menino sabia. De repente ficaram graves e mudos e unidos, como que de longe acarinhando a cabeça do menino porque ele tinha ficado sabendo sem que ninguém tivesse carecido de dizer.

Agora era João que ficava aflito, toda hora chegando na janela para ver se vinha seu Zizinho dos Correios com carta de tio Zózimo. Já que sabia, precisava conferir com a presença do tio o seu conhecimento.

Quando veio carta de tio Zózimo foi uma novidade. João correu a entregar a vovó Naninha, era a primeira carta de tio Zózimo que ele pegava, antes vovó Naninha era muito esperta, chegava sempre primeiro. Deu-lhe a carta e ficou espiando a avó bem nos olhos. Mudamente se interrogavam e trocavam confidências e medos e angústias.

Desta vez ela abriu o envelope na sua presença, começou a ler. Os olhos de vovó Naninha, a princípio carregados e apreensivos, súbito começaram a se abrir num brilho manso, meio que ela começava a sorrir, agora sorria declarado. A cara se abriu em alegria e agora ela ria picadinho, feito soluçasse. E era mesmo soluço, os olhos de vovó Naninha minaram lágrimas, lágrimas de alegria.

Que carta boa de Zózimo! disse vovó Naninha abraçando-o e acarinhando-o. Não demora ele deve chegar, é o que diz aqui na carta. Tio Zózimo está bem, João, tem palavras boas pra todo mundo, se lembrou mesmo de você. Que coisas bonitas ele diz pra mim, eu não agüento, meu Deus! Até que enfim, Jesus, Nossa Senhora das Dores se lembrou de "atender as minhas rezas.

E ela foi dizer alto a vovô Tomé, a tia Margarida, a tio Alfredo, a sá Milurde. Chegou carta de Zózimo! Se aprontou, ia à igreja pagar promessa, mandou João contar à mãe.

Nunca uma carta provocou tanta alegria. Como visse que a carta era boa e só trazia boas notícias, João também não se conteve, saiu a dizer a todo mundo que tinham recebido carta de tio Zózimo, não demorava muito ele estaria de volta. Todos na rua se alegravam, participando da festa.

E vieram outras cartas, todas boas. Já falavam abertamente de tio Zózimo, não havia mais segredo, as proibições acabaram.

Quando um dia tio Zózimo chegou. Ao contrário do que João esperava, não foram à estação, ainda havia no chão da alma uma ligeira sombra, um

medo que não conseguiam apagar: aquilo tudo podia não ser verdade.

Tio Zózimo chegou, foi o mesmo que um circo tivesse chegado na cidade. Tio Zózimo parecia um Santíssimo Sacramento, de tanta gente em volta dele. Mandou um menino levar a sua mala, não quis pegar carro, veio descendo a rua da estação, cumprimentando quem chegava na janela, ria e brincava, parecia, um deputado, ele cumprimentava Deus e todo mundo.

A chegada de tio Zózimo em casa foi indescritível, escreveu João numa carta fictícia (foi aí que começou o vício de fingir que escrevia para alguém imaginário), nunca tinha escrito a ninguém, a primeira carta de verdade que escreveu foi quando depois ele foi para o Colégio São Mateus.

Tio Zózimo chegou. Chegou o corpo de tio Zózimo, chegou a alma de tio Zózimo na garupa, os dois vieram juntos pela primeira vez. Aquela separação, aquelas duas figuras, aquele fingimento de dizer tio Zózimo chegou quando ele já tinha chegado há muito tempo, os dias ruins e os dias bons, tudo isso passou. Ele não voltava para a casa do pai porque doente, nevoento, desgastado, mas atendendo ao chamado do amor.

Tudo isso passou e os dias foram passando, se acostumaram com a novidade. Vovó Naninha, vovô Tomé, todos se permitiam dizer que talvez tio Zózimo ficasse para sempre, nunca mais ele partiria. No miúdo da existência, as coisas eram mansamente boas e sãs.

Mas tio Zózimo não era de ficar. Via-se nos gestos pouco a pouco inquietos, nos olhos de tardinha fascinados pelo azul, perdidos nos lances das grandes distâncias - os olhos do navegador e do anejo. De vez em quando, no meio dos risos e brincadeiras, começou a aparecer uma ponta de amargura, uma nuvenzinha triste boiando.

No seu medo, João pressentia - alguma coisa estava para acontecer, era capaz de tio Zózimo novamente partir. Ai, meu Deus, será que ele ia buscar de novo o seu deserto? Será que ele ia ajustar outra vez as sandálias nos pés

e ganhar o seu caminho, para depois de muito tempo tornar abatido, devastado, e tudo voltaria a ser como era antes?

Um dia, sem que ninguém esperasse, durante a janta, Zózimo disse mãe, pode arrumar as minhas coisas que daqui a uns dois dias vou me embora. Pararam de comer, os olhos grudados nos olhos de Zózimo. Mas filho, disse a mãe, você não ia ficar? Você não disse que ia ficar para sempre? Não, eu nunca disse isso, disse Zózimo e afundou os olhos no prato. É, bem, disse o pai, depois de puxar um pigarro e pegar o garfo, recomeçou a comer. A mãe não disse mais nada, todos voltaram ao prato em silêncio, a janta estava custando a acabar.

E vovó Naninha começou a arrumar as coisas de Zózimo. Sabia que era melhor, não valia a pena insistir. O pior era ele ficar afundado na rede naqueles dias horríveis.

De qualquer maneira ela estava triste, não era como das outras vezes. Desta vez não havia aquela felicidade pela partida do filho, ele agora era um filho pródigo comum cuja partida enche de tristeza o coração materno. Vovó Naninha, os olhos vermelhos das lágrimas escondidas, vivia rondando a porta do quarto de Zózimo, a ver se descobria algum sinal, alguma coisa que lhe desse a certeza de que na última hora ele voltaria atrás e diria mãe, se alegre, não vou mais embora.

Tudo pronto, ninguém falava da partida de tio Zózimo, era como se ele estivesse para chegar. Tudo com ele se dava ao contrário, tio Zózimo não era como o trivial dos mortais. Na manhã do dia da partida de tio Zózimo, João veio bem cedinho para a casa do avô. Ainda não tinha visto tio Zózimo, queria conversar com ele, gozar ainda uma última vez a sua presença. Na cozinha perguntou à avó pelo tio, ela disse está lá no quarto.

Como tio Zózimo custasse a aparecer, João foi para junto de sua porta. Depois de algum tempo de espera, bateu, disse tio, sou eu, João. Sem

resposta, bateu de novo, mais forte. João girou a maçaneta branca e vendo que a porta não estava trancada, foi empurrando devagarzinho. O quarto vazio, a janela aberta, o sol inundava de claridade o quarto.

Tio Zózimo não estava. Será que ele tinha fugido? É capaz dele ter ido embora, pra não ter de se despedir de ninguém. Quando os olhos de João pousaram no criado-mudo.

Viu o envelope branco encostado na bilha, bem à mostra, para quem primeiro entrar ver.

O envelope na mão, João leu os dizeres que tio Zózimo tinha escrito - a quem interessar possa. Uma frase tão corriqueira, feito fosse anúncio posto em jornal, certificado, coisa assim. Já no envelope tio Zózimo começava de novo magoando a família.

O coração batia fundo, João sem coragem de ler a carta. A quem interessar possa, ele se interessava. Que coisa, tio Zózimo! Saiu correndo à procura da avó. Na sala de jantar deu de cara com vovô Tomé. Olha o que tio Zózimo deixou no criado-mudo, disse. O velho pegou a carta e em vez de ler, gritou vamos, vamos depressa ver onde está esse maluco.

Os dois saíram correndo pela casa toda. Como não achassem Zózimo em parte alguma, foram até à horta. Nem sombra de tio Zózimo.

Vovô, quem sabe ele foi se embora, não aconteceu nada de ruim com ele? arriscou João. O avô olhou-o espantado. Não, meu filho, ele está por aqui mesmo, não fugiu não. E voltou para dentro de casa.

Agora era ele, vovó Naninha, tio Alfredo, todo mundo caçando tio Zózimo.

O quartinho da despensa trancado por dentro, tiveram de arrombar a porta. De repente viram: a banquetta caída no chão, tio Zózimo dependurado por uma corda amarrada na viga do teto.

Quando o enterro de tio Zózimo saiu, tinha-se a certeza de que aquela era a sua última partida, ele não voltaria nunca mais.

V – ASSUNTO DE FAMÍLIA

As vezes vovô Tomé achava que tio Zózimo tinha puxado ao pai dele, era muito parecido com o bisavô Zé Mariano. Não como era Zé Mariano na força da idade (lembrava-se do velho: vovô menino, já graúdo, homem feito) mas igual ao pai no fim da vida, quando aquela coisa deu nele.

Mas não, era cisma, desassossego de alma carregada. De tanto que ele se perguntava, de tanto que se verrumava por dentro. A gente se pergunta, dizia vovô Tomé, e quando a resposta não mina clara na alma e a gente mesmo é que tem de responder por boca, e coração duvidoso, alguma coisa de errado se passou. Vovô Tomé então sempre teve esta mania: quando acontecia alguma coisa de ruim ele ficava perguntando qual tinha sido o seu quinhão de culpa.

De uns tempos para cá estou sempre pensando na morte de meu pai, continuava ele. De primeiro não, vovô Tomé fazia força por esquecer, só de raro em raro é que acontecia pensar no pai: espantava o pensamento, a mosca azucrinando a idéia. Chegava a esquecer de todo, nem mais se lembrava daqueles últimos dias do velho. Depois que tio Zózimo morreu é que a coisa voltou, durava dias e dias. Não pregava os olhos de noite, a cisma enxameando a alma de fuligem.

Para buscar alívio, vivia dizendo que não era o único culpado. Culpa maior cabia à mãe dele, vovô Tomé tinha sido apenas a mão estendida.

Tinha horas que vovô Tomé pensava em catar um padre para lhe clarear as idéias, queria saber de quem era a culpa maior: daquele que faz ou daquele que por detrás está mandando, instruindo, vigiando. Se o pecado é só do homem que mexe com os bonecos na ópera, se os bonecos não têm o seu tanto de culpa.

Ficava mentindo a si mesmo, não era um boneco, pensava ao mesmo tempo que fazia. Porque podia ter deixado de fazer, podia ter desobedecido a mãe. Quem sabe eu não cumprindo o sopro de minha mãe nada daquilo tinha acontecido, ele se perguntava.

O pai nunca quis lhe dar o perdão. Vovô Tomé agora acordava assustado no meio da noite: era o pai, aquele braço levantado fora d'água, as duras palavras do xingamento.

Vovô Tomé tapava os ouvidos, mas da boca aberta do velho iam brotando os nomes com que depois ele próprio se apelidava no purgar da culpa.

De jeito nenhum eu pedia ter feito aquilo com meu pai, vovô Tomé quase gritava. O velho Zé Mariano sempre o tinha respeitado. O seu modo de criar era duro e sem descanso mas nunca abusou, tinha mesmo muita estima por vovô Tomé.

O bisavô Zé Mariano era um homem antigo e forçudo, sem as finuras de hoje-em-dia, conforme vovô Tomé dizia; acostumado a amansar os cavalos que ele mesmo ia buscar no sertão, pelejado nas derrubadas das matas, feitorando os seus escravos e camaradas no plantio dos primeiros cafezais, na demarcação de seu território, muitas vezes a faca e trabuco - na sua hoje Fazenda do Carapina.

Olhando para trás, vovô Tomé quase nada tinha acrescentado ao dele, tinha inovado muito pouco. O que fez foi dar seguimento ao trabalho que o pai começou, obedecer de longe o seu comando, na adivinha de saber o, que o velho faria num caso assim e assado. Vovô Tomé estava acostumado, mesmo o pai em vida ele tinha de adivinhar o que já sabia, o que tinha filtrado dos silêncios do pai, dos seus ruídos e gargarejos, das ordens que o velho parecia arrancar do fundo do peito.

Pai costumava pensar com o peito, com a barriga, dizia vovô Tomé. Não era do sutil, como a gente hoje. Pensava na coragem, na dureza, na força do pai. Outra raça, só assim podia admitir. Era sombra do pai? Nem vê, nem de longe se parecia com ele. Não dizia pela educação, pelo polimento, as letras que o pai mandou lhe ensinar: quis até uma vez que o filho fosse militar, para ter mando na República, a novidade daqueles dias antigos. Vovô Tomé queria dizer era por dentro, por humo e sumo.

Pai era um homem de sombra e eito, de terra e água, de pedra e fogo, dizia. Tem gente que suspeita que eu sou que nem ele, do mesmo barro, reafirmava.. Mas só viam o por fora, não o viam de dentro, das fibras escondidas.

Se tinha alguma coisa do velho Zé Mariano além da terra do plantio, que vem no sangue, era coisa comprada a preço de choro e muito campeada. Tinha, pensando bem tinha. Aquele jeito de agüentar calado, a sua mudez escura de bicho.

Zé Mariano agüentava tudo da mulher, purgava um pecado antigo. Não era um agüentar assim de fêmea, pura moleza e covardia, mas fruto de muito pensar, de muita força domada pela dura vontade de agüentar. Mesmo ouvindo a mulher, quem regia era ele.

Os modos, o jeitão do pai, que vovô Tomé procurava depois remedar. Quando teve de agüentar calado aquelas injúrias todas de tio Zózimo. Quando, por carta e por boca, mesmo em pessoa, tio Zózimo ofendia. Quando tio Zózimo ofendia e ele ficava calado agüentando no lombo as chibatadas da sua língua, vovô Tomé copiava era o pai (eu mesmo, sem comando de ninguém, me impunha a penitência). Agüentava tudo sem tugir nem mugir, suportava na carne o discorrer doído da vida de tio Zózimo. Quando pensava no filho distante, ou Zózimo perto, ali chegado mas longe,

vovô Tomé só sabia dizer é assim, tem de ser assim, cada um com o seu tanto, conforme a partilha de Deus.

Depois que o pai morreu foi que ficou que nem ele. Antes não, era aberto e claro. Eu é que sei onde eu começo, quando sou eu mesmo, onde é que começa a figura que eu passei a copiar, dizia vovô Tomé. Porque vovô Tomé achava que tinha de ser que nem ele. Mesmo se sentindo fraco e se lastimando, tinha de ter a mesma mudez de força do pai. Como o velho Zé Mariano agüentava tudo da mulher. Era uma luta surda, duro com duro não faz bom muro.

Não, eu volto atrás, onde mesmo foi que eu comecei, vovô Tomé vivia dizendo. Para que tudo ficasse mais claro, sem nenhuma barafunda. Porque podiam pensar que o pai dele era igualzinho a Zózimo. De jeito nenhum, o pai era muito diferente. Não tinha aquelas fugas e rompantes de Zózimo. De juízo muito assentado, só ele mesmo sabendo o seu rumo Vinha sempre gente se aconselhar com ele. Sobre questão de terra, de café e gado, assuntos de família. E a palavra do pai era sempre acatada, homem que sempre cumpriu a palavra, no fio da barba, agudo e sério. Mesmo em casos de honra o último juízo era dele. E a certeza, a voz firme e dura, pausada e pensada, com que ele dizia o seu parecer, afastava em algum entestado qualquer sombra de dúvida sobre a justeza do que ele aconselhava.

Não, o pai não era que nem Zózimo. O velho Zé Mariano estava era de miolo mole, nas cãs da caduquice, conforme então pensava. Zózimo sempre foi de juízo virado, maluco de todo. Eu disse de miolo mole mais para me acalmar, vovô Tomé vivia dizendo. Hoje tinha muitas cismas se o pai estava mesmo de miolo mole, se não tinha razão de fazer aquilo que fez. Porque tudo tem limite, a paciência de um homem vai até aonde vai uma corda de violão: depois que se estica além do ponto, ela rebenta. O pai não tinha mais forças, no fundo do bornal. Foi assim com o pai, hoje quase tinha certeza. E

capaz de que ele estava só beirando as brumas da caduquice, vovô Tomé dizia, mais um empurrãozinho ele ia.

Hoje via, agora mesmo que tinha falado viu: se dizia toda hora que o pai estava de miolo mole, apenas se desculpava, a si mesmo dando razão, se arrimando em muleta para agüentar a alma na escuridão. A gente carece de acalmar a alma para fazer aquilo que tem mesmo de fazer para agüentar depois aquilo que fez. Carece muito de esquecer, dizia vovô Tomé; eu por exemplo só quero é não lembrar. De noite, antes de se deitar, pedia a Deus que lhe desse a graça do esquecimento. Mas tem sempre o punho no sonho, vovô Tomé quase gritava Aquela mão ameaçando, maldizendo.

Se dizia que o pai estava de miolo mole era mais para sossegar a alma, para não ter depois do que se arrepender, no que então entestou de fazer a conselho e rogo de sua mãe.

O pai tinha carradas de razão para fazer aquilo que fez, quando se mandou de vez para o Sítio da Barra e foi ficar morando com o seu filho pardo Teodomiro, por ele tido e reconhecido como filho - tanto que foi ele que deu, de papel em cartório, aquele naco de terra de que Teodomiro fez o Sítio da Barra.

O pai nunca escondeu de ninguém aquela filiação, não era de botar terra em cima dos seus malfeitos. O velho Zé Mariano fazia tudo às claras, não dava explicação, era seu jeito. Apenas contava, quem quisesse entender que entendesse. A mulher não ficou sabendo da existência daquele Teodomiro por vias transversas, ele mesmo é quem contou antes de se casar.

Vovô Tomé dizia que às vezes ficava rindo imaginando os dois, quando o pai contou para ela. A mãe fazendo que sim, que tudo entendia e perdoava, era muito do perdão. A mãe disse; que tudo perdoava, ela não tendo de dar perdão nenhum, a coisa tinha se passado antes dela conhecer o marido. Se contou para ela foi porque o pai era um homem de janelas, abertas, de

verdade estampada na cara. Depois não fossem dizer que ele tinha enganado ninguém".

Devia ter sido uma conversa muito engraçada, a mulher concordando mansa e boa. À primeira vista a mãe dava essa impressão, falava de mansinho, não alteava a voz, os olhos baixos no chão. Na aparência ela mostrava que conhecia o seu lugar, obedecia o mando do marido, fazia conforme o seu desejo.

Mas a mãe não era nada disso, a mãe era uma onça de braba. Quem conheceu dona Pequetita podia dizer, ele que era filho dela, mais chegado, podia contar. A brabeza e a ciumada da mãe não tinham barreira. Não era de rompantes, gritos e trombetas, não alardeava glória. A mãe fazia a figura da bem-mandada. A brabeza da mãe era que nem ela mesma: em tem baixo e miúdo, de meias palavras e compridos silêncios, de cenho cerrado e olhos no chão. Vovô Tomé não se lembrava de nenhuma vez ela ter levantado a voz ou gritado com alguém. Mesmo com os empregados e crias da casa a mansidão era a mesma. Dona Pequetita falou, estava falado. Ela não carecia de gritar venha cá, o filho lia baixinho nos seus lábios (feito quem reza na igreja em hora de muita unção), metia o rabo entre as pernas, vinha correndo. Não só quando menino ele obedecia. Homem feito, mesmo depois de casado (quando e com quem ela consentiu, foi dona Pequetita que escolheu), vovô Tomé sempre punha muito tento e cabeça baixa nas ordens de sua mãe.

A ciumada da mãe já era doença. Não só do marido e dos filhos, mesmo dos empregados e crias da casa ela tinha ciúme. Qualquer coisa em que ela repousasse os olhos ficava lhe pertencendo, e era um pertence guardado debaixo de sete chaves, com unhas e dentes, feito assim uma loba de cria nova. A mãe era uma pedra-ímã, puxava para si todas as migalhas.

No resenho que ia fazendo, vovô Tomé se lembrava da mãe em todas as pequenices. De olhos fechados era capaz de fazer um retrato dela feito

vivinha fosse. A mãe baixinha, seu nome era Madalena mas ficou sendo desde menina dona Pequetita, o apelido conforme o seu feitio. Miúda e pequena, magra e franzina quando moça; gordota e socadinha depois que se amatronou. Tinha uns olhos azuis de conta muito vivos, entre boneca e coelho, piscava por qualquer coisa. Quando moça diziam que não tinha sido feia, o filho achava a mãe muito bonita. com os anos ela foi criando uma sombra de bigode debaixo do nariz, uns fios de barba soltos no queixo, diziam que dos ovários, ela vivia tomando remédio de flora, beberagens de ervas mandadas buscar na roça.

Porque dona Pequetita não gostava de roça, se ficava mais tempo na Fazenda do Carapina era porque o marido queria, ele não podia deixar a manutenção só por conta do administrador, olho do dono é que engorda porco. Foi a mãe que fez o pai montar casa na cidade. Por conta dele não saía da roça, no meio dos seus cavalos, do seu gado, do verde do seu café e pastagens. Quando o pai sem falar nada arrumava as suas coisas, mandava arrear o cavalo, ia para a roça, daí a uns dois dias, a mulher, a família de farranchada, batia atrás dele e lá ficava lhe azucrinando os ouvidos até que não demorava muito e todos estavam de volta. Mas sempre ele falando baixo, no chiado da sua vozinha.

Vovô Tomé tinha medo da mãe, punha sentido nos seus mínimos gestos. Mesmo mandona e ciumenta (nunca me lembro de nenhum agrado dela, só de vez em quando ela se abrandava e punha em mim uns olhos melosos, mas chegar mesmo os dedos na minha cara, nos meus olhos, nos meus cabelos, ela nunca chegou, dissertava vovô Tomé), mesmo assim fechada e seca, ele tinha pela mãe um amor além da conta. E ela desconfiava, sem ele carecer de falar a mãe sabia. E sabendo, usava, fazia do filho pau mandado.

Coisa que ela nunca conseguiu fazer do marido. Não que ele contrariasse dona Pequetita: eles deviam ter feito um trato escondido, sem

palavras, só trocar de olhos, bater de lábios, que nem dois valentes se encontram, desembainham a faca, se enfrentam mudamente, tornam a enfiar a bicha na bainha, e estamos conversados, cada um pró seu lado, no respeito. O pai não obedecia, agüentava. O velho Zé Mariano era homem demais: aqueles braços, aqueles peitos, aquela cara, aqueles olhos impunham respeito mesmo a dona Pequetita, mulher mansamente atrevida.

Deve ter sido muito dura no começo a demarcação do território de cada um. Em casa a mãe mandava e esquadrihava, da porta da rua para fora quem regia era o pai.

Mas era uma luta desigual, o pai sendo homem franco e duro, de portas abertas - a mãe songamonga ganhava terreno palmo a palmo. O pai tinha de morar na pontaria, olho vivo e muito tento: onde a mulher punha o pé aquela terra era dela. Se ela fosse homem, a luta seria de trabuco e faca. Sendo mulher, a coisa se resolvia com resmungos e trocar de olhos, silêncios e arrepios.

Mas com o tempo o velho Zé Mariano foi perdendo o ânimo, ao contrário da mulher - cada ano que passava ela ganhava mais em força e soberania. Ela nunca conheceu doença, quando se deitou de dia foi para morrer, a parentela toda em volta prestando menagem. Isso foi muito depois do marido, dona Pequetita durou até os noventa anos. Quando o velho Zé Mariano morreu, ele tinha uns setenta mas aparentava muito mais, de tão velho e acabado.

Pai não era para ter ficado daquele jeito, sua vida sendo outra, vcvô Tomé remordia culpa velha. Homem da terra, de sangue quente, acostumado no pasto e no eito, de céu descoberto, Zé Mariano dormia debaixo das estrelas com as suas tropas nas longas viagens que de primeiro ele costumava fazer para buscar cavalo é gado, antes de dona Pequetita começar a existir na sua vida.

De repente, de um dia para o outro, o pai começou a ficar perrengue. Sem ânimo de levantar da cama, o criado-mudo coberto de vidros e potes, copos e colherinhas.

A mãe é que ordenava, saía mais de casa, passou a reinar além da porta da rua, mandava chamar o administrador da Fazenda do Carapina, queria saber das coisas, dava ordens. E suas ordens, ciciadas ou mudas, sem ponderação e meia volta, eram terríveis.

Descorçoado, o pai via aquilo tudo sem poder fazer nada. De vez em quando ele tremia, que nem de quarta, suave muito, dizendo coisas desencontradas, num febrão que irradiava de longe quentura. Quando melhorou não era mais o mesmo homem, mal podia chegar na sala, as pernas bambas, o peito murcho, a cara chupada. Os olhos embaciados, aquele homão minguava. Se já era de pouca fala dentro de casa, emudeceu de todo. Só uma ou outra vez falava, querendo saber como iam as coisas lá na roça. A mulher dizia já cuidei, trata é de ficar bom, homem, depois você toma conta outra vez - sabendo que a terra já era sua, onde ela punha o pé mato não crescia. E ela mansamente ia dizendo que Zé Mariano estava ficando de miolo mole, tinha até muita pena dele. Que ele estava de miolo mole o filho aceitava, dando um desconto para a pena que ela dizia sentir.

Mas o pai não entregava a bandeira, não era homem de abandonar terreno. E no começo se apoiando no filho, depois num bordão, ia dando as suas caminhadas: primeiro pela casa toda, pela horta, ficava quentando sol. E ele dizia baixinho para o filho careço de ficar bom, Tomé, me ajude. Mesmo querendo, vovô Tomé não podia fazer nada por ele. Tinha pena do velho, não merecia aquele fim de vida. Vovô Tomé olhava a mãe, e os olhos dela como que botavam reparo vendo Tomé ajudar o pai. Quando o pai notava o cavalo peado na horta, os seus olhos ficavam, molhados, vovô

Tomé via que o velho estava querendo montar outra vez, sair para os descampados, longe das vistas de dona Pequetita.

E por muito querer, ele foi melhorando. Aos poucos já andava sem o arrimo do bordão, parecia que era ele outra vez.

Um dia chamou o filho, e a sua voz era rouca, uma cópia de gramofone do que tinha sido. com o rabo do olho ele espiava dona Pequetita, tinha medo dela escutar.

Disse filho, não diga nada pra ninguém (ele queria dizer sua mãe), amanhã você me arranja um cavalo. Vovô Tomé quis ponderar, o pai desconfiou do que o filho podia estar achando, disse o seu baio serve, depois você vai buscar, te dou outro, tudo vai ser mesmo seu. E outra vez: ninguém (ele queria dizer sua mãe) carece de saber.

Se ficar aqui plantado eu morro, disse de fôlego curto.

Dona Pequetita tinha um faro de bicho, ficou de orelha em pé. Muito orgulhosa, mesmo assim chamou o filho num canto, perguntou quê que vocês estão tramando contra mim. Vovô Tomé ficou arrepiadinho, o coração batia de medo, tinha de resolver de que banda ia ficar. Respeitava muito a mãe, o mando dela sujigava, aquele contra mim que ela falou já era uma arma que apontava para vovô Tomé bambear as pernas. A mãe fazia tudo de caso pensado, nada com o sopro do vento. Mas ele não podia, só sendo um filho desnaturado, trair o pai. Naquela hora ele não era só seu pai, era um homem sofrendo, nem com bicho a gente faz isso. E então, pela primeira vez mentindo para ela, disse minha mãe (não sabia se ela tinha notado o trêmulo da voz) pai queria saber era da Fazenda do Carapina. E você, ela perguntou, duvidando de que banda vovô Tomé estava. Pergunta da mãe era uma ordem, mesmo mentindo ele tinha de responder. Eu disse pra ele que tudo ia indo muito bem, conforme o cuidado da senhora. Vovô Tomé meio que desconfiou

um risinho nos lábios dela, um lume de alegria nos olhinhos de conta. Só, ela ainda perguntou. Vovô Tomé não disse nada, se afastou.

No outro dia foi o rebuliço, a mãe correndo assustada para ele. Você, hein! disse ela. Eu o quê, perguntou vovô Tomé pela primeira vez enfrentando a mãe. Ela olhou o filho um tempão calada, pela primeira vez vovô Tomé via a mãe arrepiar carreira, não dizer aquilo que queria dizer.

Ela foi lá dentro, voltou. Vamos, disse, vamos atrás dele. Aquele velho maluco deve estar na fazenda. Naquele estado, ele vai morrer! Mas vovô Tomé via que a mãe não estava pensando nem um pouquinho na saúde do pai, ela cuidava de outra coisa.

Mesmo sabendo que não ia encontrar o pai na Fazenda do Carapina, foi com ela. Só foi porque sabia que o pai não estava lá, se tivesse alguma dúvida não tinha ido.

Foi uma viagem dura, os dois não trocando palavra. Vovô Tomé ficava espiando a mãe de esguelha, vendo ela rezar entre os dentes umas falas compridas. Mas a mãe não estava rezando, ele via nos olhos dela.

Quando não encontrou o marido na fazenda, ela arregalou os olhos de medo, de espanto, de derrota (sei lá de quê). Nem falar ela podia, engasgada de não ter achado o marido.

Vovô Tomé viu que devia dizer alguma coisa, teve medo do que podia acontecer com a mãe. Minha mãe, disse ele, não adianta a senhora campear por aqui. Ele não me falou mas eu sei onde é que ele está. Pai deve estar aposentado no Sítio da Barra.

Foi o mesmo que uma punhalada no peito da mãe. Ela deu um passo atrás, procurou se apoiar para não cair. O Sítio da Barra queria dizer Teodomiro, Teodomiro queria dizer a mãe dele, a mãe dele queria dizer o passado do marido, e no passado do marido ela não tinha mando nenhum. Mesmo morta a mãe de Teodomiro, para dona Pequetita era como se

estivesse viva, tinha vindo cobrar meu pai. Na fundura do coração ela sentiu que o marido tinha bandeado.

E ela estava sozinha, humilhada, traída.

Daí a uns dias o baio apareceu amarrado na argola do passeio. Foi seu Teodomiro que trouxe mas não teve coragem de se anunciar, ele nunca tinha pisado naquela casa.

Vovô Tomé viu que aquele cavalo era um recado do pai, o pai queria falar com ele. Montou e foi sem dar nem ao menos uma palavra à mãe. No Sítio da Barra encontrou seu Teodomiro esperando na porteira.

Compassou, seu Teodomiro (eram irmãos de sangue mas nunca tinham se falado, no respeito mudo, seu Teodomiro mais velho do que ele), foi logo dizendo como se tivesse estado com ele na véspera. A mão esticada, esperava seu Teodomiro. A mão de seu Teodomiro tão diferente da sua: a palma esbranquiçada, as costas da mão mulatas.

O coração batia fundo na espera, tinha muita emoção. O mesmo sangue seu naquela mão, o mesmo sangue do pai correndo dentro dos dois. Seu Teodomiro esperava não sabia o quê, talvez achasse que vovô Tomé não ia lhe dar a mão. Vovô Tomé ter esticado a mão deixava Teodomiro meio tonto, sem saber o que fazer. Mas ele era bem um filho do velho Zé Mariano, no jeitão, no feitio da cara, no todo da pessoa. O pai era bom raçador. Teodomiro era muito mais o pai do que ele.

A demora foi coisa de um nada, a emoção é que esticava o tempo. Teodomiro pegou aquela mão no ar, apertou com força. A mão de Tomé estava suada, a dele também.

E vovô Tomé dizia que sentiu um quentume bom no peito. Achava que Teodomiro também sentiu, os olhos dele lumeavam esquisito, coisa assim entre espanto e carinho medroso. Eu não sabia da força do sangue, eu tinha medo que ele e eu, a gente não se desse bem, dizia vovô Tomé. Mas se vovô

Tomé (ele era mais sangue da mãe) de uma certa maneira se rebaixava (não sabia explicar esse sentimento, coisa herdada do orgulho da mãe), seu Teodomiro estava senhor e cavaleiro, vovô Tomé é que tinha vindo bater na sua porta. Mesmo assim seu Teodomiro concedia, ele era muito mais da nobreza do pai do que vovô Tomé, ele achava.

Compassou, seu Tomé? ele repetiu a pergunta e a voz dele era igualzinha à do pai. Será que eu tinha uma voz assim, vovô Tomé se perguntava. A gente nunca sabe a voz que tem na garganta, por isso gosta de brincar com o eco.

E de repente seu Teodomiro disse, vovô Tomé achava, que pela primeira vez a palavra, seu Teodomiro disse pai está lá dentro esperando. Aquilo que para vovô Tomé era trivial, em seu Teodomiro tinha o gosto de sangue. Porque a sua voz tremia, ele punha emoção demais em falar pai, uma palavrinha tão corriqueira. Vovô Tomé viu que era a primeira vez que ele falava pai. Depois ele chamou o pai de seu Zé Mariano, quando gritou que vovô tinha chegado.

Foi entrando na casa do irmão, ele na frente abrindo passagem. Seu Teodomiro foi lá dentro buscar a mulher, disse que ela se chamava sá Vitoriana.

Vovô Tomé se abancou numa canastra com as iniciais do pai pregueadas no tampo, deixou a cadeira de braço (o assento era de tábua de caixote, onde de primeiro devia ter havido palhinha) para quando ele chegasse. Ficou reparando a pobreza da casa, os trastes de sá Vitoriana. A mesa comprida, lavada de velha, de cada lado um banco sem encosto, um cabide na parede, no canto da sala um arreio que o pelego mal disfarçava os estragos, as grandes feridas. Na frente da cadeira onde o pai devia sentar, um couro de anta sem mais nem sombra de viço no pêlo. Um Sagrado Coração de Jesus na parede, uma estampa de São Benedito. O chão atijolado, só no cômodo da

sala, onde o pai devia estar aposentado, é que o assoalho era de tábua, vovô Tomé via a diferença por debaixo da porta. Apesar do asseio e do trato a casa do seu meio irmão era muito pobre, que nem ele. Vovô Tomé ficou imaginando como a sorte dos dois era desigual. Mesmo assim louvava o pai por ter dado aquelas terras a Teodomiro, seu filho pardo. Se estivesse por conta da mãe, seu Teodomiro estaria lambendo embira.

Ele já se cansava de esperar quando uma mulher magra, mais para mulata do que para preta, entrou na sala. Parecia muito acanhada torcendo os dedos da mão. Ficaram se olhando, ela reparava vovô Tomé da cabeça aos pés. Depois de algum tempo ela disse sou Vitoriana, mulher de seu Teodomiro.

E como, já de pé, vovô lhe estendia a mão, ela se desculpou, estava com a mão molhada, era mentira. Não foi bem uma recusa, era mais acanhamento dela. Pela mansidão dos olhos vagarosos, pelo somido gostoso da voz cantada parecia muito boa. Tinha jeito de baiana, mineira não podia ser. Aquele cantado de voz não enganava. O irmão tinha ido campear uma mulher mais escura do que ele é capaz de que para não ficar de ponte no meio de duas brancas: a do pai e da mulher brancarona, ela sendo branca. Não sabia por causa de que imaginou isso, a coisa não fazia sentido. Depois, ele não tinha nada que ver com a vida do irmão, que só agora conhecia.

Toda hora ela olhava para a porta da sala, a ver se alguém aparecia para salvá-la do embaraço, era mesmo muito acanhada. Ele não agüentava tanto tempo o silêncio, não tinham o que se falar. Esteja a gosto, vou coar um cafezinho, disse ela voltando para o lugar de onde tinha vindo. Ele disse não se

incomode, ela não escutou, virou a cara rindo para ele (a gente ainda havia de ficar muito amigos, eu senti de chofre). Ele já gabava a escolha do irmão: uma mulher tão bem-parecida, tão quieta, tão boa.

Foi então que seu Teodomiro veio dizer que não demorava muito e o pai vinha. Desta vez ele disse pai mais acostumado, ou foi vovô Tomé que não reparou bem? Queria ver ele dizer pai era diante do velho, junto de mim, dizia vovô Tomé. Ia custar muito, só dias e dias depois, nas muitas idas ao Sítio da Barra, foi que o caso sucedeu.

Quis conversar com seu Teodomiro, tentou puxar um assunto qualquer, louvava o zelo e parecer de sá Vitoriana. Ele não se sentia muito a cômodo na presença de vovô Tomé, engrolou qualquer coisa, disse que ia lá dentro acabar o que fazia quando vovô Tomé chegou. Esteja a gosto, disse. Apesar de meio arisco, Teodomiro era delicado.

Um homem sério e honesto.

O pai demorou muito, dava até agonia, de tanto que vovô Tomé pensava que era capaz dele não estar querendo ver ninguém da parte de dona Pequetita. Besteira, se ele não queria ver o filho não precisava ter chamado. Ou era ilusão, vovô Tomé tinha entendido mal o recado do cavalo na porta da casa? Não podia ser, seu Teodomiro falou que o pai estava esperando. Ou será que o pai estava mesmo de miolo mole, conforme a mãe dizia, tudo nele desconstruído? Aflição é assim mesmo, costumava dizer vovô Tomé, a gente cuida de coisas disparatadas, daquilo que adivinha o coração carregado, feito ver assombração de dia.

Quando o pai entrou vovô Tomé teve emoção demais, o coração batia na goela feito um peixe fora d'água. O medo de chorar, ele ia estragar tudo, o pai não admitia essas fraquezas. Ia ser muito difícil aquela conversa entre pai e filho.

O pai parecia bem melhor do que quando lá em casa. Da doença, porque ele estava muito mais velho, a cabeça branquinha, os olhos de água suja empapuçados, a cara esverdeada que era ruga só. O baque que vovô Tomé sentiu no peito era coisa de arrependimento, ele não vinha dando muita

atenção ao pai ultimamente, tudo por conta de dona Pequetita. Mas achou que o pai estava melhor da doença por causa de que não tinha mais aquela aflição nos olhos, aquela fala agoniada.

Bença, pai, disse respeitoso, meio com medo do que o pai podia dizer. Ele olhou muito primeiro antes de dar a sua bênção. Como que o pai queria ver dentro dos olhos, adivinhar no coração, ver de que banda o filho estava, se do lado da mãe.

Só se aliviou quando o pai perguntou por dona Pequetita, se nada lhe faltava. Nada, pai, ela vai bem, não carece o senhor ficar preocupado por causa de mãe. O pai não deixava batata assar, disse eu não estou preocupado com ela, apenas trato da minha obrigação. Você toma conta da Fazenda do Carapina, o mando agora é seu. Não deixa ela ir lá muito, desfazer as coisas que eu arrumei. Você conhece o meu feitio, toca pra frente que nem eu estivesse lá, feito fosse eu.

O pai lhe passava o bastão, que nem Abraão a Isaac, Isaac a Jacó, Jacó a José. Vovô Tomé se lembrava das histórias de bíblia que a mãe gostava de contar quando ele era menino, aqueles filhos preferidos. E sentiu um nó na garganta ao receber a solene bênção do pai.

Mas o pai não estava nada emocionado, nada aflito, parecia ter encontrado o sossego que estava lhe faltando em casa para envelhecer. Tinha achado um remanso bom na casa de seu outro filho. Apesar da velhice o pai estava calmo, dando mesmo uma sensação de tranqüilo repouso, de mansa sabedoria.

O filho se consolava com a bênção, com a solene promessa, com o bastão que o pai tinha lhe passado. Nada daquilo que antes vovô Tomé suspeitava aconteceu (por causa do bastão eu já achava

meu pai no seu entendimento perfeito, nada de miolo mole conforme minha mãe vivia me soprando no ouvido). Achava que o pai não tinha

reparado muito na emoção do filho.

Sá Vitoriana veio com a bandeja do café. Tudo muito arrumado, até toalhinha de crivo ela cuidou de botar debaixo das xícaras, vovô Tomé viu que não era costume.

Eles deviam tomar café todo dia era em canequinha de ágata. Ela deixou a bandeja em cima da mesa, disse delicada se sirva, foi levar a xícara do velho. A mão do pai tremia um pouco, ouvia-se o barulhinho da xícara no pires. Ela então ajeitou a manta nos joelhos do velho, indagando se ele queria mais alguma coisa (isso eu desconfiei pela resposta dele, ela era mais um passarinho triscando), o velho olhou agradecido para sá Vitoriana. Vovô Tomé não pôde deixar de tirar comparação com a mãe, viu com o coração apertado que em casa seu pai era muito falto de carinho.

Então, foi, o pai mudou de conversa, falava de como seu Teodomiro ia melhorando de vida, o filho tinha muito tento e jeito para cuidar da plantação e do gado. Vovô Tomé estava até feliz de ver o pai falar assim do irmão, tinha gostado muito de Teodomiro. Não fosse o sôfrego da respiração, as paradas entre uma fala e outra, o pai era o mesmo de antigamente. Vovô Tomé achou que com umas duas semanas de trato, naquela paz, ele ia ficar bom outra vez, só com os perrengues mesmos da velhice.

Já estava para se despedir quando viu que o pai não tirava os olhos da canastra onde ele tinha se abancado. Como viu que o pai olhava interessado a canastra, começou a passar de levezinho os dedos nas tachas da guarnição, os olhos do pai acompanhando os dedos de vovô Tomé. O pai meio que sorria, aquela canastra devia dizer muito para ele.

Foi minha, disse o pai. Já tinha reparado, pelas letras do seu nome, do senhor, disse vovô Tomé. É coisa antiga de velha, disse o pai, dos tempos que eu ia arrebanhar tropa em Lagoa Dourada. Deve ter sido bonita quando

lustrosa de nova, disse vovô Tomé. Era, disse o pai. Aprecio muito ficar vendo esta canastra e me lembrando das viagens, quando costume vir aqui.

Vovô Tomé ficou então sabendo que o pai costumava visitar seu Teodomiro muito amiúde. A mãe nunca adivinhou, ou será que ela adivinhava? dois dias depois que Zé Mariano ia para o Carapina ela batia atrás dele. Vovô Tomé achava que a mãe tinha era cisma do marido ter outra mulher na vida dele, mesmo depois de velho. Só que a mãe nunca pegou, o pai era muito calado no fingimento, não dava para desconfiar.

Quando se despediu do pai foi que perguntou se ele não cuidava de voltar para casa. Não, filho, volto mais não. Você querendo me ver, venha, me dá muita alegria.

Venha, filho, venha mais vezes, você aqui será sempre bem agasalhado, ele pedia, e vovô Tomé viu então pela primeira vez na vida os olhos do pai cheinhos de lágrima.

No repente da emoção ele se rendia, vovô Teme teve medo de que o pai garrasse a chorar feito menino, e vovô Tomé não ia saber como lidar com um velho chorando, era demais para ele. Mas o pai baixou a cabeça para o filho não ver, ele era muito delicado, mesmo sendo um homem crescido na dureza da vida.

Quando, já montado, vovô Tomé disse adeus pai, o pai abanou a mão desajeitado. Viu que o pai era triste mas feliz. Picou ligeiro o cavalo, queria fugir da emoção.

A mãe não perguntou pelo marido quando o filho chegou. Vovô Tomé não disse nada, agora a luta ia ser entre os dois. Sabia que a mãe acabaria vencendo, tinha muito mais treino, ele era noviço naquela empreitada, nas artes daquela guerra feita de esquivações, palavras veladas, golpes de surpresa e súbitos arrepios. Depois, ele sempre estivera da banda da mãe,

sempre manso gatinho aos pés dela ronronando. Ele estava era querendo tomar o lugar do pai.

Não sabia como dona Pequetita agüentou dois dias sem tocar no assunto. Minha mãe, dizia toda hora vovô Tomé, com perdão da má palavra, parecia o capeta em figura de gente. Se a ciumada da mãe não tinha paradeiro, o seu orgulho lhe dava forças para se domar, ela não ia de jeito nenhum se rebaixar perguntando por Zé Mariano.

E o seu jeito de lutar era muito dela. Fingia que nada tinha se passado, ela falava sempre de outras coisas, ciscando. Se fingia de mansinha, deixava de propósito aparecer aqui e ali uma pontinha de mágoa para o filho sentir que ele é que estava errado, que a culpa toda era dele. Mesmo percebendo o jogo da mãe a coisa lhe dava. nos nervos, se sentia um filho ingrato, a mãe desamparada. A sua vida com o pai era coisa lá deles, vovô Tomé não podia tratar mal a mãe por causa disso.

No fundo tinha um amor extremoso por ela, que começava a vencê-lo. Ele era novo da banda do pai, o pai tinha sido sempre para ele muito encoberto, só agora, a nuvem afastando, é que começava a ver direito a sua figura.

E vovô Tomé falou, foi ele que primeiro tocou no assunto. Mãe, estive outro dia com pai no Sítio da Barra, disse olhando bem para ela. Ah, é? disse ela fingindo surpresa, desinteressada. Pai está bem de saúde, vai melhor, disse ele querendo dar notícias que não lhe picassem a ira, mas a voz falseava. Ele até perguntou muito pela senhora, quis saber se carecia de alguma coisa, me recomendou muito. Minha mãe disse, se descobriu um tanto, mostrou as garras: eu não careço que ninguém cuide de mim, sou aleijada não, sei tratar dos meus negócios. Sou nenhuma desvalida, pode dizer pra ele. Quem fugiu de casa foi ele, quem está nas vascas da morte é

ele, é ele que deve estar mijando pelas pernas abaixo, na bobeira da caduquice. Teu pai está é caduco, Tomé, vai morrer à míngua!

Aí vovô Tomé retrucou, mãe, a senhora não tem mesmo jeito, está sempre aumentando um ponto, assim a coisa não vai. Ele queria dizer que se ela o desejava do seu lado devia mudar de jogo, daquele jeito, na brabeza, ele já tinha se bandeado pró lado do pai. A mãe era muito esperta, pegou no rabisco do ar e deixou. Tomé, meu filho, você não me entendeu direito. Eu não quero mal a seu pai, quero tudo de bem no mundo pra ele. Mas você não vê que seu pai está doente? Ele carece de muita ajuda, de trato diário. Daqui a pouco vai ter que ter alguém pra mudar a roupa dele, dar banho de cuia nele. É triste o ditado, mas velho e panela acabam é pelo fundo. Você não sabe, filho, mas quando ele estava de cama ruinzinho era eu que cuidava dessas porcarias.

Vovô Tomé não sabia daquela parte da história, a mãe sempre trancada com o pai no quarto, ficou meio desconfiado. Quem sabe ela não tinha razão, era melhor o pai voltar pra casa?

Mas aí a mãe falseou o pé, perguntou ele tem gente lá que cuide dele. Eu quero dizer gente direita, gente de família. Sempre o orgulho da mãe, entendeu o que ela queria dizer. Tem, mãe, ele está em família, disse. Aquilo não é família, disse ela quase gritando, coisa que nunca fazia, a voz sempre aveludada.

É família sim, mãe, gente boa, ele ia dizendo mas viu que estava falando sozinho, ela tinha lhe dado as costas, se afastara para não ouvir.

Quando foi no sábado voltou ao Sítio da Barra. Aí teve outra impressão do pai. O pai não estava nada bom. Sentado na mesma cadeira ele o esperava, a manta sobre os joelhos ossudos. O pai falou pouco, quase nada, só perguntou como ele ia. Não disse nada de desencontrado mas tinha os olhos neblinados, não punha sentido nas coisas. Olhava parado a porta

aberta, os olhos mergulhados nos longes de uma nuvenzinha boiando no céu estalando de azul, mas vovô Tomé via que o pai não estava espiando aquele algodão de nuvem, o pai olhava era o oco do vazio, a lonjura das ausências.

Uma hora seu Teodomiro chegou na sala e disse alto, sem trêmulo nenhum na voz como da primeira vez, pai, o senhor quer o caldo agora? O pai mirou Teodomiro bem nos olhos, disse não, filho, estou meio enfasiado; ele tinha ouvido. Vovô Tomé viu então que os dois se tratavam de pai e filho na maior intimidade, ele estava sobrando ali. O pai não ouvia era a arenga de vovô Tomé sobre os casos da fazenda, da casa na cidade, de dona Pequetita: bastou seu Teodomiro dizer uma palavrinha e o pai escutar. Vovô Tomé se mordida por dentro, ele era feito a mãe naquela hora, moído de ciúme. Nem de longe podia contar aquilo para ela, coitada, Na volta mal pôs sentido no caminho, deixou o cavalo ir. Vinha remoendo aquela fala dos dois, comparava as coisas como eram antes. Agora era pai pra lá, filho pra cá. Começou a pensar nos olhos do pai, nas suas ausências, no seu desamparo. Era capaz da mãe ter razão, o pai estava é de miolo mole, decretou vovô Tomé. Quando podia ter visto que o pai estava era cansado e tristonho, tinha sofrido muito aqueles dias.

Ficava imaginando agora: tivesse ele ficado ao lado do pai, assistindo ele todo dia, se as coisas não tinham tomado outro rumo. Meu pai sempre-foi um homem sozinho, dizia vovô Tomé, e um homem sozinho se perde à toa à toa. Um homem sozinho tem de se agarrar nas coisas, do contrário a barca se extravia, quando vê está de bubeia no rio do nada, afundado no vazio das brumas.

Continuou dizendo à mãe que o pai estava muito bem, melhorava a olhos vistos. Ela só indagava se ele carecia de alguma coisa. Não, mãe, pai não carece de nada, ele é de curta carência. É, filho, ele dizia, não carece da gente. com isso ela encantoava Tomé, ele que de natural já era do seu lado.

Passou dois sábados sem ir de novo ao Sítio da Barra. Vovô Tomé andava muito ocupado cuidando da safra, no Carapina, um perfeito fazendeiro. Mas isso era desculpa esfarrapada, dizia vovô Tomé, podia ter ido, tempo não me faltava.

Quando foi, encontrou as coisas muito mudadas. Teodomiro esperava na porteira, riu satisfeito para ele, não tinha mais nenhum acanhamento na sua frente.

Como vão as coisas, seu Teodomiro, perguntou. Muito melhor, seu Tomé, pai agora está até saindo. Mas é bom que o senhor mesmo veja ele, não vá se louvar nas minhas palavras.

Será que ele (pai pra lá, pai pra cá) pensava que eu era capaz de ir embora sem nem ao menos ver o velho, se perguntava vovô Tomé. Ele brincando e seu Teodomiro dia a dia ganhando terreno. Quando acordasse, o pai era todo de Teodomiro. Já está sendo, gritou dentro dele a voz de dona Pequetita.

Encontrou o pai sentado do lado de fora da casa, quentando sol. O pai estava entretido fazendo um cigarrinho de palha, no preparo caprichado. Alisava a tira de palha com muito gosto e cuidado, o naco de fumo na cuia da mão. Vindo outra vez, ia trazer pra ele um rolo novinho de.. fumo goiano da melhor qualidade. Ficou vendo o pai distraído na sua ocupação, queria ver bem o pai antes que ele o visse. O pai dava uma impressão muito boa, parecia um homem no seu normal, as cores voltando na cara. Ele sempre foi um homem muito corado, com a doença é que tinha amarelecido.

Aí ele viu Tomé, se levantou, aprumou o corpo, queria dar boa impressão. Como vai, filho? Bem, pai, e o senhor? Como vê, filho, com a ajuda de Deus e de Teodomiro vou aprumando, qualquer dia você topa comigo montando outra vez. Eu não vim antes, pai, disse vovô Tomé se desculpando porque sentiu naquela menção a Teodomiro um reparo velado.

Não vim antes, pai, foi porque estava cuidando dos negócios do senhor, a fazenda ultimamente, com a doença de pai, andava meio abandonada. Minha mãe...

O pai não estava interessado em saber nem da sua fazenda nem de dona Pequetita. Disse olha lá aquela novilha que Teodomiro comprou. Dona Pequetita vestiu a roupa da minha carne, dizia vovô Tomé, eu por dentro perguntava calado: com o dinheiro de quem. E o pai não falou mais nada, voltava ao seu cigarro.

O resto das horas que vovô Tomé passou por lá foi assim, ele tentando conversar, o pai só fazendo ahn", uhn! O pai vivia novamente no seu brumado de sonho e velhice.

Disse à mãe que o pai estava bem melhor, tinha perguntado muito por ela. Ela não acreditou, já desconfiava da verdade. Você acha que ele volta algum dia, Tomé? Vovô Tomé sentiu que não podia mentir para ela outra vez (a gente tinha que se acostumar com a verdade, não podia viver mentindo). Não, mãe, eu vou ser franco com a senhora. Mesmo pai melhorando, ficando bom de todo, eu acho que ele não volta nunca mais.

A mãe sentiu na carne o vergão do chicote. Pensou que ela fosse gritar, desabar sobre ele a mágoa que ela sentia do marido. Ela fez tudo ao contrário: baixou a cabeça, e mesmo disfarçando não pôde impedir que vovô Tomé visse que ela sungava uma lágrima. Abracei minha mãe tão pequenininha, dizia vovô Tomé, apertei ela bem junto do peito, minha mãe agora é que carecia de proteção e abrigo carinhoso. Mas a mãe não era de chorar, disse vamos pra dentro, filho, que está esfriando, a voz nem um pouquinho molhada.

Foi daí em diante que a mãe mudou. Ela passou a dar vazão a todo o seu ciúme, a todo o seu ódio poupado. Ora resmungava, ora dizia alto coisas duras que todos pudessem ouvir. Inventou de dizer uns ditados que ia

ajeitando conforme o virar do tempo e do lugar. Uma hora ela dizia os ditados de todo mundo, outras vezes inventava.

De um, vovô Tomé até se lembrava, era meio gozado. Quem espalha filho pelo mundo, colhe tempestade.

Ele agora não fazia outra coisa senão ir todo sábado visitar o pai. E era sempre a mesma coisa, o pai minguido de palavras, com vovô Tomé pelo menos. De saúde ele já estava bom, até bem desempenado de andadura, chegava a ajudar Teodomiro num ou noutro servicinho. Mas era sempre de vez em quando aquelas ausências, feito ele não soubesse mais que estava no mundo.

Nas suas voltas a mãe passou a sabatiná-lo. Não tinha mais nenhum acanhamento de fazer as perguntas mais estúrdias. Chegou a indagar um dia se o velho por acaso não estava bancando o coió, não tinha se engraçado com alguma preta, ele sempre foi de senzala, disse ela. Que é isso que a senhora está falando, mãe? A senhora não tem medida? Pai não é disso, ele está no seu fim de vida, afundado nas últimas dobras lá dele. Se você acha assim, disse ela, não está mais aqui quem falou.

Será que pau que nasce torto, com o tempo endireita?

Mal respondeu à mãe, agora ele é que vivia trancado, matutando as suas cismas.

Mesmo isso passou, e o tempo foi passando, o tempo passava tão ligeiro que ele até se esquecia do pai lá no Sítio da Barra. Fazia mesmo por esquecer, ocupado com a sua Fazenda do Carapina. Só se lembrava do pai quando era sábado, dia de visita.

As visitas agora eram muito curtas. Perguntava como ele ia, dava notícias da fazenda, nem mais tocava no nome de dona Pequetita. Voltava para ser sabatinado por ela, não tinha nada de novo para dizer, inventava para dar de beber à sede da mãe.

Ela parece que se conformou, resolveu viver a sua mágoa, cortou para si a vestimenta mais bonita, fazia a figura da mulher abandonada, sofrida, sozinha no mundo.

Mesmo assim, volta e meia o rio engrossava, ela dizia a gente não tem que se ocupar dele, meu filho. Ele que se cuide, fique lá com a sua nova família. Já que não tem coração, não liga pra gente. E para não dar parte de fraca: por mim não, que nunca lhe dei essas confianças de gostar.

A mãe destemperava, se perdia. Ao contrário dele, que se achava. Ele era senhor da fazenda de seu pai, dono de seus dias.

É até maldade dizer, dizia vovô Tomé, mas eu chegava a sonhar como seria a grande hora de meu pai. Seu Teodomiro vinha bater na sua porta, dizia que o pai tinha fechado os olhos para sempre, morreu assim feito um passarinho, de repente, dormindo. Para não carregar depois culpa de nada, a alma leve de pena.

Mas as coisas não se acomodam ao desejo da gente, dizia vovô Tomé, o mundo é muito desigual nos seus caminhos, o risco não é a gente que traça.

Nas idas apressadas ao Sítio da Barra começou a reparar que o pai andava meio encardido. No princípio não deu muita importância, quem cuidava dele era seu Teodomiro.

Depois viu que o pescoço (ele muito magro, pelancudo, enrugado) estava todo cheio de manchas pretas, cuidou que era da doença. Bem comparando, pele do pai era assim da cor de codorna. Não quis indagar nada de seu Teodomiro, ele mesmo é que tinha de descobrir.

Não era mancha de doença coisa nenhuma, era sujeira mesmo. O pai estava imundo de fazer dó. Quando ele suava, um suor preto escorria pela cara, ele passava a mão, limpava nas calças que não tinham mais cor, só então vovô Tomé reparou. O pai parecia um pobre de pedir, desses que batem de porta em porta dia de sábado. Ele tinha vergonha do pai, não sabia

o que fazer. Além da pena, a vergonha: se sentia por dentro um trapo sujo, que nem o pai por fora.

O pior de tudo foi o cheiro que passou a sentir. Não podia ficar muito tempo junto dele, se afastava do pai logo sentia o cheirinho azedo, entre manteiga rançosa e carne podre. Nunca tinha visto aquilo em gente de bem, na sua família sempre se cuidou muito do asseio. O pai estava entregue à sua sujeira, ao seu fedor. Será que o pai não sentia nenhum incômodo em viver assim? Antes ele se cuidava, vivia limpando as unhas com a folhinha do canivete. Agora parecia um bicho, de tão sujo e descabelado.

E aquele cheiro grudou no nariz, noite e dia vovô Tomé sentia. Numa roda qualquer, proseando folgado, esquecido da vida, de repente sentia. Olhava o pescoço dos outros, todo mundo mais ou menos limpo, o cheiro vinha era com o vento, na lembrança sem querer do pai, que ele agora fazia por esquecer.

Perguntou a seu Teodomiro, ele não reparasse, não achava que o pai estava um pouco descuidado demais? Quê que o senhor quer dizer com isso, perguntou seu Teodomiro estranhando. Não me leve a mal, seu Teodomiro, mas o senhor não reparou que pai está uma imundície, mesmo mau cheiro ele tem? Já, eu também sinto, disse seu Teodomiro.

Pensa que eu não tenho nariz? Mas o senhor não mexe com ele, seu Tomé, não sabe a luta que a gente tem. Eu e sá Vitoriana não fazemos outra coisa senão pedir, implorar.

Pai não quer saber de banho de jeito nenhum. Vai fazer um ano que ele está aqui e ainda não viu água. Se não fosse enquanto ele está dormindo eu aparar com a tesoura o cabelo e a barba, pai era um bicho sem tirar nem pôr.

De repente aquela visão de bicho afogou a alma. Afinal ele era seu pai, por mais que não quisesse se lembrar dele quando longe dali. Quem fedia era eu, dizia vovô Tomé, eu era imundo por dentro, me acusei.

Mas não tem jeito, seu Teodomiro, perguntou no remorso A gente não arranja um jeito? Já matutei muito, seu Tomé, conversei com sá Vitoriana, ele ameaçou ir embora, nunca mais a gente via ele. Deixei de banda.

Ainda quis botar na cabeça de seu Teodomiro a idéia dos dois pegarem o velho à força, darem um banho nele. O senhor faça isso sozinho, não conte com a minha ajuda, disse seu Teodomiro. Depois como é que a gente ia enfrentar o velho? O senhor sabe como ele é genioso. Eu por mim já me conformei, ele faça o que bem entender. com perdão da palavra, pode feder à vontade. O que o senhor quer, seu Tomé, não é matar o velho, é?

Não guardou nenhum rancor de seu Teodomiro. Pensando bem, ele é que estava com a razão. Um despropósito fazer aquilo com o velho. Meio que se conformou com a idéia do pai feder. Se seu Teodomiro podia agüentar o cheiro no nariz, por que ele não podia suportar na lembrança? Eu passei a achar que pai tinha se afastado da gente para feder, dizia vovô Tomé. Era assim que queria publicar a sua presença no mundo.

Vovô Tomé passou a ter sonhos horrorosos'. Via o pai num chiqueiro disputando comida com os porcos. Nem de longe a mãe podia desconfiar, sentir o mau cheiro, ela vinha atrás. Nos seus sonhos vivia espalhando rosas pelo caminho, para espaventar o fedor. O focinho de um perdigueiro cheirava de longe o ar, a cachorrada caía em cima do pai. O sonho mudava de hora e lugar, o pai agora estava na beira do rio se lavando e se esfregando com um caco de telha, cadê que a 'catinga saía! A mãe galopava, as rédeas firmes, os perdigueiros latiam, já tinham farejado no ar a toca onde o velho se metera. Assim a noite inteira, repetido.

Se a mãe perguntava como iam as coisas no castelo do pai (era assim que ela falava, na ironia do desprezo invejoso), ele dizia muito bem, mudava ligeiro de assunto para ela não perceber o mau cheiro vagando no ar.

Mas a mãe já desconfiava, via longe. Começou a apertá-lo, a ver se o pegava em falso. Ele resistia, resistiu o quanto teve forças. Um dia contou.

Então foi pra isso que ele largou a gente, ela perguntava. Foi pra feder assim que ele foi se meter naquela cafua? E o seu filho lá dele, não cuida? Tudo não eram flores como de primeiro você dizia?

Quis atalhar a perguntação da mãe, dizer que seu Teodomiro não tinha culpa, era miolo mole do pai, feito ela antes dizia. Como não tem culpa, disse ela com raiva do filho estar defendendo aquela gente. Aqui em casa ele não fedia, eu sofria o diabo mas ele não fedia! Quê que eu posso fazer, mãe, já conversei até com seu Teodomiro?

Você e esse seu Teodomiro que agora me inventaram! Mãe, eu disse, a senhora está avançando demais. A senhora vai me desculpar, mas a senhora mesmo não teve mão nele.

Um dia ele não agüentou, bateu asas, foi se embora. De quem é a culpa, mãe?

A mãe agüentou calada o que ele disse (acho que foi porque ela maquinava outros planos, dizia vovô Tomé). Ou será que era a velhice que estava também batendo nas suas portas, ela amarisava?

Daí em diante a mãe passou a lhe azucrinar os ouvidos, toda hora falando você deve cuidar, você deve cuidar. Ele era um filho ingrato, ela acusava. O pai tinha feito tudo por ele e ele ia deixar o velho morrer naquela sujeira. Porque ela o convenceu que sujeira mata (tapa os poros da pele, a gente morre sufocado, a mãe dizia).

De onde é que ela tirava essas idéias? E uma curatela, a gente botava ele à força na Santa Casa, perguntava ela. Ele tentava dobrar a mãe, ela não tinha jeito, entestada de idéias. Curatela de jeito nenhum, nunca que ele havia de concordar. Cada dia a mãe inventava uma idéia, era uma lançadeira, não

esquentava lugar, de noite nem dormia, a chinela chape-chape no corredor. Os olhos da mãe lumeavam esquisito, ele nunca tinha visto aquilo.

Até que um dia ela teve uma idéia que não era de todo ruim. Vou tentar, disse ele. O medo do pai morrer - mais por causa da mãe ele ia tentar.

Então foi de novo ao Sítio da Barra. Como sempre, seu Teodomiro esperava na porteira, parece que adivinhava quando ele ia chegar. Ou será que ficava o tempo todo esperando, mesmo quando vovô Tomé não ia lá? Vovô Tomé ficou comovido de ver a amizade de seu Teodomiro pelo pai, sentiu uma dor funda no peito (eu não fazia nem a metade do tanto que me cabia). Pensou em arrepiar carreira, voltar e dizer à mãe que tinha tentado mas que não dera certo. Nunca fui de abandonar empreitada no meio, dizia vovô Tomé, também neste ponto puxei a dona Pequetita. Não era só esse feitio, essa aparência: tinha medo de enfrentar outra vez os olhos da mãe. Entre o pai e a mãe ele não tinha escolha: acostumado ao jugo da mãe, mesmo de longe obedecia.

Seu Teodomiro, eu queria ter um particular com pai, disse. Não sabia se ele tinha percebido o tremor da voz. Esteja a gosto, disse seu Teodomiro, ninguém vai atrapalhar, nunca servi de estorvo. Não é isso, seu Teodomiro, eu queria dar uma volta com ele, pra refrescar as idéias. Caminhando a gente sempre pensa melhor. O senhor acha que ele agüenta uma esticada até aquele capão lá embaixo, beira-rio? Acho que ele agüenta, disse seu Teodomiro. Pai agora anda bem, melhorou de fôlego, até aquela ronqueira que ele tinha parece que passou. De cabeça é aquilo que o senhor sabe, de vez em quando tem umas ausências, umas manias, mas isso é da idade, o senhor conhece.

O pai ficou até meio alegrinho de ver o filho, vovô Tomé sentiu uma pontada mais funda no peito. Ele ia arrepender? Voltava? Ele era um rio dividido, cada braço tomava um rumo. Mas o pai engoliu a alegria, disse

quando muito com'passou, meu filho? caiu outra vez naquela mudez,- naquela ausência. Era como se o filho tivesse ficado na cidade, Zé Mariano sozinho no meio do campo. O pai boiava nas cinzas da neblina, os olhos de pano sujo.

Na verdade o pai era sujeira só, reparava enquanto ia falando sem sossego, falando por falar, falando para manter o velho entretido, coisa de que ele não carecia, o pai estava nos longes da caduquice. O ventinho que vinha da banda do rio refrescava um pouco o fedor que agora era demais. Vovô Tomé sufocava nas ânsias, falava sem parar, matraca de semana santa, gaguejava, aquilo que falava não fazia sentido, era barafunda de desmiolado.

Então segurou o pai pelo braço, o velho deixou que ele levasse. Pegaram um caminhozinho que cortava o capão pelo meio, vovô Tomé avistou a curva do rio, já cheirava a aragem fria.

Eu sempre que via um rio por entre um mato, dizia vovô Tomé, meu coração saltava de alegria. Daquela vez não, o coração vinha carregado de medo, encharcado de sombra.

Não tinha mais mão em si, caminhava sonâmbulo.

No barranco do rio pararam. O pai de repente parecia voltar da neblina, ficou olhando interessado a curva mansa do rio. Pai, o senhor acha que este) rio é piscoso, tem piranha? Ele fez que não com a cabeça, estava escutando, vovô Tomé tinha certeza.

Se afastou um pouco para tomar fôlego, o pai de costas para ele. E de repente avançou, deu um empurrão no pai, o velho caiu dentro do rio.

Só então foi que cuidou se o pai sabia nadar. O medo fez vovô ficar ali plantado (eu era um toco de pau, uma pedra sem nenhuma valia). Não pôde rematar o que tinha maquinado a pedido da mãe, que era saltar em cima dele, esfregar o velho com força para tirar a sujeira. Ali, os braços caídos, vovô Tomé era um traste de gente.

Viu a cabeça do pai apontar no meio da água. O rio não era fundo, dava pé, vovô Tomé respirou aliviado. O pai foi se levantando, a água chegava até o meio do peito.

E viu o que nunca cuidou de ver, viu o que o seu coração mais tinha medo. Viu o braço do pai se levantar para o ar, na sua direção. O pai gritava nomes, amaldiçoava.

Vovô Tomé não ouvia, não queria, não podia ouvir.

Como agüentar aquela mão, aqueles gritos? Saiu numa desabalada louca. Passou correndo por seu Teodomiro, nem olhou para ele, saltou em cima do cavalo, correu léguas de desvario.

Não demorou três dias (três dias que foram a minha agonia, a minha morte têmpera) e apareceu na porta de casa um menino, cria de seu Teodomiro. Seu Teodomiro mandou dizer pró senhor ir lá na Barra, ele quer falar com o senhor, disse.

Se. armou, foi. Agora contava com tudo, o coração esperava, pedia mesmo.

Os dois irmãos se enfrentaram. Não sei como dois bandidos se enfrentam, cara a cara, nunca vi, mas deve ser assim o primeiro encontro, dizia vovô Tomé. Olho no olho, não se falavam, cada um esperando do outro o primeiro gesto.

De repente vovô resolveu: não ia mexer uma palha, não ia dar mais um passo, não ia ser seu o primeiro tiro. Seu Teodomiro podia fazer dele o que bem entendesse (eu merecia aquela morte). Abriu os braços em cruz e esperou. Seu Teodomiro, a mão na garrucha, não se mexia.

Na pura agonia vovô Tomé disse pode, seu Teodomiro, o senhor pode atirar, não vou me defender.

Ele mirou vovô Tomé bem nos olhos, mastigou umas palavras que vovô não entendeu, deixou cair a mão que apalpava a garrucha, recolhia o gesto.

Passado o primeiro perigo, os dois agora se olhavam de outra maneira.

A voz pausada, seu Teodomiro foi dizendo o seu recado, decretando a condenação. Não, seu Tomé, de jeito nenhum eu ia dar o primeiro passo. Eu esperava que o senhor

se assustasse, fizesse qualquer coisa, então eu varava o senhor de bala. No fim das contas, eu tenho o mesmo sangue que o senhor. Por vontade própria eu não ia encompridar o sofrimento de meu pai. Agora, eu só queria lhe dizer uma coisa. O senhor mediu bem o que fez? O senhor cuidou que podia matar nosso pai?

Vovô Tomé quis dizer que não, não estava na inteireza do seu juízo, mas seu Teodomiro não deixou. O senhor sabe que desde aquele dia nosso pai não deu mais nenhuma palavra, nem comigo nem com sá Vitoriana? Que no outro dia ele juntou os seus trapos, pegou um rolo de fumo e foi pr'aquela cafua lá longe, aquela meia tapera que o senhor está vendo? Que ele se trancou por dentro e não abre a porta pra ninguém?

Vovô Tomé não ia ficar repetindo toda a história que seu Teodomiro contou em forma de pergunta, a modo de acusação. Eu encurto, não agüento, dizia vovô Tomé, repetindo dói outra vez. Seu Teodomiro contou que tinha tentado falar com o pai por detrás da porta, para ver se convencia o velho Zé Mariano a voltar para casa. Ninguém ia bulir com ele, podia ficar descansado. Não deixo seu Tomé pisar os pés aqui no sítio, dizia seu Teodomiro. Toda vez que ia levar a comida do pai repetia a cantilena, implorava que ao menos abrisse a porta para receber a marmita. O pai não se mexia, seu Teodomiro ficava esperando. Se afastava, ficava de longe escondido para ver se o pai abria a porta e vinha apanhar a marmita. Qual nada, parecia que o velho tinha um outro sentido, desconfiava da presença de seu Teodomiro mesmo de longe.

Agora seu Teodomiro tinha resolvido, não ia ficar aperreando o pai com a sua presença, mandava o menino levar a marmita, quê que o irmão achava?

Vovô Tomé não achava nada, já tinha feito o seu tanto. Seu Teodomiro não foi assim manso feito vovô estava dando a parecer. Deu ainda uma última punhalada. O senhor sabe que a culpa de tudo que acontecer daqui pra frente é sua?

Vovô Tomé aceitou sem tugar nem mugir a canga daquela culpa, como no princípio já tinha decidido a deixar se matar, seu Teodomiro querendo, quando primeiro os dois se enfrentaram.

Os dias seguintes foram só brumado e pesadelo para ele. Não falava com a mãe, iam purgar os pecados no silêncio. Ela reparou, também sentia, a seu modo padeceu, concordou calada.

Agora vovô Tomé ia todo dia ao Sítio da Barra saber notícia do pai. E eram sempre as mesmas notícias, nenhuma novidade de monta.

A novidade veio um dia, seu Teodomiro foi quem contou. Às vezes o menino voltava com a marmita cheia e dizia é de ontem, ele nem provou. Não estranhavam muito, velho às vezes é sempre meio enfasiado. Seu Teodomiro só mais tarde é que desconfiou da verdade. O velho devia passar dias e dias sem comer, só pitando no escuro, nem a janela ele abria. O menino jogava a comida no rio ou se fartava com a marmita, ele era um tanto arado. Muito ladino, fazia as coisas de modo que não dava para desconfiar. Só depois é que ficaram sabendo. Quando um dia alguém veio correndo dizer que estava assim de urubu em cima da casinha do pai.

VI – O SALTO DO TOURO

Que idade ele teria quando aquilo primeiro aconteceu? Mergulhava no ventre do tempo, nas suas águas lodosas, à procura de algum sinal. Tentava sair do tempo, da densa nebulosa que tudo abarcava e dissolvia, e buscava algum sinal, um acontecimento qualquer de calendário ou folhinha, que lhe desse a certeza de sua idade naquela época, quando aquilo primeiro aconteceu. Tudo dentro dele era pesado e brumoso, doía quando tentava localizar no tempo, deter em suas cores fugidias a figura de tia Margarida.

Como aquela outra lembrança, esta mais recuada, debaixo de escondidas escamas, quando ainda se achava afogado na placenta do tempo e mal podia se distinguir do mundo: uma lagarta verde numa folha verde - como um bicho entranha na paisagem, o mundo sendo uma continuação de sua consciência. Como aquela outra lembrança mais recuada no tempo, uma pasta de dor dentro dele; esta ele esquecia, não queria nem mesmo nas noites insones, afogado em tentação e pecado, lembrar: o corpo que aos seus olhos de menino era a própria brancura. Aquele corpo branco, molhado de banho, recendendo brilhoso; mesmo nos confins da noite, na escuridão mais pesada, era um ponto dolorido de espanto, um abismo

luminoso de dor. Os cabelos mais pretos porque molhados, ainda pingando água do banho, o roupão solto sobre os ombros, os seios que eram duas verrumas de dor, o ventre tumidamente branco: a nudez que ele menino vislumbrara de supetão, o cimento de suas mais fundas lembranças, o chão mesmo do poço.

Mas essa mulher que saía quase pelada do quarto de banho cuidando a casa vazia (ele menino se esgueirava silente pelos corredores), não era tia Margarida. De tia Margarida ainda podia se lembrar. A mulher nua que saía

do banho ainda molhada e recendendo, essa ele queria para sempre morta, dissolvida na massa gasosa do tempo.

Essa era o seu pecado mais fundo, a sua maior dor; embora ele nada tivesse feito, nenhuma culpa lhe coubesse. Porém a culpa tudo tingia e envenenava. Dentro dele, um tímpano no ouvido, tudo doía e ressoava: as duas figuras se fundindo num só corpo leitoso e nevoento na escuridão da memória. Em suas noites ele sofria. Meu Deus, como elas eram parecidas!

Pelas contas, devia ter uns dezesseis anos. com quatorze ainda era um tanto menino, do que se lembrava. Aos dezesseis foi que começou a explodir dentro dele o seu corpo de homem. Quando ainda estudava em São Mateus tinha dezessete anos. com dezoito partia para a grande cidade, abandonava o seu casulo.

Foi numas férias de julho, voltando a Duas Pontes, que aquilo primeiro aconteceu.

Quando João não passava as férias na Fazenda do Carapina, quando era senhor do campo e do céu, ficava uns dias na casa de vovô Tomé na cidade. Era vovó Naninha que queria, ele achava muito bom ficar morando uns dias com eles, depois que matava as saudades da mãe. Desde pequenininho era assim, desde as suas primeiras férias.

E na casa de vovô era a mesma coisa que na Fazenda do Carapina. Só que na Fazenda do Carapina vovô Tomé também ficava junto com eles, a família reunida em volta da grande mesa de vinhático: vovó Naninha no crochê, tia Margarida jogando paciência ou lendo, vovô Tomé lendo e relendo os mesmos jornais velhos que ele mandava de vez em quando buscar na cidade, João olhando as figuras da coleção da revista Eu Sei Tudo (já então, desde sempre vogando em sonho nas suas imaginárias viagens, procurava acompanhar adivinhando onde é que podia andar tio Zózimo), mesmo a preta Milurde vinha e puxava uma cadeira, um pouco mais recuada

é verdade, e ficava à sombra da família, esperando a ordem de vovó Naninha que perguntava a vovô Tomé se ele já queria a água quente para o banho dos pés antes de se deitar. Não se lembrava era de tio Zózimo e tio Alfredo (tio Zózimo sumido no mundo) em volta da mesa lustrosa de velha com seus riscos e estrias, seus caminhos e deltas, suas ligeiras saliências, ilhas e reentrâncias - a hidro-orografia do sonho; naquelas noites modorrentas - um ronronar de gato no borralho, gostosas feito uma preguiça boa que a gente vai curtindo no vagarinho do tempo, os olhos grossos de sono, as pálpebras de chumbo.

Quando era mais novo gostava era da Fazenda do Carapina. Depois que foi para o Colégio São Mateus, na volta já não queria mais saber da fazenda, tinha enjoado, preferia ficar na casa do avô. O avô ia agora muito pouco ao Carapina, ficava a maior parte do tempo na cidade. Mas na cidade vovô Tomé nunca, ficava de noite com eles junto da mesa da sala, vivia na rua, nas prosas esticadas do clube, sabia lá onde. Na cidade eram apenas os três - vovó Naninha, tia Margarida e ele. Mais a preta Milurde de quebra esperando a ordem para ir assar broinha de fubá e coar o café novo.

Devia ter uns dezesseis anos, se lembrava de que ficava lendo os livros que dera para tomar emprestado do dr. Alcebíades. Depois que aquilo primeiro aconteceu, abandonou o círculo silencioso e agasalhado em volta da mesa da sala.

Agora vivia reinando, zanzando à toa pela cidade, na companhia de Zito, muito pouco ficava em casa de vovô Tomé, só aparecia por lá quando reclamavam de seu sumiço.

Antes daquilo primeiro acontecer, era bom ficar espiando vovó Naninha nos cochiles do seu eterno crochê, tia Margarida entregue ao jogo de paciência ou mergulhada naqueles livros que ela devia saber quase de cor.

Coitada de tia Margarida, reparando bem era capaz até de ser bonita. Se fosse ao menos um pouco vaidosa e se cuidasse, se não usasse aqueles vestidos que nenhuma moça solteira usava mais, se soltasse os cabelos retintos, sedosos, estalando de tão esticadinhos, a cabeleira que ela prendia num coque remedando a compostura antiga e serena de vovó Naninha. Reparando bem: a cara muito branca, a pele lisinha, de louça translúcida, da transparência de uma xícara de casca de ovo que só se põe em uso quando aparece visita de cerimônia, as veiazinhas azuladas boiando na flor da pele filtrando um brilho remoto e pálido, mansinho; de olhos graúdos de jabuticaba-do-mato, as pestanas grandes e pensativas; o nariz fino, caprichosamente torneado, bem acepilhadinho, feito como sob o risco de régua e compasso, as asas que se abriam ou fechavam como pétalas em sonho, no ritmo vagaroso da respiração calma, ou mais rápidas, conforme a parte do livro que estava lendo, ou, ela sem ler, a aparição com certeza de um pensamento mais buliçoso; a boca farta, os lábios corados e carnudos que ela ia umedecendo de vez em quando com a pontinha da língua.

Querendo, ela podia ser bem bonita. Se caprichasse no trato, se soltasse aquele cabelo preso em coque que tanto a envelhecia, podia até fazer vista entre as outras moças da cidade. Muitas vezes ele se perdia imaginando, mentalmente compondo uma outra figura com os restos de beleza que a tia forçava por esconder detrás da sisudez precoce, e ele descobria, descascando uma a uma as camadas com que ela procurava se soterrar, a sua alegre beleza.

Só que parecia, e fazia questão de parecer, mais velha do que realmente era. Fazendo as contas, - tia Margarida devia ter naquela época no máximo uns vinte e oito anos. Mas aparentava muito mais, por gosto e feitio. Via-se que tia Margarida procurava copiar a figura serena e pausada de vovó Naninha.

Na verdade não se podia nunca saber como era tia Margarida, tanto ela se escondia. Ela compunha para os outros e para si mesma uma figura ponderada, pacientemente medida, toda serenidade e complacência, distendida. Queria que o tempo passasse depressa, queria correr léguas no tempo, avançar além da sua idade, num átimo ser uma solteirona bem velhinha.

João pensava ter encontrado uma explicação para aquela figura composta dia a dia, ano a ano, com a paciência de uma aranha tecedeira. Tia Margarida era uma dedicação à cata de alguém a quem se entregar. O pai não precisava dela, tinha vovó Naninha; vovó Naninha também não, tinha vovô Tomé para os assuntos de rua, a preta Milurde para os serviços caseiros; tio Alfredo e tio Zózimo eram dois potros selvagens que não aceitavam dedicação de ninguém, amadrinhamento nenhum, já tinham os cuidados de vovó Naninha, careciam de nada. Por isso ela era uma dedicação erradia, ansiosa, sem encontrar desaguadouro. Sem amor, de indefinida idade, na aparência mais velha, os olhos agudos ou vagos boiando às vezes em névoas distantes, era uma sombra leitosa que vagava de mansinho pelos corredores, pelos quartos, pelas salas, pela vida. Se ao menos ela se entregasse ao serviço da igreja, fosse uma daquelas beatas, um desses camelos em que Deus atravessa o deserto, teria encontrado uma ocupação, teria a quem se dedicar, teria a quem dar um amor manso e cuidadosamente poupado. Mas estranhamente tia Margarida lutava contra aquela entrega, contra a fatalidade que aguardava as solteironas de Duas Pontes. Nem ao menos ela era religiosa, se limitava a acompanhar a mãe à igreja

nos domingos. Na igreja, nunca ninguém viu os seus lábios ao menos se mexerem numa prece: o rosto era opaco, tranqüilo, vago na penumbra dourada. Como se ela não estivesse ali.

Porém essa explicação era muito simples e certinha, bem composta demais para ser verdadeira. Alguma coisa de tia Margarida não devia caber nesse esquadro. De vez em quando aquelas águas paradas se agitavam. Era quando dela se apossava um súbito nervosismo, uma inquietação desmedida. Os olhos faiscavam grandes nas órbitas, ela então piscava muito. E a sua fala, antes apenas agitada e feita de ligeiros arrancos sabiamente dominados, virava uma aflita e angustiosa gagueira. Vovó Naninha ia então preparar um chá de funcho ou de hortelã (podia ser bicha, em menina ela era muito achacada), dava-lhe água com açúcar, Maracujina, mesmo preparado mais forte que o dr. Alcebíades tinha receitado para Zózimo. Mas não era nada que chamasse muito a atenção, nada que os de fora pudessem notar. Apenas quando ela tentava se comunicar e a fala não ajudava. Quando os olhos, mais inquietos que de costume, crescidos pela aflição, procuravam alguma coisa que ela mesma não sabia o que era, estando em lugar nenhum. Aquele choro repentino, sem motivo aparente, que interrompia a janta. Tão aflitivo que nem a fala: um choro engasgado, sem lágrimas.

Por dentro não só a sua língua, toda ela gaguejava. Mas como tia Margarida falava muito pouco, parecia carecer quase nada de comunicação, não se perdia tempo demais com ela, tinha-se a certeza de que num instante aquilo passava.

Sem amor, de indefinida idade, não se sabia ao certo de nenhum namorado seu, ninguém por quem ela tivesse se interessado. Falava-se de um vago doutor, misterioso viajante. Falava-se por romantismo, no fundo ninguém acreditava.

Desde menina ela tinha querido ser velha, conforme dizia vovó Naninha.

E quando na cidade, hospedado na casa do avô, toda noite era aquilo. Alfredo e Zózimo, se em Duas Pontes, nem bem acabavam de jantar estavam na rua. Vovô Tomé botava o chapéu na cabeça, grunhia um boa-noite, ia para

o clube. Vovó Naninha no crochê, tia Margarida jogando paciência ou lendo sempre o mesmo livro, sá Milurde plantada numa banquetta, os olhos perdidos na meditação abobalhada dos velhos, à espera.

Ele se sentava ao lado de tia Margarida, vovó Naninha em frente. De maneira que só podia ver a tia de perfil, só via um lado de tia Margarida. A não ser quando ela completava um jogo e se voltava num meio sorriso de vitória, como se ele a acompanhasse e duvidas de que ela fosse capaz.

Só nessas ocasiões. Antes ela parecia não dar pela presença do sobrinho, contida no perfil severo, na moldura de camafeu. Ele contava com a interrupção na figura hierática de tia Margarida, aquele breve sorriso. Quando ela estava perto de completar um jogo, ele suspendia a leitura, ficava esperando. Não que duvidasse da capacidade de tia Margarida, ela era sábia naquele jogo em que só as mãos pareciam mexer.

Às vezes ele sentia uma ansiedade muito forte, um temor surdo de que ela pudesse completar uma fileira sem se voltar e sorrir. Era uma sensação estranha de morte, como se ele só existisse naqueles breves instantes, como se, ele não existisse, sendo apenas uma figura esfumada no sonho de tia Margarida: ela podia acordar de repente e ele estaria morto. Todo o pensamento de João era feito de magia e medo. Vovó Naninha costumava dizer que não se deve acordar ninguém de repente: pode ser que a pessoa esteja sonhando e a alma, muito longe nas planuras do céu, não tenha tempo de voltar ao corpo adormecido, então a pessoa morria. Essa explicação de vovó Naninha se juntava àquilo que tinha lido não sabia onde, ouvido não sabia de quem, de que o mundo e os homens na verdade não existem, são o sonho de alguém que de repente pode acordar.

Bobagens, dizia João, não sou nenhum menininho para ficar perdendo tempo com essas crendices de vovó Naninha. Mas era impossível não pensar, na espera de que tia Margarida completasse o jogo e sorrisse. Muitas

vezes dizia hoje não vou olhar, vou fingir que não estou vendo, ver o que acontece. Era pior, não conseguia se concentrar na leitura, o pensamento afogado em angústias terríveis, em abismos de medo. Um medo vago, branco, sufocante; um medo ele não sabia de quê. Os olhos cerrados, esperava.

Hoje não ia ceder, quando ela se voltasse sorrindo, o encontraria de cara muda, os olhos fechados. Inútil porém. Mesmo os olhos fechados, ele pressentia, era uma premonição muito forte quando ia chegando a vez dela completar uma fileira. Na hcrinha mesmo ele não agüentava, abria os olhos para receber o sorriso de vitória.

O melhor era aceitar aquilo como uma fatalidade, uma coisa boba que ela fazia, e continuar a sua leitura, olhando de vez em quando para ver se estava na hora de responder ao sorriso de tia Margarida. Senão ele não conseguia ler nunca mais, na aflição daquela luta sigilosa.

Tia Margarida parecia notar a luta de João para não olhar, e como viu que ele se rendia (João achou que ela estava feliz), aumentava a intensidade do sorriso.

No fundo ele gostava daquela muda comunicação. E agora, se ela alguma vez deixasse de sorrir, se sentiria perdido. Assim os dois silenciosamente usavam a ponte daquela semáfora.

Quando tia Margarida não estava jogando paciência, lia. Não eram muitos os livros, uns dois ou três. Mas, encapados com papel azuj, João tinha a impressão de que lia sempre o mesmo livro. Parece que ela tinha medo de sair de um mundo que conhecia de cor e salteado. Aquelas paisagens e figuras tão suas conhecidas, aquelas mesmas aventuras que revisitava incessantemente. Se por acaso lhe dessem um outro livro, uma história cujo fio tivesse de perseguir e adivinhar, o desfecho sendo uma surpresa, tia Margarida ia certamente sentir um grande vazio. Uma angústia

terrível se apossaria dela não parava nunca mais de gaguejar e chorar sem lágrimas, de engolir o seu choro.

Pensou dar outros livros para ela. Fez uma tentativa, o livro era romântico, capaz dela gostar. Tia Margarida, não quer ler este? É muito bonito, disse ele. Não, obrigada, disse ela, gosto mesmo de ler são os meus. Quem sabe não vai gostar? disse ele. Por que não experimenta?

Ela acabou aceitando. Pegou o livro com as duas mãos, foi levando para o quarto, no temeroso cuidado de quem leva um embrulho de ovos ou um recém-nascido. Depois voltou com o livro encapado com o mesmo papel azul dos outros.

Ele ficou fingindo que lia, toda a atenção voltada para ela. Tia Margarida lia vagarosamente, voltava as páginas, parece que não entendia o que estava lendo. Os olhos foram ganhando um brilho duro, um espanto grave. Ela tinha sido carregada dormindo para outra cidade, outro país. Podia de repente acordar num mundo cuja língua, hábitos, cores, cheiros e sons não conhecia.

Depois de demorado esforço para entranhar naquele mundo novo, desistiu. Não consigo, disse ela gaguejando mais do que nunca. De jeito nenhum eu consigo. Vovó Naninha, que raramente prestava atenção ao que tia Margarida fazia, voltou-se ansiosa. Que foi, Margarida? Que que foi, minha filha? Tia Margarida olhou para a mãe, olhou espantada para ele, João era um desconhecido que tinha lhe dito alguma coisa terrível. Levou as mãos ao rosto, tapando os olhos. Os soluços gaguejados, é capaz de que pela primeira vez chorando. Saiu correndo para o quarto.

Antes de ir atrás da filha, vovó Naninha virou-se para ele. Que foi que você fez? Que foi que aconteceu com ela? Nada, disse ele, eu só dei um livro novo para ela. Não sei o que aconteceu. Livro? disse ela. Que livro? João tentou uma explicação, ele mesmo não entendia o que tinha se passado.

Acho que ela estranhou o livro, disse. Vovó Naninha não falou mais nada, foi atender a filha. No fundo João achou que ela o censurava. Tão acostumada com a filha, devia achar muito natural que ela passasse a vida inteira lendo sempre o mesmo livro.

De noite, na casa do avô, como sempre tudo se repetia. Vovó no crochê, vovô já na rua. Tio Alfredo e tio Zózimo, ninguém sabia onde é que andavam; tio Zózimo é capaz de que já perdido no mundo. Sá Milurde cozinhando a sua modorra, sentadinha na banquetta, esperava a hora de acordar da boqueira. Tia Margarida jogava paciência, recomposta na sua mesmice, sem nada para perturbar a paradeza. Os olhos às vezes mansamente boiando, a mão interrompida no meio do caminho por algum pensamento. Esquecida dos outros, de repente sozinha na sala, no meio de uma planície enorme, o horizonte de neblina que só ela vislumbrava. Súbito voltava, olhando assustada para ver se alguém tinha visto, notado os seus olhos boiando nas ondas sonoras e brilhantes do revérbero que dançava no ar, pancadas de ouro e prata de um sino, o ar faiscantemente ondulado - vidro defeituoso, os olhos cheios de lágrimas. No entanto, os olhos secos e embaciados, ela não chorava.

Ele ficava olhando as mãos brancas de tia Margarida, da mesma louça translúcida do rosto. De vez em quando acreditava ter visto um tremor, um repentino arrepio enrugar as águas paradas (nenhum vento, total calma), a superfície lisa de um espelho em que ela se transmutava. A súbita imobilidade, o ausentar-se do mundo, o abandono do próprio corpo, a aura de distância que não era o simples repouso mas alguma coisa inteiramente diversa de quanto ele podia imaginar, tudo isso às vezes lhe dava uma aflição, uma gastura, sufocava.

Ainda agora, quando maquinalmente olhou e foi surpreendido por aquela repentina paradeza de águas mortas. O braço dela estendido,

suspensão no ar, os olhos imóveis.

Sensação de morte, medo sufocante. O terror de que ela estava se distanciando demais dentro do sonho, dobrando dunas e horizontes. A angústia crescia, tia Margarida se fundindo nas brumas, nos confins do tempo. Ninguém reparava no perigo que ela corria, vovó Naninha cochilando, sá Milurde estatelada na sua bobeira. Tudo dependia dele, de repente senhor e dono da vida. Ela se perdendo nos horizontes do sonho, se dissolvendo nas paisagens fugidias, era capaz dela não voltar nunca mais.

Para vencer a angústia e trazê-la de volta ao próprio corpo, ele foi se chegando para junto dela, o joelho procurava alcançar a dureza do corpo. Devagarzinho, cuidadosamente.

A gente não deve nunca acordar ninguém de repente, pode ser que a pessoa esteja sonhando, a alma nas lonjuras do céu não tenha tempo de voltar. Foi se chegando, encontrou finalmente a coxa de tia Margarida. Ela não se mexeu nem um pouco, parecia não reparar. Devia estar mesmo muito longe, custava a voltar.

Ele sentiu de repente ela voltando. O latejar da carne, o repelão estremecendo todo o corpo. O braço estendido, ela agora ia recolhendo vagarosamente a mão trêmula para junto do corpo. Os olhos afogados no vazio foram ganhando brilho, um movimento manso, as pálpebras se mexiam, as pestanas piscavam. Ela cerrou os olhos e ficou respirando fundo, o peito subindo e descendo, as narinas se abrindo e fechando. Tomava posse do corpo, procurava se acostumar.

Depois ela foi abrindo os olhos. A princípio assustados, os olhos miravam as coisas como se vissem pela primeira vez. As coisas tinham uma vida silente e brilhosa, nunca antes reparada. Vindo de longes paragens, ela procurava se acostumar ao mudo e às coisas em redor.

Aliviado mas ainda sob a magia daqueles olhos, João se esquecera de retirar o joelho. Percebeu que estava assim há muito tempo. Ela devia estar sentindo a pressão na coxa mas não se afastava. A fim de tirar a prova, calçou mais. Ela não se afasta, ao contrário - pressiona um pouco. Ele sente o calor da coxa, o corpo vivo e quente, súbito vivo demais. O coração descompassa, sufocado em ondas quentes, ele mal podia respirar. Se contrai, fecha os olhos para só viver o quente, a contração dentro do peito.

Será que aquilo estava mesmo acontecendo? Ele agora se entregava às sensações mais quentes, um prazer violento lhe estremeceu o coração. Será que percebia? Ela estava em si, será que tinha mesmo voltado? Não podia haver dúvida, pelo calor da coxa passando para ele. Queria ter a certeza de que ela estava percebendo, participava.

Tinha medo de que tudo acabasse de repente. bom e temeroso demais. Todo ele tremia, vibrava interiormente.

Ela estava percebendo? Queria ter a certeza. O prazer seria maior, o gozo mais fundo. Prazer e sensação difusa de pecado. Um roupão, um corpo branco molhado. Mistura de cheiros. Alfazema, água-de-colônia, Leite de Rosas. Cheiro quente, grosso, oleoso, penetrante. Cabelos pingando água, seios que eram duas verrumas de dor, ventre túmido. Corpo branco, úmido, recendendo. Cheiro estridente. Roupão solto sobre os ombros, nudez que ele menino de repente surpreendeu.

Aquele corpo branco e nu ressuscitava das sombras, vinha dos confins do tempo. O corpo molhado, dolorosamente branco. O roupão apenas sobre os ombros. O cheiro de carne: quente, oleoso. Mistura de Leite de Rosas e água-decolônia. Aquele outro roupão envolvia o corpo pecaminoso de Teresinha Virado, no bordel da Casa da Ponte.

Teresinha Virado vinha de roupão vermelho, não era de ramagens como ele sonhava...

E de repente, quase no desmaio da dor, aqueles dois roupões se abriam, as duas mulheres se fundiam numa só. Num só medo, num só remorso, numa só dor. Era a mãe no roupão de ramagens de Teresinha Virado, a Casa da Ponte. A mãe saindo do banho diante dos olhos do menino assustado. Na sístole da dor, era miúdo demais, cabia na concha da mão o coração do menino.

Pecava e não podia parar. Precisava ter a certeza, saber se tia Margarida estava percebendo. Será que ela tinha consciência do que estava fazendo? Teria voltado de todo? Para que ele pudesse continuar. Meu Deus, a alma encharcada, todo ele doía. Precisava saber. Ela percebeu: não tinha sido por acaso que ele esquecera o joelho encostado na sua coxa. Olha para ela. Sempre de perfil. Ela fecha os olhos. As narinas dilatadas na respiração quente e apressada. Uma semente de fogo dentro dela. Um tremor surdo e úmido.

A fim de ter a certeza, retira o joelho e fica esperando. Ela imóvel mas viva, quente. Uma semente túmida de vida e calor. Uma flor desabrochando na escuridão noturna de um jardim. Os olhos não mais ausentes, fixos nas cartas. Não viam as cartas, envolvendo-o numa onda de umidade e calor. Ela não ousava fitá-lo, era isso.

Esperava que ela procurasse o seu joelho afastado mas que alcançaria sem grande esforço. Mas ela não vem. Como ela não vem, lentamente vai se aproximando dela. Tocou-a, sente o calor que dela irradia. Ela devia se afastar. Mas ela não se afasta. Pressiona o joelho, agora com a coxa inteira.

Não podia ser engano, ela tinha consciência do que estava fazendo. Mas dentro dele o medo e a dúvida ainda persistiam.

Se afastou para que a certeza fosse maior.

Não podia restar a menor dúvida de que não era uma simples suspeita, fruto do acaso - ela sabia o que estava fazendo. Parado, a iniciativa agora

devia ser dela.

Afastou o joelho, ela é que devia procurá-lo. Não podia sofrer sozinho, precisava dividir a culpa, - aliviar o peso no coração.

Se afastou mais. Ela se mexeu na cadeira, ajeitava o corpo. Sentiu que ela agora o procurava. E não o encontrava, ele se afastando mais e mais. Ela fechou os olhos, as pálpebras trêmulas, ele via nitidamente. com certeza procura encontrá-lo facilmente no escuro.

Num átimo durou demais aquela dúvida, aquela espera. Como ele não vem ao seu encontro, ela pára. Para depois voltar. Desta vez de outra maneira. Não podia haver nenhuma dúvida: ela sabia o que estava fazendo, e queria. E ele sentiu, ouviu mesmo o pé se arrastando debaixo da mesa: a gastura da sola nas tábuas do assoalho seco. O pé procurando. Não se afastou, deixou que ela o encontrasse. E como ela o encontrou, ele se aproxima mais. Deixa que os pés, as pernas, as coxas se encostem.

Os dois corpos se fundiam num só quentume, no mesmo cheiro e calor.

Na noite seguinte ele pensou que o melhor seria não mudar de lugar. Tudo que tivesse de acontecer aconteceria independentemente de sua vontade. Não queria procurá-la, aquilo não devia mais se repetir. Vamos supor que mudasse de lugar, ficasse ao lado de vovó Naninha por exemplo. Tia Margarida podia pensar que ele tinha feito tudo aquilo de ontem propositadamente, agora se arrependia. Já estava decidido a não deixar que aquilo se repetisse. Só se fosse fraco na hora. Melhor mesmo era ficar ao lado de tia Margarida e se conter. Dava a impressão de que nada tinha acontecido ontem. Restaria um vazio dentro dela, tia Margarida ficaria confusa, não ia poder nunca saber com certeza se aquilo tinha mesmo acontecido. Era tão fácil, Deus podia ajudar que tia Margarida ficasse confusa. Aí ela jamais ia poder saber se tinha sonhado, se apenas imaginou,

se alguma coisa realmente aconteceu. Um momento de fraqueza, uma alucinação de tia Margarida. Tão sozinha na vida, coitada.

Ela não esqueceu. Mas como que se arrependia, tinha medo. Parecia que ela desejava deixar em João a mesma incerteza, de maneira que ele não pudesse nunca saber se alguma coisa realmente aconteceu, se apenas imaginou, se tinha sonhado.

E assim nada acontecia, aquilo não mais se repetiu. No silêncio de cada um, sem mesmo a troca de um simples olhar, a palavra não sendo jamais possível, eles fizeram um trato escondido que haveriam de sempre obedecer. Cada um mergulhado no seu livro, João pelo menos esquecia, chegava às vezes a esquecer de todo. Ele sabia que ela não tinha esquecido. Ela evitava agora jogar paciência, não queria ser obrigada, naquele sestro antigo, a sorrir vitoriosa toda vez que completava um jogo. Porque se ela sorrisse, João tinha a certeza de que toda a construção de silêncio iria por terra: ficariam desamparados, e cada um saberia que o outro sabia que tudo tinha acontecido, tudo podia de novo acontecer.

E assim chegaram a um trato, as coisas foram se ajeitando conforme o correr dos dias e o desejo de cada um. Só se falavam o absolutamente necessário, quando impossível ficar sem falar. Só ficavam perto um do outro quando havia mais gente por perto. Quando acontecia se encontrarem sozinhos na sala, na cozinha, na horta, um fugia do outro como se fugisse de uma culpa que se quer esquecida, um pecado terrível que os dois apenas começaram, jamais teriam ousado cometer.

Mais uma vez ele voltava a São Mateus. Voltava à vida sonora e clara, tumultuada e alegre, selvagem, do colégio.

No colégio as coisas se sucediam numa rapidez espantosa: ele crescia. O menino ia ficando para trás, em breve só restaria o homem. Ia ficando para trás com a ligeireza com que correm os postes do telégrafo vistos de uma

janela de trem, engolido pela voiacidade do tempo, enterrado nas brumas. Era difícil distinguir detrás da neblina (sucessivas camadas de névoas e vidros embaciados e lágrimas e sonhos antigos) o perfil daquele menino, a figura esmaecendo dia a dia.

Ele viajava, ia e voltava. Ia e voltava, viajava no espaço e no tempo. O menino ficando cada vez mais longe, ele passando esfuminho, esbatendo o desenho na folha de papel. Tudo corria numa velocidade vertiginosa, o coração miúdo de avelã, num instante era Natal. O trem avançava na claridade da paisagem, no verde do capim gordura, do colonialão, na geometria dos cafezais nas encostas. Aquele jequitibá correndo no meio do pasto, o pontilhão negro. As gavinhas dos arames farpados, as pautas dos fios do telégrafo. As queimadas nos morros. Os boizinhos lá longe encantoados. Os currais e porteiras. Nas porteiras o reclame das Lojas Pernambucanas.

As guaritas, as casas dos ferroviários. As grotas e pontes e rios. A erosão, o vermelho das voçorocas. As cafuas perdidas, meninos nos barrancos, barrigudinhos, nus, os umbigos estofados, as pombinhas à mostra. Um menino de boné xadrez dando adeus para ele na plataforma da estação. O menino que podia ser ele. A janela agora embaciada, o trem fugia agora na noite, o negrume lá fora. Dentro dele o coração, o rolar das rodas percutindo, os trilhos zumbindo na noite. O rosto colado na vidraça, ele sonhava viajando. O menino de boné ia ficando para trás, cada vez mais distante na paisagem, na noite, na memória. Apenas uma sombra, um ponto, mais nada.

De tal maneira se afastava na noite do corpo, ganhava corpo e crescia, que muitas vezes era difícil distinguir naquela sombra de menino lá longe, nos confins do tempo, um pouco dele mesmo, o rapaz em que ele agora se tornava, o homem que ele desejaria ser. Aquele menino carregado de

lembranças, umedecido ainda da placenta familiar de onde viera, incomodava, procurava detê-lo, impedir que ele deixasse o casulo em que durante tanto tempo se alimentara, em direção a um novo corpo, uma nova alma, um novo ser.

E cada dia, cada mês, uma nova marca (um pêlo, uma espinha, um fio de barba) ia assinalando a mudança que dentro dele se processava velozmente (a velocidade do trem etc.). O nariz grosso, o queixo pesado, o inchume dos lábios, o buço, mesmo os olhos agora ganhando um brilho duro e agressivo, de aço, iam alterando, apagando, esfumando os últimos vestígios do menino bonito que ele tinha sido. E a voz que a ele mesmo espantava, de tão grossa, cujo timbre ele não conseguia controlar, que ainda não tinha ganho o seu próprio corpo e volume, e às vezes era motivo de chacota dos mais velhos (diga biscoito, tem horas que eu falo fino, tem horas que eu falo grosso, e riam), que viam nele apenas o frango d'água de pescoço espichado, espinhento e deselegante, que ainda não alcançara a harmonia, o canto, a plenitude do galo: um dos sete jovens que seriam sacrificados pelo touro no labirinto.

De dia era fácil não se lembrar daquele menino, esquecia-o inteiramente. A algazarra, a violência, a selvageria do internato abafava o menino. O menino delicado e sensível que ele tinha sido, ali não podia viver.

Já de noite, depois que seu Gomes apagava a luz do dormitório e dava ordem de silêncio, e aos poucos o sono e a paz caíam no internato; quando ele se revolia na insônia pegajenta, encolhido de frio, ouvindo o vento uivar no descampado lá fora, assobiar nas frinchas das janelas; quando buscava o esquecimento que não vinha e largava o corpo naquele exercício de entrega que ele haveria de fazer a vida inteira para chamar o sono; na escuridão do dormitório, no inverno todas as janelas fechadas, não sabia por onde entrava aquele menino. No escuro não podia ver, apalpar não

adiantava, os sinais da sua grossura e dureza, ele se transformava recuando no tempo, voltava a ser o antigo menino. E a presença daquele menino dentro dele impedia-o de dormir, não encontrava conforto para o corpo cansado e aceso. Não era o menino que ele queria esquecer e sepultar, mas as lembranças que vinham com ele.

E tudo (qualquer coisinha de nada, um cheiro, uma cor, um fiapo de imagem) lhe restituía os dias antigos, as coisas passadas não como realmente tinham acontecido mas acrescentadas, escurecidas, umedecidas, contaminadas por outras lembranças, envenenadas de pecados e sombras durante os dias, os meses e anos que passaram mergulhadas nas águas lodosas do tempo, escondidas nos subterrâneos da memória. E ele não podia deter o rolar sufocante, as águas negras da angústia.

Quando ingressava na zona sombria e pastosa em que é difícil saber se já estamos ou não dormindo, se sonhamos ou apenas lembramos, surgia das sombras aquele vulto branco, aquela nudez fluorescente, aquele corpo feito de quentume e cheiros grossos e estridentes, que ele procurava tapar com o roupão vermelho, e gritava do fundo da lama escorregadia, das areias movediças em que se afundava, Teresinha Virado, ai Teresinha Virado, para ressuscitar (o grito estrangulado na garganta), acordar do pesadelo em que ia se afundando. Porque não era com Teresinha Virado que ele ia agora sonhando, Teresinha Virado era a bóia de salvação. com Teresinha Virado ele podia sonhar todos os seus desejos, todas as suas angústias, todos os seus pecados. E dizia como antigamente, agora e sempre, Teresinha. Salvo momentaneamente do pesadelo, os olhos graças a Deus abertos. E procurava voltar às antigas fantasias, quando ficava dizendo baixinho o nome de Teresinha Virado, que escondia tantas sugestões e promessas. Já mais velho (afinal fazia tanto tempo), não conseguia acionar facilmente a máquina dos sonhos (era moroso e lerdo) que lhe devolveria os cabelos sedosos, o

roupão de cetim lustroso, as ramagens farfalhantes, o cheiro resinoso das mangueiras: ficava frio e vazio, a carne silente, o sexo murcho, nenhum desejo.

Já que não era mais possível retornar aos sonhos e fantasias, às essências noturnas antes fabricadas tão facilmente (como a aranha produz o seu próprio cuspe), à mistura de mito e mulher que em Teresinha Virado (mandalua, choralua à luz de lâmpadas veladas); já que voluntariamente não conseguia retornar à lírica paisagem de desejo e fumaça, àquele corpo que tanto o incendiava, todo ele espuma e desejo (antes dele realmente conhecê-la, quando aquela vez foi com Zito ao bordel da Casa da Ponte), volta-se para a lembrança do que de fato aconteceu: ele ajoelhado aos pés de Teresinha Virado, experimentando-lhe o sapato. E todo ele, para se salvar da massa pastosa do primeiro sonho, se concentrava nas coisas vistas, nas pequeninas coisas que eram o mundo de fora, limpo e luminoso. E se lembrava desarticuladamente: as chinelinhas de pompom cor-de-rosa, a cicatriz em crescente, o joelho redondo, os cabelinhos espetados, as coxas lisas, a meia cor de carne, o sedoso e manso cheiro das coxas quentes e entreabertas, o roupão vermelho...

Já se afundava nas névoas mornas do sono (dormente, esquecido, apagado na macieza das sensações), quando teve, num esforço terrível, num último alento, de voltar à tona: o roupão vermelho envolvia não o corpo de Teresinha Virado mas aquela nudez branca e molhada, os seios como duas verrumas de dor - a mãe saindo do banho.

Se não era possível substituir a imagem nua e dolorosa da mãe nem pelo mito nem pela lembrança real de Teresinha Virado, aceitava como um castigo inevitável, um pecado menor, a lembrança daquela noite na casa de vovô Tomé. E todo ele se entregava às mais quentes sensações, deixava-se

fundir na carne ardente, no quentume cheiroso, na respiração de tia Margarida.

Na lógica terrível dos sonhos ele se salvava e se perdia: era não apenas um dos sete jovens sacrificados pelo touro mas o próprio Minotauro, um touro virgem que mugia solitário no seu negro e sanguinolento labirinto.

Outra vez em "Duas Pontes, na casa de vovô Tomé. Uma noite fria de julho, nas últimas férias que passava em Duas Pontes. Em dezembro, voltando definitivamente de São Mateus, tomaria rumo, deixaria de vez a sua cidade. Era capaz de ir estudar em Belo Horizonte, não tinha ainda decidido. Tudo ia depender de vovô Tomé. O pai em situação cada vez pior, agora João dependia de vovô Tomé em tudo: era ele que pagava os seus estudos, as suas roupas, mesmo dinheiro de bolso era o avô que lhe dava. Sentia às vezes uma certa vergonha de depender tanto assim de vovô Tomé. Quem sabe desistia de estudar, ia para São Paulo procurar emprego? Os rapazes de sua idade saíam agora em grupos para São Paulo. Era raro o que voltava, todos arranjavam colocação, se encaminhavam na vida. Também em Duas Pontes não havia nada para fazer, a cidade sem horizontes sufocava-os. Zito, seu velho amigo e companheiro, tinha sido dos primeiros de sua geração a deixar a cidade. Zito sempre muito atilado.

Por outro lado foi bom ele ter ido embora, ultimamente se sentia muito distante de Zito. Cada vez que voltava de São Mateus a distância aumentava, da última vez mal se falaram. Zito ficou homem muito mais cedo do que ele. Um homem apagado, comum demais, sem nenhum interesse. Estava agora de uma sem-graceza! Gostava de se lembrar de Zito era quando os dois eram meninos. Os passeios pela cidade, pelos matos . O bosta do Tuim sempre rabeando, menino tihoso. Quando viviam o mito do capanga, dos bandidos, de Xambá. O cavalo de Buck Jones se confundia com o Jaú, montaria de Xambá. Os tiros e relâmpagos. As mortes contadas. Quando os dois

inventavam a mulher. Aquela vez que foram juntos à Casa da Ponte. Quando aquela vez Teresinha Virado de roupão.

Noite fria, lá fora o vento farfalhava nas velhas mangueiras do quintal, no abacateiro, no cajueiro esparramado. Era tarde, mais de meia-noite. As luzes da sala apagadas, ouviu quando vovô Tomé chegou. Os pés de vovô Tomé estalando as tábuas secas de assoalho, pisando com cuidado para não acordar ninguém. Coitado de vovô Tomé, tanto sofrimento na vida. Depois que tio Zózimo morreu ele tinha perdido muito, parecia bem mais velho do que era, estava acabado. Os seus compridos silêncios.

Os olhos tristes, parados e perdidos, boiando nas cinzas do tempo. Um rio escuro corria debaixo da ponte de vovô Tomé. Vovô Tomé, aquela confissão que lhe fez um dia. O bisavô Zé Mariano, vovô Tomé e o irmão natural, seu Teodomiro. Um dia gostaria de ser capaz de escrever todas as histórias de sua família. Os casos que ele tinha vivido, os que apenas presenciou, os que ouvira contar. Os casos que ele mesmo inventara, e não sabia mais se tinham ou não acontecido. Para que o mundo de sua infância não ficasse soterrado. Para que tudo - vivência, sensações, lembranças - não se perdesse deglutido pela fome do tempo.

Fazia frio e lá fora ventava. Um vento manso e contínuo. A casa toda apagada, todos com certeza dormindo. A solidão e o silêncio pesavam enormes sobre ele. Se cansara de ler, se cansara do caderno em que de uns tempos para cá dera para escrever. O cinzeiro cheio, de tanto que fumara. A garganta ardendo, a língua grossa, o pigarro.

Olhou com nojo o cinzeiro cheio até às bordas, se arrependeu de ter fumado tanto. com certeza ia passar mal a noite, custaria mais a dormir. Na insônia aquelas lembranças todas, a dor. A luz acesa, sem se dispor a deitar, demorando de pé o mais que podia, ainda era capaz de dominar a angústia e manter a onça de longe.

Deitado no escuro, um outro João parecia nascer de dentro dele. Um João que ele vinha tentando afogar na memória, enterrar na paradeza do tempo, desde aquela sua primeira noite no internato.

Mergulhado nas névoas da lembrança, na imensidão infinita do tempo, na mornidão opaca, na modorra das horas, ele neutro e silencioso, só então reparou que o quarto estava embaciado, o ar pesado demais. Assim, o cinzeiro fedendo a sarro, ia ser difícil respirar, impossível dormir. Abriu a janela, respirava fundo o ar fininho e frio da noite. Tão frio, mas era um friozinho seco, penetrante, gostoso. Cheirava a dama-da-noite. Um cheiro bom de resina de mangueira, de mato, de terra. O canto persistente dos grilos furando de miúdas estreks o silêncio encorpado da noite. A noite pálida coalhada de estrelas, era lua cheia. A lua que nascera vermelhona e escandalosa na boca da noite, agora estava alta no céu: pálida, fria, branca, brilhante, nua, longe demais. A noite clara, a lua cheia, os grilos, cheiros e estrelas.

As mangueiras brilhantes, cobertas da poalha esbranquiçada, o chão pintado de manchas brancas de lua.

Ah, lua, disse ele frio, mais por dizer. Ah, Endemião, disse ele já literário. Respirava o cheiro macio e fino da noite, enchia o peito insaciável de luar e de estrelas.

Uma doce e fria paz descia sobre ele na noite subitamente estagnada. Se sentia miúdo, pequenino demais. Mesmo assim apaziguado, estranhamente feliz. Naquela imensidão de noite estrelada, inundado pela luz alvacenta do luar, gostaria de descansar o coração na mão espalmada de Deus, dissolver-se na luz distante, parada, fria, serena (tudo envolvia a doce brisa macia), serena e eterna de Deus. Aquele Deus de sua infância, que ele agora, na sua desesperada suficiência, na sua insegura e violenta certeza, na sua angústia

de viver, na sua busca, na sua sede nunca satisfeita, na sua fome total, entre lágrimas palmilhando o caminho da dor, do deserto, procurava negar.

O cinzeiro na mão, jogou fora as baganas secas e fedidas. Respirou ainda mais fundo a paradeza da noite de estrelas e lua cheia, a brancura fria, o ar manso e cheiroso.

La caindo sobre ele uma doce paz, o imenso silêncio de cujo oco podia nascer a voz de Deus.

Só então reparou que havia luz em outro quarto da casa. Não era só ele, tia Margarida também estava acordada. Que estaria fazendo tia Margarida àquela hora de noite com a luz acesa, a janela aberta? Ela era tão friorenta e medrosa. Será que não sentia frio, não tinha medo? Ou ela também sentia o ar abafado, irrespirável, a prisão do quarto, precisava da brisa fria da noite? Ela também não podia dormir? Ou dormia de janela aberta, esquecera a luz acesa? Tia Margarida dormindo de luz acesa, descoberta. Esquecido do frio, de que se ela estivesse dormindo estaria toda encolhidinha debaixo das cobertas, começou a vê-la descuidadamente deitada. Os braços abertos, o corpo largado, a camisola arregaçada pelo movimento no sono, as coxas brancas e quentes à mostra. Aquele corpo quente e branco dormindo. O cheiro que deitava fundas raízes no menino. Ele não era um menino, alguma coisa cantou forte dentro dele. Podia surpreendê-la dormindo, não a acordaria. Mesmo dormindo, era capaz dela perceber a sua presença no quarto e acordar. Ela não grita, afoga o susto, finge que ainda continua dormindo, mas ele percebe tudo pelo movimento das pálpebras, pelo pulsar das narinas na respiração apressada. Como aquela vez na mesa da sala, ela deixaria. O peito incendiado, a garganta apertada, mal podia respirar.

E de repente um touro feroz acordou dentro dele. Agora era só narinas respirando apressado. Um touro de chifres vermelhos, saltando, mugindo no labirinto escuro, sanguinolento.

Apagou a luz do quarto, pulou a janela. Foi deslizando pela parede da casa, pisando cuidadosamente, na macieza de um gato, para não fazer nenhum barulho. Vovô Tomé, apesar de dormir tarde, tinha o sono muito leve. Se agachou, prendia a respiração, pisava nas pontas dos pés quando passou pela janela do avô. Na quina da casa parou. Respirava fundo, descansando, como se tivesse dado uma longa corrida. Agora tinha de tomar distância, se afastar do corpo da casa, correr para detrás daquele tronco de mangueira.

Podia ver melhor dali, de frente para a janela acesa. Tinha de fazer tudo muito rápido, ser mais ligeiro e silencioso que um gato, correndo. Para que ela, ninguém pudesse perceber que tinha gente na horta. Deu uma corrida, se agachando, quase de quatro. Era ligeiro e elástico feito um gato, comparou mais uma vez. Mesmo assim cuidou que tivesse feito barulho. Se encostou no tronco da mangueira, respirava em pequenos fôlegos - um cachorrinho bebendo água, o coração batia agitado no peito, na goela. Vovô Tomé podia acordar assustado, abrir a janela, pensando que era ladrão, capanga, bandido empreitado para matá-lo. Os meninos do colégio saltavam o muro para roubar fruta na horta de tio Maximino. Corriam apavorados, o velho esbravejando, a espingarda na mão. Chumbo ou sal, o efeito era quase o mesmo, dizia.

Só que vovô Tomé atirava era com o trabuco de matar até onça. Uma onça miava farejando a lua, os olhos lumeando na escuridão do mato. bom na pontaria, mesmo no escuro, só pelo barulhinho era capaz de acertá-lo. Se encostou no tronco da mangueira, foi se deixando cair devagarinho. Ficou assentado, encolhidinho, protegido pela árvore, à espera.

Assim algum tempo. Até que teve a certeza de que ninguém tinha reparado a sua corrida, voltou a ouvir os grilos. Quando viu que não vinha ninguém, foi se levantando, e protegido pela árvore, pôde ver a janela acesa.

A janela aberta, a luz acesa, ela não aparecia. com certeza dormindo, como tinha primeiro imaginado. Se afastou da mangueira, foi avançando, pé-ante-pé. Por mais cuidado que tomasse, as folhas secas estalavam. Se aparecesse alguém, a janela de vovô Tomé abrindo de repente, estaria perdido a meio caminho entre a mangueira e a janela aberta. Parou, as pernas bambas, trêmulo. Agora tinha medo de avançar ou recuar.

Paralisado, trêmulo, alguma coisa devia acontecer.

Súbito viu: tia Margarida apareceu no quadro iluminado da janela. A camisola de rendas abo toada até o pescoço, as mangas compridas. Toda branca, ela parecia mais branca do que realmente era. Os cabelos compridos, soltos e pretos, lustrosos, brilhavam, caindo em ondas sobre os ombros. Ele fascinado pela aparição diáfana e branca. Ela parecia envolta num halo de luz, uma luz que irradiava dela mesma. Linda, ele achava-a linda. Os olhos enormes, havia nela alguma coisa estranha e misteriosa.

Andava lentamente, descalça certamente. Era como uma figura nascida do fundo da noite, que vinha varando as névoas do sonho. Irreal, como uma Verônica de cabelos soltos numa procissão noturna. Só que ela estava de branco, a cabeça descoberta. Agora de costas. Embora com medo que ela pudesse vê-lo, queria que ela se voltasse.

Ela se voltou, estava no meio do quarto. Agora podia vê-la, os pés descalços como tinha sonhado.

Fascinado pela aparição, se esquecia de tudo. O silêncio se espalhando apagava os grilos, os cheiros, as estrelas. Só os olhos viviam plenamente. E de novo viu que ela era linda, assim de cabelos soltos. Muito mais nova do que na verdade era. Muito mais linda e mais nova do que quando nas suas noites de urutau no internato.

Ele não esperava que mais nada acontecesse. Só aquela visão lhe bastava.

Quando aconteceu. Aconteceu que ela, antes letárgica, começou a se mover. E foi desabotoando a camisola em gestos suavíssimos: primeiro os punhos, depois a gola, o trespasse. Ele fechou os olhos, com medo de ver. Queria ser surpreendido pela visão com que sempre sonhou, que sempre temia. As ramagens de um roupão de cetim, um roupão vermelho, as chinelinhas cor-de-rosa, os cabelos pingando água do banho.

Uma dor verrumava fundo, varando. Tinha medo de abrir os olhos e ver. Os olhos fechados, dentro dele espocavam gritos, foguetes na escuridão. Eram palavras gritadas por bocas vermelhas, de dentro de negros labirintos. Nudez, mistério, brancura, morte! Êxtase, transe, fascínio, agonia, ressurreição! Todo ele eletrizado, à espera de morrer.

Quando abriu os olhos viu que ela, na brancura de sua nudez, explodia iodarem luz, luar. Toda ela nudez e luz: diáfana, pura, leitosa. Ela podia morrer agora, morreria no seu mais alto momento de luz e glória. A nudez que via era maior do que toda nudez que sonhara.

Os braços abertos, a cabeça erguida, ela se dava em espetáculo e agonia. Para quem aquela liturgia de luz e nudez? Aqueles passos que agora eram dança? Os passos de pura música não eram para ele nem para ninguém. Para um deus desconhecido que mera na lua talvez.

Era para a lua que agora dançava, oferecendo os seios brancos e luminosos, o ventre redondo, as coxas firmes e arqueadas, toda ela um arco na mão do deus. O corpo esticado em arco, segurava os seios como se desse leite a alguém. Toda ela um só estremecimento, um só estertor. Feito em gozo, os olhos fechados, parecia balbuciar.

Como se estivesse sendo possuída, flechada. Ela podia desmaiar naquele paroxismo, podia mesmo naquele sacrifício morrer.

Ele sentia um medo tão forte, um estremecimento tão grande, uma dor tão funda, que cuidou também não resistir.

Foi quando, sem perceber, avançou. Os pés bateram numa pedra, caiu. O barulho que fez, ela ouviu. Viu-o. Na cara, nada - o terror branco. Sem poder se afastar, a boca aberta com que procurava articular um grito: ele cuidou ouvir, ela na verdade não gritou. Não se afastou nem se cobriu. Quem teve de fugir foi ele, como se ele é que estivesse nu.

Mas uma vez voltava a Duas Pontes, agora pela última vez.

Tantas vezes fizera aquela viagem de São Mateus a Duas Pontes, do colégio para casa, de casa para o colégio, que conhecia quase de cor e saltado a paisagem e os passos daquele ramal da Mogiana.

Só da primeira vez, quando tinha ido se matricular no admissão é que foi de carro. Naquela época o pai estava bem de vida-(pelo menos aparentava, ou João não percebia), tinha um ford lustroso de que fazia muito gosto e de cujo funcionamento e comodidade contava maravilhas. Foram com seu Almeida mais a filha dele, uma menina meio enjoadinha chamada Antonieta. Aquela primeira viagem que ele às vezes procurava inventariar na memória, só saltando o pedaço mais doloroso, quando lhe jogaram tinta na cama e ele acordou assustado pensando que era sangue (paquete, pacote, os meninos gritavam na brincadeira); aquele primeiro dia era uma coisa tão antiga, tinha ficado tão para trás que era como se tivesse se passado não com ele mas com outro menino, um menino agora morto e enterrado no tempo.

Tanto tempo, as coisas mudaram tanto que era difícil distinguir, na cara refletida no espelho da janela escura do trem varando a noite, alguns traços daquele menino antigo que, cheio de medo, declinou ao diretor do colégio a sua identidade (quando teve de escrever o nome que deveria usar para sempre: pense no nome que vai usar daqui por diante, você não é turco para ficar mudando de nome toda hora, disse o diretor; e ele escreveu, a letra trêmula, João da Fonseca Nogueira), identidade a que ele procuraria se adaptar a vida inteira (para a sua professora particular, para si mesmo, ele

era apenas João, depois daquela primeira vez há muito tempo no colégio é que ficou sendo João da Fonseca Nogueira), na sua busca incessante de uma figura que ele ia montando com a paciência de um relojoeiro, uma imagem a que ele procurava amoldar a própria alma ainda naquele tempo sanguinolenta da placenta do antigo menino.

As coisas mudaram tanto, fazia tanto tempo, ele era tão outro. Às vezes se assustava vendo nos outros as marcas da velhice, como por exemplo ele olhava a mãe, o pai, vovó Naninha, vovô Tomé (coisa que só era possível porque ele não tinha ficado junto deles em Duas Pontes: mudanças que só eram passíveis de observação porque ele ia e vinha de Duas Pontes para São Mateus, de São Mateus para Duas Pontes, na monotonia ferroviária); ou só do tempo e da idade, quando surpreso reparou que também ele envelhecia: ao ver passar por ele, de braço com o marido, grávida, Antonieta, a menina que tinha sido sua companheira naquela primeira viagem, e ela o cumprimentou apenas com a cabeça cerimoniosamente uma senhora bem posta na vida.

As coisas mudavam e o tempo passava não só dentro dele e nos olhos dos outros. Havia várias qualidades de tempo: o tempo presente - o tempo dos outros, que depois ele incorporaria à massa geral informe do tempo e seria transformado no seu próprio tempo quando depois ele procurasse lembrar; o tempo passado - o seu próprio tempo, que vivia uma existência paralela à sua, que ele não podia controlar; o tempo das montanhas e das coisas inanimadas (para nós), móveis e fluidas diante da eternidade, o sem-tempo de Deus. As próprias coisas mudavam, mesmo uma montanha - a coisa que ele podia imaginar de mais parada, na sua paradeza mudava, imperceptivelmente mas mudava. Mesmo que não se note, as coisas mudam, ele achava descobrindo verdade tão corriqueira. Talvez uns olhos onipotentes, uns sentidos mais aguçados e abrangentes possam perceber as

transformações de uma montanha num milhão de anos, no momento exato em que elas se processam, como surpreendemos as mudanças que se passam num átimo de tempo. Não importa que as mudanças tenham se passado num minuto, numa hora, num mês, num milhão de anos; o que importa é o milagre da mudança, dizia ele já naquela época fascinado pelo mistério do tempo, descobrindo o que outros antes dele já tinham descoberto e outros depois dele iriam descobrir, até a consumação dos séculos.

Aquilo não era novidade nenhuma, ele estava era descobrindo a pólvora. Como dizia aquele seu colega místico, é fechando os olhos que se vê Deus, é dentro do maior silêncio que se ouve a Sua voz, se lembrou.

Como não estivesse em Duas Pontes o tempo todo, pôde notar instantaneamente a mudança que tinha se passado em tia Margarida. É capaz de que os outros que ficaram junto dela não tenham notado e só viessem a notar depois de muito tempo, quando procurassem se lembrar ou quando alguém dissesse olha só como ela mudou, só então se reparando. Porque as mudanças de tia Margarida devem ter se passado tão lentamente como muda uma montanha, aos nossos olhos eternamente parada e cujas mudanças só são percebidas pelos olhos de Deus. Era o que ele cuidava, se esquecendo de que tia Margarida podia ter mudado de um dia para o outro e todos terem reparado a sua mudança e não dito nada porque aquilo não tinha muita importância, cada um ocupado com a sua própria vida, as suas próprias mudanças.

O certo é que estava inteiramente mudada. Ela que não era de ir muito à igreja, só aos domingos, mais para acompanhar vovó Naninha, ela que tinha sempre se recusado a entrar para a irmandade das Filhas de Maria conforme a mãe desejava, agora toda noite pegava o véu e o livro de orações, ia para a reza, não mais ficava sentada na sala jogando paciência ou lendo eternamente os mesmos livros que a ele pareciam um só livro.

Mesmo na roupa ela tinha mudado. Sempre de preto, nem mais uma golinha de crochê branca ela usava. Parecia uma viúva, uma dessas viúvas de antigamente. É capaz de que ela nunca tenha tirado o luto pela morte de tio Zózimo, João achava, aquilo não era coisa que se perguntasse na casa de vovô Tomé, sempre cheia de assuntos interditos. Falavam muito de uns missionários franciscanos que passaram por Duas Pontes e cujas pregações tinham conseguido arrastar muita gente para a banda de Deus. Quem sabe não foram eles que provocaram a conversão de tia Margarida? Porque ela estava convertida e mudada.

Tão mudada e serena, ele mal podia acreditar. Os olhos mansos, os gestos calmos, mesmo a gagueira ela parecia ter conseguido dominar. Só uma ou outra vez é que ela falseava a voz. Mesmo assim se recompunha logo, num instante achava o equilíbrio perdido. Conquistou não apenas nos vestidos mas na figura, na voz, nos olhos, uma velhice que ainda não tinha. E era uma figurinha antiga de moça velha que ela retratista compusera. Perto dele então parecia caprichar e aparentava ser muitíssimo mais velha, quando na verdade não era tanto. Ela devia ter conseguido apagar de tal maneira aquelas coisas que tinham se passado com eles, que nem uma vez sequer, nem quando o viu pela primeira vez depois que voltou do colégio, ela se mostrou confusa ou indecisa. Ela era apenas uma sua tia velha.

João não foi logo embora de Duas Pontes conforme tinha pensado. Vovô Tomé pediu-lhe que esperasse mais um pouco, estava passando por alguma dificuldade, acreditava que dentro de uns dois ou três meses, de acordo como corresse as coisas, os negócios que ele esperava, estaria em condições de custear os seus estudos agora na capital. Esperasse pelo menos até a Semana Santa, acreditava que então as coisas já estariam bem encaminhadas, poderia ter alguma certeza...

E veio a Semana Santa. Na Semana Santa vieram de novo os missionários, foram eles que rezaram todos os ofícios e fizeram todos os sermões.

Alguma coisa se passava na casa do avô, que João não conseguia descobrir. Tia Margarida ficava a maior parte do tempo trancada no quarto, só saindo para ir à igreja e acompanhar a liturgia fúnebre da Semana Santa, agora mais caprichada por causa dos franciscanos. A mãe cochichava qualquer coisa com vovó Naninha, quando vovô Tomé se aproximava elas se calavam. Não é possível, a senhora não pode permitir! ele ouviu a mãe dizer. Havia em vovó Naninha uma tal resignação, ele podia ter desconfiado o que estava se passando intramuros. Mas se achava ocupado demais com os seus próprios problemas para cuidar do que se passava com a família.

A procissão passaria pela porta da casa de vovô Tomé. João foi para lá, queria ver se alguma coisa tinha mudado desde os seus tempos de menino. Quando menino, além das matracas, do que ele mais gostava era quando a Verônica subia numa cadeira e cantava em trenós profundíssimos, desenrolando vagarosamente o lenço que ela mostrava para a multidão contrita ajoelhada a seus pés.

Ficou conversando com vovô Tomé na sala, esperava- a procissão passar. Sá Milurde tinha enfeitado as janelas com toalhas de renda e vasos de flores, a casa toda acesa à espera de que a procissão passasse.

Começou a ouvir longe, ainda indistintamente, o canto plangente da Verônica. Chegou até à janela. Lá no alto da rua vinha a procissão, as filas enormes de velas acesas fazendo um calor de luzes na escuridão da noite sem lua.

Quando a procissão foi se aproximando. Venha, vovô Tomé, está vindo, disse. Vovô Tomé chegou para junto dele, apagou o cigarro num vaso.

Embora não fosse religioso, vovô Tomé tinha muito respeito pelas coisas da igreja.

Viram passar o coroinha que abria a procissão carregando o crucifixo coberto de roxo, os primeiros passos da procissão que se arrastava vagarosamente em silêncio: o chape-chapte dos pés, de quando em quando as batidas das matracas, as piedosas mulheres de Jerusalém junto ao andor de Nossa Senhora, as mulheres todas de preto, as cabeças cobertas de véu, os rostos brancos iluminados pela luz das velas, finalmente a Verônica.

Ela não vai cantar aqui, disse vovô Tomé decepcionado vendo a Verônica passar de cabeça baixa, os passos medidos, num silêncio de morte.

Nas casas em frente, quando passou o pátio as pessoas se ajoelharam. Os dois se limitaram a abaixar a cabeça, no respeito.

Depois do pátio era a massa compacta de gente, as pessoas cuja devoção fugia ao comando dos padres, onde tudo se permitia. Era o rabo confuso da procissão.

De repente começou-se a ouvir um sussurro que não era de reza, um vozeio mais continuado. Todos os olhares se voltavam para a casa do avô, para vovô Tomé. Alguma coisa se passava, eles não conseguiam ainda descobrir o que era. Quando o povo foi se afastando, se afastando, deixando uma clareira aberta no meio, é capaz de que para vovô Tomé ver melhor.

E João viu, vovô Tomé viu. No meio do claro aberto, viram tia Margarida. O vestido comprido como uma mortalha, roxo da cabeça aos pés. A cabeça baixa, os olhos postos no chão. Os pés descalços, sujos e feridos, em que ela prendera duas grossas correntes que ia arrastando penosamente.

VII – AS ROUPAS DO HOMEM

Estátua Eqüestre

Eram tempos heróicos aqueles. Ainda se ouviam os ecos facinorosos de cabras reisudos e machões. Quando Indalécio, Zé-Cabritinho, Nenê Cabo Verde, Josino, Arimatéia, muitos outros, mantinham aquela zona em tempo de guerra, espalhando fúria e vingança, desmandos e valentias, alardeavam glória.

Tempos de política braba, de protetores e protegidos, de vinganças prometidas, das mortes contadas, das favas do medo, de gente sumida no oco do mundo, de sangue e rumor negro.

- Não só nos matos, nas estradas e picadas, nas tocaias: na cidade, tarde da noite ou mesmo de dia, escutava-se tiroteio. Ninguém vinha ver, fechavam-se portas e janelas, aquilo não lhes dizia respeito - era a lei do cada um por si e Deus por todos. Apenas se alargavam os ouvidos na escuta, depois é que iam saber, comentava-se.

João até se lembrava de um caso, por causa dos nomes era até gozado. Uma noite o tiroteio demorou mais que de costume. No dia seguinte se soube que o Gato tinha matado o Passarinho. Passarinho emborcado na mesa do jogo, todo ponteado de bala. Apenas dois homens, coisa de pouca ou nenhuma valia. Matava-se por questão de somenos, por qualquer dá-lá-aquela-palha.

Xambá veio depois daquele rosário de outros. Não era de Duas Pontes, vindo de um sertão muito longe: ora diziam que de Paracatu, ora das brenhas

do Rio Doce. Porque ninguém sabia ao certo de onde é que ele tinha mesmo vindo, especulava-se. Como não se sabia para onde ele ia, quando chegava e quando partia. De Xambá só ficavam mesmo as marcas de sangue, as memórias; o rastro luminoso - os crimes, as perversidades, as vinganças. Que a gente ia esquecendo nas brumas e nos sumidos das lembranças, dos ouvi-dizer, dos sussurros, dos casos acrescentados.

Quando a cauda luminosa de sua glória ia se perdendo no negrume dos vazios siderais, de novo vinha Xambá, cometa da torvada infância de João. Era só esticar os ouvidos e ouvir o tropel dos cascos, abrir os olhos e aparecer o cavalo branco, crina ao vento: aquele homão com a sua capa enfunada de chuva e vento.

Foi no Sul de Minas, divisa com São Paulo, que ele escreveu a golpes de faca, tiros e emboscadas, com coragem e alma dura, a sua crônica de valentão. Só o nome que ele carregava

- Xambá, de ressonâncias estranhas apelando para a imaginação, fantasiando histórias negras, arábicas e orientais, só o nome bastava para assinalar a sua pessoa, a sua presença, as suas façanhas.

Era um cabra alto, enorme de grande, monumento de homem. Descomunal mesmo, media quase dois metros, senão mais, exagerava-se. Pardacento, os olhos lumeando baços, sobancelhas de taturana; a boca, talhada a fio de faca, se abria repentinamente no riso claro, os dentes alvacentos, os caninos de ouro brilhando - feitos para alardear riqueza e prosápia; a cabeleira lisa, cheia - nada da carapinha dos mulatos, que ele trazia sempre lustrosa e retinta a poder de babosa. Os olhos rasgados, o nariz grande, bem acepilhado e fino, a cabeleira lisa, faziam dele um pardo desigual, garantiam uma ascendência mais nobre: devia ter uma boa pinta, uma nódoa de sangue bugre, a gente dizia. Para João e os outros meninos, ter

sangue de índio já era um começo de glória, um sinal de força, um certificado de coragem e valentia, arrogância e braveza.

Um pedaço de homem, um tamanhão de força. Espadaúdo, o peito largo, os braços fortes de lenho. Montado: a mão esquerda firme nas rédeas, a direita segurava elegantemente o chicote de cabo de prata que ele de vez em quando estalava na anca do cavalo branco. Um todo rico e retinto, a roupa sempre nova e engomada. O chapelão caído para a nuca, preso pela barbela, quando galopava desabalado para melhor sentir o bafo do vento na cara. O carão fechado, que vez ou outra ele interrompia no riso escancarado, nos gritos guturais, soturnos, feito fosse um índio avançando sobre outros guerreiros.

Assim os meninos (João, a gente) iam fantasiando, criavam um mundo de sonho em volta de Xambá: vivia-se um mito.

Aquela pessoa era demais, estalava no peito de João, um cavaleiro de outras eras, das dobras do passado. A gente se babava de admiração, de respeito, de medo. Não bastasse o feitio do corpo, a catadura feroz, tinha ainda na cara e no pescoço uns lanhos fundos, uns deltas de rio, cicatrizes que historiavam um passado tenebroso, onde um cego antigo podia ler a sua vida como as ciganas lêem a palma da mão. Uma história feita a ponta de faca, a balas raspantes, diziam. Ele tinha o corpo fechado por artes diabólicas, pactos sinistros, sextas-feiras aziagas. Como também diziam que bala podia passar por ele, se alojar mesmo nos seus vazios, que Xambá não ia morrer de bala, desde o começo estava escrito. Histórias desencontradas, acrescentava-se muito a sua fama, se enriquecia a lenda do jagunço. Aqueles outros, Nenê Cabo Verde, Arimatéia, Josino e Indalécio, Zé-Cabritinho, eram apenas profetas e precursores, valiam nada perto de Xambá. Ele não era só coragem e valentia, tinha o corpo a seu favor. O cinturão baixo, a arma que ele trazia bem à mostra, ao primeiro brincar de

mão, no primeiro rabisco do ar, no primeiro silêncio do vento, junto com o primeiro movimento do outro, parceiro-inimigo. Aquele revólver Colt, de cavalinho, legítimo, dos bons, adquirido contavam como, não negava fogo, não mascava espoleta.

Acrescente-se a esse todo uma agilidade felina, a distensão e a curva repentina do gato, o olho vivo, aguçado na mira, e se terá composto a figura de Xambá.

Não de todo. Ele não era só a sua pessoa e fama: Xambá era ele próprio somado ao seu cavalo. Os dois faziam uma só peça inteiriça, um completava o outro. Aquele homem era a continuação daquele cavalo, o Jaú. Um cavalo branco, de crina flamejante, pingando estrelas, num revoar de relinchos e poeira luminosa. Jaú estava sempre mexendo com a cabeça, indócil, abanando o pescoço em movimentos bruscos, experimentando nos dentes os freios do dono, os cascos ferrados cavucando o chão duro.

Na memória de João o cavalo Jaú se casava e se fundia com dois outros cavalos: o cavalo santo de São Jorge guerreiro e lunar, e o cavalo branco de Buck Jones da fita em série. Ele não podia ver um sem se lembrar dos outros. No tropel de suas noites, nas suas noites de menino, os três se dissolviam numa só brancura nas campinas do céu.

Ele ouvia o rufar dos cascos na noite, ouvia tiros e correrias. Era Jaú, era Xambá corrido, o galope desabalado, as balas zunindo, cortando a cidade, trocando tiros.

No dia seguinte a gente ia saber dos estragos.

E ele o transfigurava em bronze - os dois, Xambá mais o cavalo Jaú. Quando Xambá no Largo do Carmo, o cavalo empinado, erguido nas patas traseiras (aquele coração do peitoral, trabalhado em couro e prata, ainda hoje reluzia), o peito largo do cavalo como a proa de um barco que varava as ondas, a silhueta recortada contra o azul limpo do céu, era para João uma

estátua eqüestre. Ele nunca tinha visto uma estátua eqüestre, só em desenho de livro, Duas Pontes era pobre de estátuas, só tinha um busto de bronze no Jardim de Cima. Ele comparava, ele ouvia, ele sem saber anotava para depois, quando mais tarde. De tal maneira que para João, ainda hoje, estátua eqüestre é apenas um atributo da figura compôsita de Xambá e seu cavalo Jaú.

No Largo do Carmo, de tarde, como em tudo quanto é canto do mundo, quando os meninos brincam. Os meninos jogavam malha. As rodela de ferro batiam no chão, levantavam cacos de terra, poeira. Os meninos gritavam, discutiam os tentos, brigavam. Súbito, o rufar de um galope, o relincho de um cavalo detido de repente em cima deles.

Voltou-se, se viu: era Xambá que tinha chegado. O vozeio que se ouviu foi o silêncio cheio de medo, de susto, de pasmo. Os meninos não sabiam o que fazer diante do cavalo sustido nas patas traseiras: diante de Xambá, o corpo caído para trás, subitamente imobilizado num retrato, estátua eqüestre. De novo o movimento, ele dava uns volteios em redor da meninada. Não-se podia mais brincar diante da repentina aparição. De novo parou.

Me dá uma dessas broas, ouviu-se de repente a voz rouca dizer. Os meninos não sabiam o que fazer, parados. Me dá uma rodela, repetiu Xambá. João correu e lhe entregou a rodela de ferro, a mão tremia. Xambá sorriu, puxou um pigarro para limpar a goela, fechou um olho, mirou bem, feito fizesse pontaria não com a malha mas com o revólver. E lançou a rodela no ar. A malha descreveu uma curva e foi bater em cima do taco, derrubando-o.

A meninada gritava assanhada, pedia mais. Ele sorriu vitorioso, puxou as rédeas, sem dizer palavra partiu a galope. O sol reverberava no chão vermelho e o ondeado luminoso do ar, como um espelho defeituoso visto de longe, semelhava um lago estagnado, a pele lisinha, cheio de riscos sonoros.

Xambá cavalgava sobre as águas, corria no horizonte, demandava o deserto.

Depois, muito depois, quando se pôde falar, um disse está fugindo da polícia. Ninguém pega ele, disse outro. Afogado no mistério, no poço de luz, João não ouvia mais nada, os ouvidos zumbiam um enxame de abelhas.

Uma vez (contavam) a polícia tinha conseguido deitar a mão nele. Tomado o revólver. Xambá vinha descendo a rua, o cavalo um pouco mais atrás, puxado pelo cabresto, de cada lado um meganha, rumava para a cadeia. A gente não acreditava, não podia acreditar. Ele de cabeça erguida, olhando para cima. De repente, sem que soubessem como, Xambá deu um pulo pra trás, num átimo estava esganchado em cima do cavalo. Ouviu-se um tiro, outros. Xambá tinha sumido no fim da rua, envolto numa nuvem de poeira. Ainda não nascera o homem para sujigá-lo. Quem vê que levavam para a cadeia aquele cabra fulo!

Depois se contou nova história. Como ele conseguiu outro revólver para enfrentar os soldados no pasto de seu Luquinha. Foi na' farmácia de seu Caetano, na rua de Cima. Saltando do cavalo, ele amarrou a ponta do cabresto na argola do passeio. Seu Caetano ficou pasmo de ver Xambá ali na sua frente, em carne e pessoa. Ele estava sozinho detrás do balcão, olhou espantado pedindo ajuda a um capiau que esperava sentado no banco que a sua receita fosse aviada. O capiau foi tratando de escapulir ligeiro, ia contar lá no Ponto. Xambá pediu um vidro de Elixir de Inhame, pra limpar o sangue, disse ele, e uma latinha de pastilhas Valda pró pigarro. Esticou uma nota graúda nas pontas dos dedos. Seu Caetano serviu o mais rápido que sabia, só queria se ver livre daquele bandido. Quando abriu a gaveta para fazer o troco, viu o revólver Colt ali para uma emergência. Deus querendo, podia ser aquela, pensou. Mas Xambá viu primeiro. Num pulo foi se plantar ao lado de seu Caetano, a ponta da faca desembainhada no avental do

italiano. Me passa pra cá esta bicha, foi dizendo. Não é regalo pra mão de dama, disse caçoando da brancura do farmacêutico.

Foi assim {contava-se) que Xambá arranhou o Colt de cavalinho, especial de bom, que iria cuspir muito fogo, muita morte, mandada ou por puro gosto.

Quando depois perguntavam a seu Caetano como é que tinha sido mesmo a história de Colt, ele ria e contava prosa. Não foi nada daquilo que andavam apregoando. O Xambá tinha sido até muito bem-educado. O que fez foi vender o revólver pra ele. Bem feitas as contas, até que não tinha sido um mau negócio. Um negócio, dizia depois acrescentando, tinha passado uma boa manta em Xambá.

Mas quem é que ia acreditar na versão daquele italiano seu Caetano? A cidade, a gente menino queria, na sua crônica, preferia a outra versão, o caso que o capiau primeiro contou.

Xambá era soberbo quando vinha em visita às mulheres da Casa da Ponte. Saltava apressado do cavalo, o seu fogo não podia esperar. Se tinha um menino por perto, Xambá jogava a ponta do cabresto para ele. O menino tratava de prender o cabresto na argola do passeio. Depois ia contar glorioso que tinha servido de escudeiro para Xambá enquanto ele lá dentro esvaziava os úberes.

Uma vez João viu, ainda se lembrava, como esquecer aquela tarde de tiroteio? Quando ouviu os primeiros tiros, a mãe tratou de ir fechando portas e janelas. Ele saiu correndo para o quarto, trancou a porta para a mãe não vir atrás dele. Subiu na janela e ficou olhando o quintal da casa do coronel Tibúrcio, para ver se via alguma coisa, os tiros vinham de lá. Xambá (soube depois) veio saltando os muros dos quintais, os soldados atirando em cima dele, tentava chegar até a casa do juiz, onde tinha certeza de ser bem tratado, sem o risco de ser limpo do mapa pelos soldados que viviam com gana em

cima dele. Ele errou de quintal, saltou para dentro dos muros do coronel Tibúrcio,' também era uma proteção. Mas aí o cachorrão Trovoada o esperava de boca arreganhada. Os soldados vinham atrás, atiravam para matar. Ele tinha de se livrar dos dentes do cachorro e dos tiros dos soldados. Mas Xambá era leve e ligeiro que nem um gato, saltava para um lado e para o outro, desguiava daqui, pulava dali, se livrando das balas que choviam em cima dele. O corpo fechado, nunca que eles iam acerfâr em Xambá. Ele tentou a porta da cozinha, a porta estava fechada. As balas continuavam espocando, zuniam no ar, o cachorro latindo. Xambá deu um salto de cima da escada, correu para o muro mais perto, pulou para a rua. Os meganhas eram lerdos, profissionais do ofício, não conseguiram pular o muro feito ele, tinham de dar a volta. Ninguém ouvia mais falar de Xambá naquele dia, ele ganhava os caminhos do mundo.

Porém a visão mais sublime de Xambá quem contou foi Zito, ele é que presenciou. Zito estava fazendo hora, embrulhando o tempo, perto da casa do dr. Alcebíades, quando viu Xambá chegando. Ao contrário do de-costume, ele vinha numa marcha vagarosa, o corpo meio bambo na sela, o cavalo é que guiava. Não saltou do cavalo, deixou o corpo ir se derramando de banda. Zito cuidou que Xambá estava bêbado, vinha cambaleando em direção à porta do dr. Alcebíades, se escorava na parede, a mão segurando a barriga que nem fosse vomitar. Não estava bêbedo não, arrematava Zito. Tinha sido é baleado, vinha buscar socorro médico.

Sob a Magia da Dor

Depois de uma ausência de muitos anos, homem feito, João voltava a Duas Pontes.

Uma das primeiras visitas que fez foi ao dr. Alcebíades, médico e amigo de sua família. Lembrava-se dele com carinho, quando longe dali.

Durante as férias, ao voltar do internato, muitas vezes veio bater na sua porta para pedir livro emprestado. O dr. Alcebíades tinha umas três estantes de livros de literatura e foi ali que João fez a sua iniciação, quando lhe despertou o desejo de ler. Os livros eram escolhidos, revelavam mesmo um certo gosto, bem de acordo com sua figura magra e compassada, com os seus gestos parcos e delicados, com a sua fala mansa. Como os livros eram raros em Duas Pontes, ou por razões particulares, o médico guardava-os com muito zelo, não era a qualquer um que ele emprestava as suas preciosidades. Trocava empréstimo com o juiz ou um outro mais chegado.

Livro emprestado é livro roubado ou estragado, sentenciava ele brincando, que era a sua maneira delicada de lembrar que os livros deviam voltar limpos e bem cuidados.

Era um homem meticoloso e sério, cuidava muito da sua aparência. A barba bem escanhoada, as unhas aparadas com capricho, os óculos de aros de metal sempre brilhantes.

De vez em quando, para limpar uma sujeirinha que só ele via, tirava os óculos, embaciava de sopro, limpava demoradamente no lenço de linho. Os olhos miúdos, quando sem lentes, davam em João uma sensação esquisita: era como se de repente, não sabia por quê, o dr. Alcebíades pudesse chorar. Nunca acontecia aquela lágrima, era mais uma cisma.

O Dr. Alcebíades emprestava um livro de cada vez. Às vezes João tinha vontade de levar mais um outro. Quem sabe, dizia ele sondando o terreno, eu não podia, aquele Machado de Assis? Não, dizia sorrindo o dr. Alcebíades, você fez questão de levar aquele volume dos Sermões do Vieira e ainda não trouxe de volta. Eu bem que avisei que era leitura pesada, para gostar de Vieira é preciso ler muito primeiro. Você insistiu, agora agüente. Tem de ler

o livro inteirinho, é o seu castigo. E 'o dr. Alcebíades ria do menino que na verdade tinha pedido o livro mais para mostrar importância.

A casa do dr. Alcebíades tinha duas entradas: a da rua de Cima, da família, e a da rua do Buracão, do consultório. João batia na porta do consultório, não gostava da conversa de dona Letícia, que vivia sabatinando-o sobre os seus deveres religiosos. Tinha corrido na cidade a notícia de que João perdera a fé e se recusava a ir à missa, para grande tristeza de sua mãe, coitada. O livro debaixo do braço e a ausência de fé, o menino se julgava uma figura muito importante aos olhos dos mais velhos.

Agora João estava de novo diante da porta do consultório. Custou a bater, temendo interromper a conversa de um médico e um menino lá dentro faz muitos anos João sorriu diante da lembrança daquele menino. Era a mão do menino ou a mão do homem que ia bater agora naquela porta, ele se indagava.

João bateu e esperou. Veio a empregada, mandou ele entrar para a sala de espera, perguntou quem que ela devia anunciar. Diga ao doutor que é o João, filho do finado Tónico Nogueira, neto de seu Tomé, disse ele remedando o tio que assim o apresentava às pessoas.

A julgar pela sala de espera, nada parecia ter mudado na casa do dr. Alcebíades. A parede cinza, a gravura de Pasteur dando injeção num menino (devia ser a mesma de quando menino ele olhava espantado, depois mais crescido enquanto esperava entediado que o dr. Alcebíades pudesse atendê-lo e lhe emprestasse alguns livros, devia ser a mesma gravura, de tão desbotada, de tão velha, ou ele depois mudou para uma outra igualzinha, será que uma gravura dura tanto tempo assim? ou será que não era a mesma gravura, ele estava fazendo confusão?), o tapete de linóleo estragado nos cantos. A porta de vidro fosco onde ele esperava (antes e agora, diversas ansiedades) ver surgir a sombra do dr. Alcebíades.

Não custou muito e o velho apareceu. Recebeu-o carinhosamente, puxou-o para o consultório, permitiu-se mesmo uma brincadeira. Você desta vez pode levar toda a minha coleção de Vieira, já está maduro. E como João risse muito daquela lembrança, o velho recuou um pouco. É, são velharias, disse, não se lê mais disso hoje-em-dia, não é? João disse que não, ele estava rindo era daquele menino que queria se fazer de importante pedindo os Sermões do padre Antônio Vieira.

E então os dois riram muito, se lembraram de várias outras coisas. E passaram a tarde inteirinha rememorando Duas Pontes iantigamente: as boas histórias e as histórias tristes. E a tarde se encheu de sombras e de lembranças, de gotas de óleo pingando. E as histórias, boas e alegres e tristes, à luz da distância, na sombra da tarde, perdiam o brilho, ganhavam a lucidez dos fantasmas, o tom cinza esbranquiçado, tinham o mofo das coisas velhas. O velho limpando meticuloso os óculos, será que ele agora chorava? ou era ilusão do tempo, da' lembrança, do coração?

Muito tempo, não é? disse uma hora o dr. Alcebiades de novo de óculos, de novo recomposto, voltado do tempo, aqui e agora. Quanto tempo desde que você partiu de vez? O menino ia e voltava, ia de novo e voltava, até que se foi de vez. Vendo a velhice, a devastação, o trabalho do tempo no rosto enrugado, na cabeça branca, João disse mais de vinte anos. Os dois ficaram um momento em suspenso ouvindo o silêncio, ouvindo o trabalho de uma aranha meticulosa, as batidas de uma pêndula invisível.

Depois continuaram a conversar e a conversa mansa e morna parecia não ter mais fim, de tão boa. De propósito João foi resvalando a conversa para os jagunços daquele tempo. O senhor uma vez atendeu Xambá, não foi? Parece que ele veio baleado pedir socorro na sua porta...

Em silêncio o velho arrebanhava as formigas, juntava as lembranças. Tirou os óculos, limpou-os de novo demoradamente no lenço, e João" cuidou

ver, agora de verdade, nos olhos miúdos um comecinho de lágrima, aquele temor do menino.

Era uma gente danada de braba aquela, começou o dr. Alcebíades. A cidade não achava sossego, eles viviam espalhando baderna. Algum dia aquilo tinha de ter um paradeiro, não era mais possível aquelas mortes todas. A cidade em polvorosa, só se falava "em jagunço e capanga, em mandar matar e ser morto, feito isso fosse uma distração.

Hoje querem botar toda a culpa no coronel Tibúrcio, mas não foi ele que começou.

É verdade que o velho tinha mania de jagunço, capanga, bate-pau, essas gentes. Era um feitio dele. De gênio duro e arreliado, gostava não só do mando mas das fumaças do mando. A sua casa na cidade vivia cheia de trabucos, de homens armados, feito ele estivesse esperando uma guerra. Açoitava jagunço na sua fazenda, mesmo os da banda de lá, de São Paulo. Aquele homem não devia dormir direito. Mas não foi ele que inaugurou esses costumes, a coisa vinha de muito antes. Ele apenas continuou a tradição do mando e da mão pesada.

Eu só conheci Xambá, dos outros não posso falar. Quem com eles tratou tem uma visão bem diferente da sua, é capaz de mais próximo da verdade, não sei. Dizem que eles só tinham vez, só espalhavam prosápia e valentia por causa da proteção de cima. Tirassem a proteção e o trabuco da mão daquela gente, só deixassem a faca, aí é que eu queria ver valentia. Arma branca é o diabo, demanda muita coragem, com trabuco e proteção não é tanta vantagem.

Da pessoa de Xambá eu posso falar. Das suas proezas não, que essas eu só sabia de ouvir dizer, como toda gente. Só que não eram assim tão coloridas e farfalhantes, tão heróicas e tenebrosas feito você pintou. Só posso dar o testemunho do caso que comigo se passou. Você vai juntando

essas histórias, depois tira a limpo. É capaz de não valer a pena, o que resta é apenas fumaça, desilusão. Mas de um homem sempre alguma coisa fica, quando nada nas lembranças, esperando a ressurreição. Feito dizem: Deus é que sabe por inteiro o risco do bordado.

Quando o caso se passou, eu só conhecia Xambá de vista. Via ele passar pela minha porta no seu cavalo, sempre galopando apressado. Era mesmo, um homem enorme de grande, não era a sua vista de menino que fazia ele crescer. Um mulatão sarado, de catadura feroz. Tinha uns lanhos na cara, no pescoço, que depois eu pude reparar melhor.

A primeira, a única, a última vez que eu vi Xambá de perto foi aquela vez. Eu estava aqui sozinho no meu consultório. Tinha atendido o último cliente, lia um livro qualquer para esperar a janta, era de tarde. De vez em quando eu levantava os olhos do livro, esperando ver surgir Letícia para me chamar. Numa dessas Vezes eu vi uma sombra grandona detrás daquela porta de vidro. A sombra não se mexia, um homem meio encurvado, mulher não podia ser. Esperei que ele batesse. Ele deu uma pancada ligeira no vidro, com os nós dos dedos. Não me levantei da cadeira, tendo passado o trinco na porta. Ele batia de novo agora mais forte. Gritei quem é? ele não respondeu. Agora batia com força, em tempo de me quebrar o vidro. Não tive jeito senão me levantar e ir abrir a porta.

Vi então que era Xambá. Sem pedir licença ele foi entrando, jogou o chapelão ali em cima. Sem modos, abrutalhado, como se eu tivesse obrigação de atender qualquer um que fosse entrando. Ia lhe chamar a atenção, não admitia aquilo no meu consultório, quando vi que ele estava meio encurvado, a mão segurando a barriga, tinha as calças manchadas de sangue. Mesmo encurvado, fazia um figurão de homem. Eu era um nanico perto dele. O rosto contraído, um olho fechado, ele estava sentindo muita

dor. E esta agora, foi o que primeiro pensei, já via de longe as complicações.

Eu ia atender Xambá, não tinha outro jeito, era a minha obrigação. Mande ele tirar a roupa, eu passava de novo o trinco na porta, devagar, dando tempo a ele. Quando me voltei, vi que tinha tirado só o casaco. Mande ele tirar a camisa, a calça, tudo. E ponha isto aqui sobre a mesa, eu disse apontando o revólver no cinturão.

Ele me olhou meio ressabiado, não queria se separar da arma, talvez com medo do que pudesse acontecer. Não precisa ter medo, disse eu já refeito do susto daquela repentina aparição. O senhor não vai carecer de revólver. Depois, não vem ninguém aqui, eles me respeitam. Eu sou médico, não sou delegado, em mim o senhor pode confiar. Calado, ele ainda relutava em se desfazer da arma. Bem, disse eu, se o senhor não quer, pode ir andando, que eu não vou atender ninguém assim vestido, com revólver na cintura ainda por cima. Ele desapertou o cinturão e em vez de pôr a arma sobre a mesa, como eu lhe pedira, me entregou o revólver. O revólver na mão, olhei bem para ele. Na cara pálida, os lanhos e cicatrizes eram mais vivos. O olho parecia dizer que ele confiava em mim.

Pus o revólver em cima da mesa e disse ele fica aqui bem pertinho de você. Sorri, e ele, talvez por causa da dor, não respondeu. Ia desabotoando a camisa, a calça, ficou pelado na minha frente. Que tamanho de homem! Piloso. Que musculatura! Só então reparei no sangue que escorria novo pela perna esquerda. Ele não tirava a mão do ferimento, devia estar sofrendo muito. Olhava para mim, perguntando com os olhos o que é que eu ia fazer. Fui lavar as mãos, e enquanto eu me ensaboava via ele no espelho: encurvado, se contorcendo.

Me voltei para ele e disse agora vamos ver o que se pode fazer. Mande que se deitasse na mesa de ferro, ele recusou a minha ajuda para subir.

Deitado de costas, fechou os olhos, relaxou os músculos, respirava fundo.

Vi o ferimento no pé do ventre, junto da virilha. Um ferimento danado de feio. Fiquei assustado. Fui com cuidado apertando aqui e ali, o sangue esguichando. Precisava agir depressa, não era coisa de esperar, o homem já tinha perdido muito sangue. Nas primeiras apalpadelas vi que o ferimento era profundo, a bala ainda estava entranhada.

Não ia ser um curativo à-toa, ele carecia de uma intervenção, de uma cirurgia. Aqui no consultório não era possível, precisava de alguém para me ajudar, de ferros especiais, de uma autoclave, de uma assepsia correta. Era uma loucura tentar fazer qualquer coisa aqui no consultório. O jeito era levar ele para a Santa Casa. Foi o que tentei explicar. Ele não concordou, queria que eu fizesse o serviço aqui mesmo. Está maluco, eu perguntei. Levo o senhor de carro, está debaixo da minha proteção, pode ficar descansado. Ele não concordava, não iria de jeito nenhum, eu tinha de atender ele aqui mesmo. Se eu não estava querendo, bem, era outro caso, ele ia embora pra morrer no Buracão, foi o que disse. Enfrentava a polícia a bala, não se entregava assim de mão beijada.

Eu quis reagir, fazer valer a minha autoridade de médico. Tudo inútil, ele não se convencia. Eu já estava disposto a fazer o serviço aqui mesmo, correndo todos os riscos. Era o único jeito de não deixar ele sem qualquer socorro, ia ver o que podia fazer. Mas ainda tentei dizer que ele não suportaria a dor, eu não tinha recursos para fazer uma boa anestesia. Ele ia chiar de dor, não agüentava. Eu agüento, doutor, foi o que ele falou, pode começar. Como eu me mostrasse incrédulo, ele disse já agüentei pior, a gente experimenta, não custa nada tentar. Ele ia chiar de dor, eu era capaz de apostar que aquele homem não agüentava nem a metade do que eu ia fazer.

Apliquei umas duas injeções no local, as mais fortes que eu tinha no momento. Mesmo assim ele não ia suportar, eu pensava. Embebi um algodão

de éter, dei para ele cheirar, queria deixar ele tonto. Ele cheirou um pouco, disse que aquilo embrulhava o estômago, jogou o algodão fora, disse que a coisa tinha de ser feita mesmo a seco.

Eu não sabia o que fazer, nunca tinha tratado de ninguém naquelas condições, era uma loucura. Fazer uma intervenção em alguém se contorcendo de dor é a coisa mais arriscada e difícil, dá nos nervos da gente. Mas já que aquele homem, conforme me dizia, se julgava capaz de suportar a maior dor, por que eu não podia dominar os meus nervos?

Foi então que: alguma coisa estranha se passou comigo, não sei como explicar. Uma espécie de perversidade. É o único nome que posso achar para aquilo que experimentei naquele momento. Eu queria ver até onde aquele homem tão macho como se dizia, tão forte e corajoso, agüentava dor. Vef até onde eu suportava o sofrimento alheio, eu que às vezes sou de natural delicado. Estranho, não é, na minha profissão? Pois é, eu queria era testar os meus nervos, ver como se comportavam as minhas mãos.

Era como se eu tivesse um outro dentro de mim, falando por mim, agindo por mim. Então eu disse mais para experimentar o homem, aquela perversidade de que eu falei.

Eu disse tem mais, não pode se mexer, tem de agüentar firme nos arreios, seu moço! Agora é que eu quero ver se macheza é coisa para toda hora ou se é roupa só de domingo. Eu não precisava ter dito aquilo. Ele não disse nada, meio que sorriu debaixo da carranca de dor. Eu ia lutar com ele, eu ia lutar contra os meus nervos, ele contra a sua dor. Ia se ver quem era capaz de levar mais longe o desafio. Uma aposta terrível que a gente mudamente se fazia.

Não sei quanto tempo a coisa durou, a gente nessas horas não pensa no tempo. Só sei que a minha mulher veio me chamar para a janta, eu gritei qualquer coisa para ela. Acendi todas as lâmpadas, carecia de muita luz.

E a coisa começou. Não posso descrever tudo o que se passou porque eu não me lembro direito, só inventando, seria fácil, mas eu quero ser verdadeiro. Eu agia que nem um autômato. Era como eu disse - feito tivesse algum outro dentro de mim, um duplo que até então eu não conhecia.

Eu pensava era nas femurais. Mas as femurais dependiam era de mim, de minhas mãos, da mansa coragem de meus dedos, do gato dentro de mim. No que eu pensava mesmo afincado era numa coisa: na infecção, no peritônio, A palavra me zunia nos ouvidos, vibrava nos tímpanos, como as batidas de um ferreiro, uma araponga. Era de fora que a palavra vinha, não de dentro de mim. Feito alguém gritando peritônio, peritônio, peritônio. Eu tinha medo que chegassem e me ouvissem gritar. No entanto eu não gritava, era mais silencioso e agudo do que nunca, tinha uma habilidade guardada no corpo que eu mesmo ignorava, uma força que me nascia naquele momento.

E então a coisa começou. E fui limpando o campo e fui pegando o bisturi e fiz a primeira incisão na pele e fui secando e fui sulcando e secando e fui seccionando e fui tamponando e fui abrindo e fui golpeando e fui pinçando e fui limpando e fui indo e fui cortando mais fundo e minhas mãos pensando nas femurais (não mais eu) e eu fui chegando e fui achando e fui retirando a bala...

E eu não gritei, não gritava. Ele também não dava um grito. Era incrível que aquele homem não gritasse, não gemesse, não chorasse rasgado. O mais que ele fazia era rilhar os dentes, mordida as mãos, Dei um pedaço de pano para ele morder, aquele rilhar de dentes me dava gastura. Nunca na minha vida eu vi nem vou ver uma capacidade de sofrer calado, de agüentar a dor feito aquela. Um líquido corria de seus olhos. Eu não podia chamar aquilo de lágrima, lágrima vem é da alma, do psíquico feito se diz. Era um líquido, uma secreção natural, alguma coisa meramente fisiológica. Na verdade não se pode chamar aquilo de lágrima. Ele não chorava, não soltava um gemido.

Eu só ouvia um ronco surdo que ele procurava abafar no peito, o pescoço dilatado no esforço desumano de suportar a dor e ainda por cima não se mexer. Mexer ele sempre se mexia um pouco, mas nem a metade do que era de supor. E eu vi um líquido escorrer pelas suas pernas, uma urina fétida. Mas não era um jorro, gota a gota ele mijava.

Aquele homem me vencia, aquele homem ia me vencer. Eu me vencia, trabalhava maquinalmente, as minhas mãos não me pertenciam. E por mais que eu me vencesse, aquele homem me venceria. Eu estava dividido, por mais vitorioso que eu ia me achando. E sentia em tudo aquilo uma estranha alegria, uma feroz alegria, uma alegria de cavalo selvagem solto no pasto.

E eu fui voltando e fui tamponando e fui ligando e secando e fui ponteando e fui limpando e fui costurando e fui secando e fui juntando os lábios da ferida e fui suturando e fui desinfetando e fui me afastando...

E quando tudo acabou, eu olhei para o homem. Ele derreado, parecia descontraído. Quando olhei as pernas, vi que davam uns repelões, feito aquelas rãs eletrizadas de que falam os livros de física. Ele estava alagado de suor, um suor malcheiroso que até hoje de vez em quando agora eu sinto no nariz. Eu também estava molhado, nunca tinha visto aquilo, nunca tinha vivido sensações tão fortes, não sabia até que ponto um homem pode se superar sob a magia da dor. Até que ponto se pode agüentar uma dor, até onde chega a verruma da dor. Aquele homem não era um homem, era um bicho. Não, não era um bicho, um bicho se encrespa, refuga. Aquele homem era um demônio?

Um cavalo não é capaz de ser outra coisa além de um cavalo, não vai depois do seu corpo. Aquele homem era desumano, é só o que eu posso dizer.

João olhou para o dr. Alcebíades e viu que as mãos tremiam, a testa porejava suor. Ele não sabia o que dizer, esperava que o dr. Alcebíades

acabasse a sua história.

Lavei as mãos, continuava o dr. Alcebíades. Você fica aí quanto queira, disse eu para Xambá. Quando se sentir com força para andar, pode sair, vou deixar a porta da rua encostada. Se não puder andar, que é o que eu acho que vai acontecer, grite por mim, que eu vou estudar um jeito de levar você embora daqui. Eu pactuava com ele, não podia deixar aquele homem ser preso de jeito nenhum. De qualquer maneira, fique descansado, eu disse, aqui não vem ninguém. vou apagar a luz, depois se quiser você acende. E quando eu esperava dele finalmente um suspiro, uma palavra de dor, ouvi de sua boca pastosa - quanto foi o serviço? Nada, disse eu, já estou pago. Não sei se ele me entendeu.

De novo o silencio caiu entre João e o médico. E, sem saber por quê, o menino dentro de João ia juntando numa só imagem as figuras nevoentas de tia Margarida, de tio Zózimo, de vovô Tomé, de tio Maximino... - estrelas formando a Constelação da Dor.

É estranho o homem, não é? era só o que agora sabia dizer o dr. Alcebíades.

E os dois ficaram muito tempo calados, os olhos no chão, na boca o gosto da dor.

O Chicote de Prata

Visão de menino é assim mesmo, disse tio Alfredo quando João lhe contou como ele menino via Xambá. Não digo que menino não veja as coisas direito. São as névoas nos olhos, feito você diz.

É que menino vê muito, vê até demais da conta. Só que vê de través, junta o que sentiu e as coisas que aconteceram mesmo. Visão de menino é

que nem visão de santo, tem lume nas bordas, pinga estrelas. Olho de menino vive cheio de neblina, depois com o tempo clareia, ou se apaga, não sei. Depois a gente vê melhor, melhor não digo, vê diferente, a força de antes vai minguando no escorrer do tempo. Tudo em menino é girândola, grito, susto, foguetório, brumado de sonho.

Pois é, eu não era menino naquele tempo mas homem feito. E eu não vivia muito pra ver, vivia mais era pra viver. Na verdade eu era uma ventania. Tem horas que até penso que se estou vivo é de milagre, vivo da graça de Deus, tanto eu andava de juízo desramanjado, tanto parafuso solto eu tinha na cabeça, tanta doideira eu fazia, em tempo de encurtar os dias de vida de meu pai, não bastasse Zózimo.

Eu tinha parado de estudar, ficado no meio do curso de agronomia que vinha fazendo em Viçosa. Meu pai é que sofria por mim, feito sofreu a vida inteira por Zózimo, nem é bom falar de Zózimo. Minha mãe vivia chorando pelos cantos, de frente ela bancava a fortona - ainda curto a dor de seus olhos no meu peito, os olhos vermelhos do choro que ela procurava esconder. com Zózimo a coisa era pior, chegava às raias da maluqueira. Vamos deixar o Zózimo na paz que ele encontrou, a história de

Zózimo você já sabe.

Eu via de longe minha mãe chorando, sentia na pele o silêncio do velho, eu sabia o que estava fazendo, não fazia nada de certo, mas cadê jeito de emendar? cada vez me afundava mais no sumidouro. Depois é que me formei, fui buscar o meu canudo em Viçosa. Quando a doideira acabou quase de chofre um dia. Depois é que me casei, fui amansando, virei homem sério e cumpridor, fui ficando assim conforme era do gosto de meu pai.

Eu era um vagabundo, filho de pai fazendeiro, qualquer diafeira pra mim era dia santo, domingo todo dia. Vivia nas estrepolias, nos desmandos, no sem-o-que-fazer.

Minha vida era jogar bilhar e carteadado no clube, beber cachaça, limpar a goela com cerveja nas cantorias de viola, nos bailes do pessoal miúdo, da negralhada, da mocorongada. Aonde tinha função eu levava a minha pessoa folgazona. E eu falava e vivia era safadeza só, peruando mulher dos outros, em tempo de levar chumbo. O volume do revólver à mostra, eu desacatava, no desfastio eu afrontava. Vivia jogando a minha vida por nada, não dava valor nenhum ao sopro de alma que Deus me deu.

Pra você ver, um dia cheguei a pular dentro do picadeiro de um circo de tourada, em tempo de ter os vazios furados por chifre de boi. Tudo pra colher louvação, eu besta achava que mesmo os reparos dos mais velhos eram louvação. Cheguei a trocar tiros com valentões, tinha praça de corajoso. Afrontei Xambá, ou melhor falando - fiz por onde eu quase que tivesse de enfrentar Xambá. Porque ficar presenciando Xambá sem se afastar quando ele chegava, já era uma afronta. Tal o respeito, o cronicão, a legislação de valentia que ele espalhava.

Quando eu não estava nas vadiagens de rua, estava na Casa da Ponte, metido com rapariga, no gozo bom da sem-vergonheira. Costumava fazer matinê, feito a gente dizia lá em Viçosa. De prosa mole com elas, nas conversas safadas, nas risadas, no morninho bom da tarde, naquela preguiça que a gente vai dilatando feito estica por uns dias a coceirinha de bicho-de-pé, enquanto não empustema.

A coisa foi de tal monta que eu me enrabichei pela Felícia, cheguei mesmo a querer me amadrinhar com ela. Tirava ela dali, me amancebava, botava ela teúda e manteúda feito se diz. Só não fiz a burrada, não fui pró brejo, porque foi o que aconteceu.

Quando Xambá vinha desaguar na Casa da Ponte, quem estava na sala ia tratando de dar o pira, pegava uma mulher qualquer mesmo sem apetite, ia com ela, ou tomava o rumo da rua. Só eu ficava na sala conversando com

quem eu estava conversando quando ele chegou. Não queria apresentar medo, eu tinha uma fama, um nome a zelar. Eu me fingia à vontade, esticava as pernas, fazia um cigarrinho, pitava em compridas baforadas, ficava olhando pra ele detrás da fumaça. É verdade que eu não chegava ao ponto do olhar afrontoso, era mais um jeito de quem quer parecer natural no seu canto, pronto a retrucar em caso de ataque. As mulheres recolhiam a fala, engoliam o riso, os olhos esbugalhados. Só a que estava ao meu lado quando ele entrou é que continuava a me dar atenção, obedecendo o mando dos meus olhos.

Xambá não tinha mulher cativa, cada dia era uma. Fazia um sinal com a cabeça e sem dizer nada pegava a escolhida. Até que um dia ele foi se engrajar logo com a Felícia! Eu devia resolver, toda hora eu vivia só com aquele pensamento dizendo que eu tinha de resolver se era homem, já e agora. Cheguei a tocar no assunto com a Felícia, pra ver se resolvia a coisa sem carecer da prova dos nove da macheza, eu ficava às vezes meio ponderado, acho que era o meu anjo da guarda. Tirava ela de lá, montava casa- pra ela, ela sempre topava. Mas feito eu, ele não queria saber de outra mulher, pelas artes que ela sabia fazer, pelo quentinho de sua fala dengosa. Ela dizia que gostava era de mim, ia com Xambá mais por causa de que tinha medo dele, eu também não resolvia coisa nenhuma, homem-família, ela falava me lembrando nas entrelinhas o prometido, a nossa amigação que eu ia adiando. Quando uma vez eu disse vai ser é agora, amanhã mesmo você sai daqui, ela disse não, deixa pra depois, quando ele rumar pró sertão dele, não quero que a minha vida com você comece manchada de sangue. Eu sei que você enfrenta ele por causa de mim, mas espera, meu bem, não é nenhuma sangria desatada.

O gozado é que eu vivia estofando o peito de orgulho e ele respeitava o meu silêncio posudo, cada vez mais arrojado, a minha primazia. Xambá

chegando, se eu estava entretido de prosa com ela, ele olhava pra Felícia, depois pra mim, rodava nos cascos, ia embora. Eu achava esquisito aquele arrepio, por dentro me babava dizendo que era respeito de mim. Apesar de que todo dia eu vivia achando que a minha hora tinha chegado. É hoje, eu dizia a mim mesmo calado, a mão conferindo o formato do revólver na cintura. Felícia me espiava apalpar o trabuco, meio que sorria. Meu prazer, meu orgulho valia por um gozo em riba dela. Assim feito de longe, um sem tocar no outro, a gente fazia, ele de permeio. Eu chegava a ficar tinindo, em ponto de bala. Hoje eu não tenho mais dessas bobagens de macheza, sou um homem no meu natural, posso dizer - eu tinha era medo, medo- escondido mas medo, apesar da ventania toda que eu soprava. Um medo enterrado dentro do porão do peito, debaixo da penúltima escama da alma.

Eu vivia no fio da faca, brincava com fogo. Bem que dizem o capeta tenta e a faca entra. Muitas vezes era tão forte a chamada do abismo que eu tinha uma gana meio suicida de acabar com aquilo de vez, de olhar pra ele com os olhos da afronta. Não cheguei até esse ponto, fui até na beiradinha, quase ali no grito. Foi Deus que não quis, meu anjo da guarda trabalhava por mim na moita.

Por falas de Felícia, que tinha a sabedoria de fêmea acomodando as coisas (ela não falava cem um no nome do outro), eu e ele ficamos sabendo que a gente devia se evitar para não acontecer o pior. Eu ia lá numa hora, ele escolhia outra. Como se a gente tivesse feito um trato escondido. Assim as coisas iam se ajeitando, cada um com a sua metade de Felícia mas no fundo querendo filhar a parte do outro. A gente jogava um jogo muito perigoso.

Até que um dia, não sei que capeta andou soprando Felícia, ela me disse você quer ver uma coisa? Quer ver como é que Xambá cobre? Tentação, coisa-ruim, aquilo não podia acabar bem de jeito nenhum. Conteí até dez, quis dizer um Credo antes de me decidir, feito minha mãe aconselhava.

Fiquei calado, deixei ela acabar aquela arenga toda feita de passoatrás, pé-na-frente, volta, meia-volta, volta-e-meia, que era como ela costurava a sua conversa matreira. Encurtando, o que ela queria: eu ficava escondido no quarto, ia ver uma coisa de cair pra trás. Será que eu não tinha coragem, ela maluca indagou. Eu bem que podia ter dado umas bolachas na cara dela.

Não dei, engoli a vergonha. Naquela hora meu anjo da guarda devia de estar nalguma pescaria, Eu andava pra tudo, disse apenas está bem, amanhã a gente vê.

No outro dia, até me envergonho de contar, tanta baixeza a gente faz, no quarto de Felícia, me escondi detrás de um armário, fiquei vendo. Xambá entrou com ela no quarto e sem dizer vai água foi tirando a roupa, ele parecia que estava muito apressado. Ela não quis ir logo, começou a brincar com ele, ela estava querendo mais era açular os meus brios. Ainda hoje vejo ela ronronando no cangote dele, gata sacana! Mas eu estava no cio do rabicho, não via nada. Ela falava, como que pedia, cochichava. Eu não escutava, só via a boca de Felícia mexendo, chegava a ver a língua lambendo a penugem do pescoço de Xambá, fazendo cosca, eu é que sentia em mim aquela língua de cobra. Eu espumava de ciúme, nunca fui de agüentar muito. Foi pra fazer fôsquinha em mim que ela me chamou, eu quase berrei.

Ele dava quase dois dela. Assim pelados, ele mulato - ela branquinha, os dois, um era o contrário do outro, mas como se acasalavam! Minha raiva era surda, um deslocamento de terra por debaixo, cuidava que meu peito ia estourar.

De repente eu vi, vi o que nunca pensei ver num homem daqueles, da sua fama, da sua iguala. Xambá caiu de quatro, que nem fosse montaria. Felícia pulou pra cima dele, esganchada no lombo de Xambá. O chicotinho de prata na mão, ela chegava nas ancas dele umas lambadas, que nem um cavalo. Ele

apertava a musculatura, agüentava firme, suave. E eu vi na cara daquele homão macho, daquele cabra de contada memória, um principinho de riso de gozo por debaixo das rugas da dor.

A raiva que eu tinha virou nojo. Nojo de mim, dele não. Por estar ali vendo aquilo tudo, aquela humilhação, aquele vício. Eu que sempre achei que negócio macho-fêmea é coisa à parte, longe das vistas dos outros, coisa de quatro paredes. Eu me botava na pele dele, eu que no fundo tinha até uma certa vergonha de fazer as minhas coisas de dia, chegava a sentir as lambadas no lombo. Eu tinha nojo era de mim mas fingia que era dele que eu tinha nojo. Quis acabar com a pantomima, quis botar um ponto final naqueles dois. Dentro de mim eu queria acabar de vez com aquele circo de cavalinho. A minha posição era boa. O revólver de Xambá no criado-mudo, longe de suas mãos. O revólver na mão, o dedo já no pinguelo, eu esperava não sei bem o quê. Ele estava nu, desarmado, ia ser fácil acabar com ele. Eu já antevia, escutava o estampido.

Quando tudo de repente aconteceu ao contrário do que eu esperava, foi o meu anjo da guarda que voltou. Acho que fiz algum barulhinho de nada, ou ele deve de ter sentido a minha presença no quarto, não sei que coisa deu nele. Só sei que ele se esticou num pinote, cuspiu Felícia longe..

Agora ele se vestia apressado. Felícia caída no chão, na postura mais dolorosa de feia assim pelada, que nem um judas de sábado de aleluia, desengonçada, as pernas abertas. Do jeito que ela caiu, ficou. Sem dar um grito, nem uma palavra, um ai.

Pronto, ele foi se embora. Dentro de mim um mundo inteiro desabou. Saí correndo, nem mesmo olhei para Felícia.

Desse dia em diante eu não passei mais pela Casa da Ponte, nem nunca mais botei os olhos em cima de Xambá. Aquilo me fez mudar de vida, foi a minha salvação. Acho que era o sinal que a minha alma andava esperando,

os guizos das bandas de Deus. Ele também não voltou mais lá, mudou de pouso.

Espessa Cortina da Morte

Então você se lembra de Felícia, disse outro dia o dr. Alcebíades. Eu tinha quase me esquecido de Felícia, passei um tempão sem pensar nela. Depois que você me falou em Xambá, me fez contar aquele caso, é que passei a pensar em Felícia. Tenho pensado em Felícia e Xambá o tempo todo. Curioso, ontem mesmo cheguei a sonhar com ela. Sonho de raro em raro, sou de pouco sonhar.

Tinha quase me esquecido de Felícia. Tanta gente na minha vida de médico, já vivi tanto, tratei de meio mundo, vi tanta gente nascer e tanta gente morrer, que às vezes até me esqueço dos casos, os nomes me fogem. A memória também não anda lá essas coisas.

É velhice mesmo, não demora estou nas cãs da caduquice, de miolo mole.

Felícia, aquelas mulheres da Casa da Ponte. A Casa da Ponte não existe mais, derrubaram tudo quanto era casarão antigo, a igreja velha também se foi, o Largo do Carmo, tudo no chão, é o progresso. Aquelas mulheres da Casa da Ponte e dos outros bordéis. As ninfas malditas e encantadas da sua meninice... Foi você quem disse, estou é apenas remedando. Não estou rindo de você não, estou mais é rindo de me lembrar do menino que você era, do menino recolhido que é capaz que igual eu tenha sido.

Não eram ninfas coisa nenhuma, umas pobres-coitadas o que elas eram. Levadas para a vida por pobreza, imbecilidade, meio social cheio de besteiras. Gonorréias, sífilis, esse mundéu de flores pobres. A Casa da Ponte

tinha gente melhor, a miséria de bafo quente era o pessoalzinho do outro lado da linha da Mogiana, aquelas pobres encafudadas.

A maior parte acaba é na Santa Casa, bichada, ali elas apodrecem.

Eu acho engraçado é você guardar esses nomes todos, compor uma ciranda com eles. Você vive pra isso, dá importância às coisas miúdas. Estou encompridando demais a conversa, nunca que chego ao ponto que quero chegar. Gente velha é assim mesmo, vai se perdendo nos atalhos.

Bem, Felícia saiu da Casa da Ponte, se amigou com um sujeito, depois com outro, e em vez de mudar de vida, foi se afundando cada vez mais no seu atoleiro. Tinha jeito não, coitada. Sou moralista não, mas é a vida, cada um com o seu fim. O fim de Felícia foi se acabar na Santa Casa, numa miséria de dar pena, um fiapo de gente.

Eu estava acostumado com aquela pobreza, não dei importância maior ao caso dela. Quando apareceu por lá, vi que vinha era pra morrer, tinha jeito nenhum não. Mandeí internar Felícia, ela ficou sob os meus cuidados. Toda manhã eu fazia a minha visita à sua enfermaria, via os meus doentes. Ela estava bem ruinzinha, sofria muito.

Já que eu não podia fazer quase nada por ela, eu só pedia a Deus para não dilatar demais o seu prazo de vida. Por causa do sofrimento e de que eu carecia muito de leito de indigente. Era só no que eu pensava vendo aquela pobreza toda. Não tinha revolta, às vezes eu dizia um palavrão, contra o meu feitio, tocava a vida pra frente. Em geral eu era de uma mansidão conformada.

Que jeito eu podia dar senão fazer o que estava no meu alcance, que era atender aqueles coitados?

Eu não reparava muito nele, tinha sempre de espiar o nome que irmã Vitória escrevia com a sua letra bordada na papeleta. Não é falta de atenção, a gente vai se acostumando, tem de tratar bem dos outros, não pode ficar

pondo emoção em tudo quanto é caso. Mas comecei a notar que Felícia queria falar comigo mais demorado, fazia sinais, nós seus olhos um apelo mudo e agoniado.

Um dia eu disse bem, quê que você quer, minha filha? Ela olhou irmã Vitória, depois demorou os olhos em mim. Pedi a irmã Vitória que fosse buscar qualquer coisa lá nos fundos, ela foi. Agora fala, eu disse. Eu queria ter um particular com o senhor, é possível? Pois não, pode ir dizendo. Aqui não, o que eu quero dizer é meie espichado, foi ela dizendo, careço um bocado de tempo pra contar. Depois tem os vizinhos, fico acanhada...

É sobre a sua doença que você quer me falar, eu perguntei.

Não, doutor, não é de doença não, eu sei que eu não tenho mesmo jeito. É um caso que se passou comigo e um homem, não me sai da cabeça, estou delirando não. De noite, então, não é só por causa das dores que eu não garro no sono. Minha filha, disse eu olhando com o rabo do olho o nome na papeleta, Felícia, se você quiser eu mando chamar padre Lauro, ele é que é pra essas coisas, não nasci pra isso. Ele tem a sua missão, eu a minha, cada um com a sua parte. Eu cuido do corpo, ele da alma.

E ele vem, doutor, o senhor acha que ele vem só por causa de uma desinfeliz que nem eu? Vem, eu falo com ele, disse eu, é boa pessoa, vem.

Ela ficou algum tempo calada, depois disse não, por minha causa ele não vem, ele sabe da minha vida, fui rapariga, doutor, mulher da vida, mulher de tudo quanto é macho. Ela parou, de fôlego curto, angustiada. Ele vindo, doutor, de que é que ia valer, não me dava o perdão. Eu não careço de perdão de padre, o senhor não me leve a mal, com Deus eu me arranjo, irmã Vitória não vive falando que Ele é só perdão, coração de boi do tamanho do mundo? Eu só queria era passar pra alguém, pra um homem assim feito o senhor, passar pra frente um peso que vive me puxando, me afogando a alma. Passar pra mim, Felícia? disse eu fugindo.

Quis convencer Felícia que eu não estava preparado para aquele tipo de conversa, era melhor ela querer o padre, tinha mais prática nesses assuntos, eu mandava buscar padre Lauro. Ela não queria padre Lauro de jeito nenhum, era comigo mesmo que ela queria falar. Aquilo me desgostava. Além de tratar do corpo, eu tinha de cuidar das mazelas da alma? Isto não, de jeito nenhum eu queria ouvi-la. Depois, de que valia ela ficar se afligindo à toa naquela hora que mais que nunca ela carecia de repouso? Mas ela não concordava, e seus olhos eram tão agoniados que eu cedi. De qualquer maneira, se ela carecia daquilo pra repousar, pra morrer descansada talvez, eu não tive remédio senão ceder. Amanhã, ela perguntou. O senhor acha que eu duro até amanhã? Dura, Felícia. Seu caso não é assim tão grave. Depois, não fica assim não, que assim você só faz é piorar.

No outro dia dei um jeito de levar Felícia para um quarto que se vagara. Irmã Vitória quis ficar junto, mandei ela embora, ela foi resmungando. Felícia então me falou.

Me falou da vida que levava na Casa da Ponte. Me falou de Xambá, de seu tio Alfredo. Eu nunca que podia imaginar seu tio Alfredo metido num caso daqueles com Xambá.

Sabia que ele tinha a cabeça meio virada, os parafusos bambos, quando era mais moço, espalhava macheza por aí, mas eu achava que todo moço era assim mesmo, não dava maior importância.

Ela misturava muito as coisas. Falava de um e de outro, confusa. Quando eu pensava que era de Alfredo que ela falava, era de Xambá que ela estava falando. Não vou repetir a trapalhada, a barafunda que ela fazia. Vou é encurtar, a conversa foi muito demorada, cheia de choro e lamentos que não interessam ao caso. Assim como ela me passou, aos borbotões, o seu peso, para morrer mais descansada, eu passo pra você em dose alopática, não vou falar de suas lamúrias e pequenezas.

Do que eu pude entender, ela de repente se tomou de amores, uma paixão violenta, por Xambá. Quando ela dizia o nome de Xambá, os olhos lumeavam que nem ainda sujigada pela paixão. Não desgostava de Alfredo, não fazia as coisas com ele maquinalmente, mas com Xambá era diferente. com Xambá ela se entregava toda. Se não fosse o seu estado, eu não admitia aquelas liberdades, a linguagem que chegava a beirar a falta de respeito. Ela não queria parar de fazer com ele, queria que ele não fosse embora nunca mais, queria ir com ele mundo afora.

Mas Alfredo estava enrabichado, não queria ver ela com Xambá. Falava em tirar ela dali, se amigava. Montava-lhe casa, dava-lhe um estadão. Era o que ele prometia.

Ela queria aquela segurança que Alfredo lhe dava. Sabia que era um capricho de Alfredo, logo a abandonaria. Não custava nada tentar, outras tinham tentado, algumas conseguiram até virar mulher de respeito, embora meio apartadas da cidade. Ela sabia que com Alfredo, mesmo amigada, continuava mulher da vida, de uma certa maneira segregada. De qualquer jeito era um passo à frente, para ela era um progresso. Sendo sabida, podia até conseguir que Alfredo lhe desse uma casa, era com o que ela mais sonhava, ter alguma coisa de seu na vida, um lugar onde cair morta na velhice.

Ela andava era de coração dividido, não sabia o que fazer. Não desgostava de Alfredo, mas gostar mesmo, gostar de verdade, era de Xambá que ela gostava. Maluca por ele, pensava nele o dia inteirinho, de noite rolando na cama pensava em como tinha sido com Xambá de dia. Não conseguia fazer direito com os outros, apesar de que era muito experimentada, dona de muitas artes. Quando com os outros, era em Xambá que ela pensava. Para agüentar peso de homem em cima dela, tinha de pensar em Xambá. Uma doideira, ela dizia. Às vezes queria se matar, tentava a

formicida, o bilhete em cima do criado-mudo, o escarcéu. Elas às vezes são românticas, você sabe, é preciso não esquecer. Mas cadê coragem? Botar fim na vida não é coisa à-toa, demanda tutano ou doideira, não vê o Zózimo, seu tio, coitado?

Cadê coragem? Era uma mulher de querer muito fraco, dizia. Mas maquinou um plano terrível, diabólico mesmo, o capeta é que ia resolver, foi o que ela falou. Ela apenas ajudaria com o corpo, era um brinquedo na mão de Deus... Ou do diabo, eu mentalmente corrigia. Tentação, doutor, coisa-ruim, era só isso que ela sabia dizer.

Aquela idéia nasceu uma sementinha dentro dela, foi crescendo, crescendo, virou jequitibá velho. E ela não sabia o que fazer com aquele tamanhão de árvore, aquela galheira toda embaralhando, ensombrando dentro dela.

Se ela por si não conseguia se matar, os outros é que iam decidir por ela. O que resolveu fazer no fundo era uma forma de suicídio. Sem força ou tutano pra puxar o gatilho ou entornar o copo, escolheu aquele caminho, um enredo que é difícil de explicar, tão confusa ela estava, tão atrapalhada com as palavras, tão galopante, dispnéica.

De qualquer jeito ela podia, foi o que pensou. Um suicídio. Ela iria conforme a inspiração do momento, o que lhe viesse na cabeça, os dois é que iam decidir por ela. De moto próprio, ela dava só o primeiro passo. Depois seria a ribanceira, a engrenagem, a máquina que não poderia mais parar, ela achava.

Ela falava em suicídio, morta por um dos dois, mas no fundo o que queria era que um matasse o outro, que decidissem; por ela. Já que o coração não se resolvia, era o caso de uma disputa. Alfredo era a vida segura, regalada. Xambá a vida aventureira, o amor mais fundo. Sonhava em sair com ele pelo mundo, começaria vida nova debaixo do mando de um

homem macho e corajoso feito ele, de fama tão decantada. Vendo as coisas dos dois lados, com Xambá seria melhor, ele falava até em assentar juízo, se casava com ela, ia ser vaqueiro, trabalharia de peão numa fazenda qualquer longe daqui. Mas alguma coisa prendia Felícia a Duas Pontes, àquela vida. Se ela mesma não entendia a divisão em que se achava, como é que eu vou entender? Sei lá, vá a gente entender um vivente, julgar os outros.

Vou ordenar um pouco as coisas, para melhor entendimento. Ela não escondia nada, disse tudo o que queria dizer, se acusou muitas vezes, a maior parte do tempo se amaldiçoando. Dizia que contava todas as baixezas que tinha feito, eu que tentasse compreendê-la, perdoá-la. Eu não entendia sobretudo um ponto: como é que ela, amando tanto Xambá, queria que Alfredo matasse Xambá? Foi o que primeiro ela pensou, por aí é que tudo começava. Não cabia amor na sua vida, ela falava, não merecia amor, carinho, essas coisas quentes e agasalhadas, puras. A sua vida era suja demais, ela dizia.

Xambá não tinha vício nenhum, era só puro amor. Um amor tão puro e fundo como ela nunca viu. Ele era meio seco, fechadão, às vezes arriscava um carinho mais forte, feito tivesse medo. Gostava de fazer as coisas normalmente, papaimamãe, foi o que ela disse, veja você! Homem fechado e secarrão, tinha horas que ele falava, contava casos da sua vida, se abria em baralho. Falava sempre em levar ela para outra cidade, mudava de vida, se casava com ela, não cansava de repetir. E ele era homem de palavra, sabia que tudo que ele falava era verdade, gostava demais dela. Ela pedindo, ele faria.

Foi então que lhe veio a primeira idéia, depois as coisas tomaram o rumo que tomaram, ela não tinha mais mão em si. Ela não sabia direito o que ia fazer, maquinava.

De rascunho em rascunho ia fazendo um plano de tudo o que ia acontecer independente da vontade dela. Ela só dava o primeiro passo, o sopro que acendia as achas da fogueira.

Tudo combinado, um dia ela mandou Alfredo se esconder no quarto, detrás do armário. Ia ver uma coisa que ele nunca tinha visto, foi o que disse.

Ela começou acarinhando muito Xambá, fazia as delicadezas, as coisas melhores e mais mansas que ela sabia fazer. Entre um carinho e outro, uma palavrinha aqui outra ali,' semeava. Então, foi, pediu. Ele ficava de quatro no chão, só isso. Ele nunca tinha feito aquilo, a posição era meio vexante, ele não se rebaixava. Ela pensou que ia levar um tapa na cara, contava com tudo no que rascunhara. Tanto ela fez, tanto pediu e implorou entre beijos e palavrinhas que só mulher sabe dizer, que ele não se fez mais de rogado, cedia.

Vai, ele caiu de quatro. Ela via o chicotinho de prata de Xambá em cima da cadeira. O chicotinho de prata que fustigava Jaú nas correrias, a tropelia dos meganhas atrás dele, os tiros pipocando. O revólver de Xambá no criado-mundo, tinha que ter a ligeireza de uma gata. Outro revólver detrás do armário - Alfredo, o dedo já no gatilho certamente. Ficou um momento parada, ele de quatro no chão, ela sem saber o que fazer. Tudo dependia dela agora. Qualquer passo em falso, uma dúvida podia botar tudo a perder. Alfredo acabava com Xambá, seria fácil, fácilimo. Alfredo também era bom atirador, diziam. Mesmo assim, pensou num movimento derrubar para longe o revólver no criado-mudo, pra facilitar o outro. Ela não pensava assim claro, era mais uma sombra dentro dela tentando. Foi aí que o capeta lhe soprou uma idéia maluca. Idéia que foi uma chispa no amontoado de pólvora. De um salto ela foi se esganchar no lombo de Xambá. No galeio para o salto tinha pego o chicote.

O chicote na mão, deu a primeira lambada. Depois outra, na fúria mais outra, não sabia quantas.

O que não entendia é como ele não tinha jogado ela longe na primeira chicotada que estalou na anca.

Alfredo estava num lugar muito bom, a posição de Xambá era desvantajosa, ela não tinha precisado de derrubar para longe o seu revólver. Alfredo com certeza espiando tudo. Ela esperava, ele devia de acabar logo com Xambá. Não tinha pedido nada a Alfredo, nem trabalhado nada, só esperava. Por que ele não se mexia, não fazia alguma coisa? O que ela estava fazendo era danado de perigoso. Mesmo na desvantagem, Xambá podia matá-la. Diziam que ele tinha o fôlego e o pulo do gato, repentino. De um salto se armar, aí acabava com ela, ela mais Alfredo.

Ele agüentou firme mais algumas lambadas, ela não entendia aquela mansidão de bicho de sela. Não entendia por que Alfredo custava tanto a atirar. Foi quando de repente Xambá deu um sacolejão, ela foi atirada longe, um molambo. Quê que deu nele? tudo que ela tinha pensado não acontecia. E ela agora esperava, estava na mão de Xambá, dos dois.

Mas agora ele se aprontava ligeiro, mal abotoando as calças. Será que ele tinha visto Alfredo, sentido que tinha alguém no quarto, fugia? Não, de jeito nenhum, de onde estava não podia. Só se ele não fosse gente más bicho, fosse adivinho. Não, ele nunca tinha sido de adivinhações, só se na hora do perigo a coisa acontecia.

Ela esperava que alguma coisa acontecesse, não acontecia. Ele apanhou a arma, o chicote no chão, olhou bem para ela. Nos olhos arregalados, o espanto, o medo. Não de Alfredo, ela agora tinha certeza - de jeito nenhum ele viu nem sentiu que Alfredo estava no quarto. O medo que ele tinha era dela: olhava-a como se ela fosse pactária, o próprio coisa-ruim em pessoa.

Apertou os olhos feito agora ele estivesse sentindo muita dor, feito querendo apagar uma visão dolorosa. Sem dizer palavra, partiu de vez.

As Malhas da Lei

Seu Dionísio ia falando. Se lembrava de Xambá? Lembrava muito, lembrava demais até. Houve um tempo em que ele não conseguia esquecer Xambá, por mais que tentasse.

Agora só de vez em quando lhe vinha aquele pesadelo, a lembrança agarrada no fundo do coco. Por que João queria tanto saber? Lembrava-se. Só que fazia um despropósito de tempo.

Hoje-em-dia quase ninguém mais fala nele. Naquele tempo não, o povinho vivia falando, todo mundo tinha um caso de jagunçaria pra contar. Também não era pra menos, aqueles cabras é que vigiam e desmandavam, a gente andava em pé de guerra, todo santo dia era tiroteio. De noite o povo só escutava, fechava a janela de medo.

Ele ainda pegou uns restinhos do tempo de Nenê Cabo Verde, Indalécio, Josino, Arimatéia. Um rosário de gente ruim que nem cobra. Xambá veio muito depois, quando a fama daquela gentinha já vinha finando. Dos outros só tinha lembranças vagas. Já de Xambá podia falar espichado, contar muitos casos. Agora que João tinha falado, se lembrava bem, clarinho agora, água de mina.

Xambá, aquele homão enorme de grande, cabra sarado! Vivia fazendo dos outros gato e sapato. com ele é que Xambá não tirava farinha. Só reinou enquanto ele quis, enquanto seu coronel Tibúrcio, que Deus o tenha na sua santa glória, consentiu.

Sim, ele é que era o delegado naquele tempo. Não que carecesse do lugar, estava mais era prestando um serviço para o coronel, seu compadre e chefe político, quem mandava em Duas Pontes.

Logo nos seus primeiros dias de delegado quis acabar com aquelas mortes e estragos. Mas tinha de falar primeiro com o coronel Tibúrcio, saber o que ele achava. Quando falou em Xambá, o coronel emudeceu. Viu que o coronel tinha ficado contrariado, não gostou que ele tocasse no assunto.

O que diziam na cidade era verdade, viu: o coronel Tibúrcio é quem protegia Xambá. O coronel mesmo mal falou um naco da verdade, não era homem de dar conta dos seus atos. Mas porém falou: devia alguns favores ao cabra Xambá, quando uma feita a política andou meio braba, era tempo de muita guerra. Quanto aos outros jagunços, estava bem, mas com Xambá a coisa tinha de ser diferente.

Bem, coronel, disse seu Dionísio, então eu estou achando que o senhor bem que podia arranjar um outro pró lugar de delegado. O coronel Tibúrcio estranhou a ousadia, pigarreou. Batia na cangalha pró burro entender. Seu Dionísio pensou duas vezes. O senhor querendo, eu fico, disse ele. Mas seu Dionísio não era homem de engolir em seco, queria falar umas coisas para o coronel Tibúrcio. Quer dizer então que o Xambá querendo, pode tudo? disse a modo de consulta e insinuação. Isto não, cortou irritado o coronel. E corrigiu: também Xambá não era assim feito falavam, diz-que devia muitas mortes nos dois lados da divisa, mas ali no município ele não sabia de nenhum caso notório. Xambá fazendo alguma, seu Dionísio podia agir como achasse melhor. Ia falar com Xambá, dava ordens, podia ficar descansado. Já que o senhor vai falar com ele, disse seu Dionísio, não custa nada, o senhor é quem sabe, Xambá não deve de nunca pernoitar na cidade. Ficar, só de passagem. Mesmo assim, era bom ele não passar diante da cadeia, para não afrontar a soldadesca. O resto mais a gente arranja, pra tudo tem jeito,

disse seu Dionísio. O coronel Tibúrcio sorriu aliviado: seu Dionísio era homem seu, podia dormir descansado, homem de confiança estava ali.

Ficou tudo conforme o combinado, mais este ponto de suma importância. Xambá, além de façanhudo de mortes e correrias, tinha outro crime, um crime imperdoável mesmo para a bondade do coronel Tibúrcio - era ladrão de cavalo. Xambá roubando cavalo, unzinho que fosse, de qualquer fazendeiro, sitiante ou colono, ficava o dito por não dito: aí acabava a proteção do coronel.

Agora Xambá vivia quieto no seu canto, conforme o trato. Ficava de longe assuntando, quando vinha na cidade era de passagem. A gente chegava a estranhar aquela mansidão toda.

Mas vício não acaba assim dum dia pró outro, só porque um decidiu. Vai então um dia Xambá andou trocando tiros com um homem da Fazenda do Tanque. Sabendo onde ele estava acoitado, seu Dionísio foi e perguntou ao coronel como é que devia agora proceder. Foi roubo de cavalo, indagou o coronel conferindo o seu código de honra.

Desta vez ainda não, disse seu Dionísio. Então faz o seguinte, disse o coronel. Você vai, dá uma corrida nele, exempla só, não prende nem mata não. Uns tirinhos mais pra espantar, ele já sabe, vai entender, o cabra não é burro, arrematou o coronel Tibúrcio. Ia andando, estava com uma pressa danada, foi o que disse.

Seu Dionísio também acreditava na coragem de Xambá. Muitas vezes, agora que a proteção do coronel tinha amansado um pouco, saiu atrás dele. Chegou mesmo a encantoar o bicho. Xambá sempre dava um jeito de escapulir, seu Dionísio também não queria enfrentar ele assim à toa, esperava a vez.

A vez custou mas veio. Foi quando Xambá roubou uns cavalos do Ildefonso Guedes, casado com a Durvalina, dita afilhada do coronel

Tibúrcio mas que todo mundo sabia que era mesmo filha. As ordens agora de repente mudaram. Ele devia prender Xambá de qualquer jeito. Matar não, o coronel Tibúrcio queria ter ele vivo com os cavalos, para um particular. Via-se que Xambá estava em maus lençóis.

Para completar a quantidade de homens de que ele carecia, o coronel arranhou uns três bate-paus dos bons, distribuiu os trabucos. O serviço tinha de ser bem feito, não podia contar só com os meganhas do destacamento.

Seu Dionísio agora vivia na espera. Um dia, foi, teve notícia de Xambá. Ele tinha atravessado a divisa, vindo pró lado de Minas. Dormira numa tapera perto da Fazenda da Cachoeira. Seu Dionísio, perdigueiro, foi atrás, queria o homem vivo, deu ordens para a gente embalada. Cercou Xambá ali mesmo, pertinho. Ele e mais um outro seu companheiro conhecido por alcunha de João Cagadinho. O nome não era muito cheiroso mas o cabra tinha um fumação de valentia. O encontro finalmente se deu. O primeiro tiroteio foi pró ar, conforme as ordens. Os dois não tinham como agüentar, só deram uns tirinhos de nada, estavam bem cercados. De repente, sem que ninguém esperasse, Xambá gritou que ia sair, se entregava.

Na cadeia seu Dionísio ia tirar tudo a limpo. Primeiro ele falou com João Cagadinho. Xambá ali junto, ouvindo, só espiando. Mas nada de João Cagadinho abrir o bico.

Seu Dionísio resolveu então mudar de método, já que os bons modos não estavam dando certo. Deu ordem a cabo Militão para arrancar de João Cagadinho, de qualquer jeito, onde é que tinham escondido os cavalos. Cabo Militão usou de todos os argumentos, da ameaça de morte à tala no lombo. Lapte, lapte, lapte, cabo Militão descia a tala com gosto no lombo de João Cagadinho. Mas não é que aquele porqueira, aquele fiapo de gente, aquele merda seca, até meio cacundinha ele era, cuja coragem não condizia com o nome nem com a pessoa, não é que ele nem piou?

João Cagadinho caiu meio morto num canto, esmolambado. Agora era a vez de Xambá. Seu Dionísio chamou ele de lado, um homem machão feito aquele merecia algum respeito e cerimônia. Diante da fama a gente sempre se arrepia. O senhor dizendo onde é que estão escondidos os cavalos, não vai acontecer nada, disse seu Dionísio. Xambá ficou calado, os olhos no chão, não dava resposta. Então seu Dionísio foi se afastando, se afastando, sentou num banco, o revólver engatilhado, o dedo no pinguelo, Xambá na mira.

Era ele tretar e bala cantar. Seu Dionísio fez um gesto para o cabo, ele custou a entender. De tala, homem! De tala no lombo do bicho! Foi seu Dionísio falar e a tala cantar.

Aí então seu Dionísio viu o que nunca imaginou. Na primeira lambada de cabo Militão, Xambá caiu de joelhos, as mãos pró ar, rogando. Tivessem pena dele, pelo Santo Amor Divino, não carecia bater, ele falava tudo. Eles não eram dois mas três, conforme falou. O terceiro, um certo Domingão, tinha ficado escondido com os cavalos num capão junto da divisa, no Tanquinho. Era eles irem lá e pegavam o homem.

E Xambá, a gente não podia acreditar, aquele homão temido, chorava diante da soldadada, uma vergonheira. Chorava pelos olhos, pelo nariz, pela boca. A cara lustrosa de lágrima, um meninão se borrando.

O que eu senti foi mais nojo daquele homão chorando, disse seu Dionísio. Além do mais o homem era traidor, não carecia de ter dito o nome do Domingão, a gente nem sabia que ele andava por aqui.

Então seu Dionísio levou Xambá para a cela, dispensou os praças, disse que ainda queria ter uma conversinha particular com ele. Na cela, falou a Xambá que tinha ficado muito agradecido, a ajuda era muita, ele andava mesmo querendo deitar as unhas no Domingão. Seu Dionísio não era homem malagradecido, foi o que disse a modo de engambelar Xambá. Ia deixar a

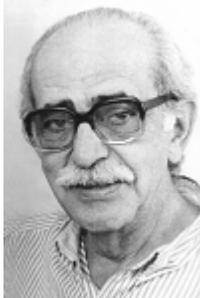
porta da cela encostada, era só ele empurrar; cabo Militão tinha um sono muito pesado, bastava ele ouvir os roncões de cabo e agir.

Seu Dionísio foi e disse a cabo Militão que a guarda daquela noite devia ser bem reforçada, de fuzil embalado e tudo mais. Ele disse que tinha medo de vir gente soltar Xambá. Não era só Domingão, era um bando todo que estava lá no Tanquinho. De manhã cedo eles iam cuidar do bando, aí sim é que a luta ia ser feia, foi o que disse para animar o cabo. Ia pra casa descansar, tendo novidade era só mandar chamar que ele vinha. Mas não carecia chamar, confiava nele. Cabo Militão devia fazer como achasse melhor, a decisão ficava com ele.

Seu Dionísio soube depois: Xambá - cabo Militão não sabia por que artes mágicas (O senhor deixou a porta da cela aberta, perguntou o cabo. Não, disse ele, tranquei bem trancado, me lembro), Xambá conseguiu abrir a cela, saltou o muro da cadeia que nem um gato. Quando na rua, começou a fuzilaria.

O homem tentou fugir, foi o que contou seu Dionísio depois ao juiz. O juiz franziu a testa, pensou bem, decidia. Tentativa de fuga, concluiu dando o caso por encerrado.

SOBRE O AUTOR



Autran Dourado nasceu na cidade de Patos, Minas Gerais. Até 1954 viveu em Belo Horizonte onde, ainda menino, descobriu a literatura via Eurico, o Presbítero de Alexandre Herculano.

Nos anos seguintes, Machado de Assis e alguns cronistas portugueses foram os autores que mais leu.

Aos 17 anos tinha pronto um livro de contos. Iniciou-se no jornalismo n'O Estado de Minas e cursou a Faculdade de Direito, bacharelando-se em 1949.

A partir de 1954 passa a residir no Rio de Janeiro, tornando-se Secretário de Imprensa da Presidência da República no quinquênio 55/60.

A partir da publicação de A Barca dos Homens (1961) começa a ser estudado nos colégios e universidades.